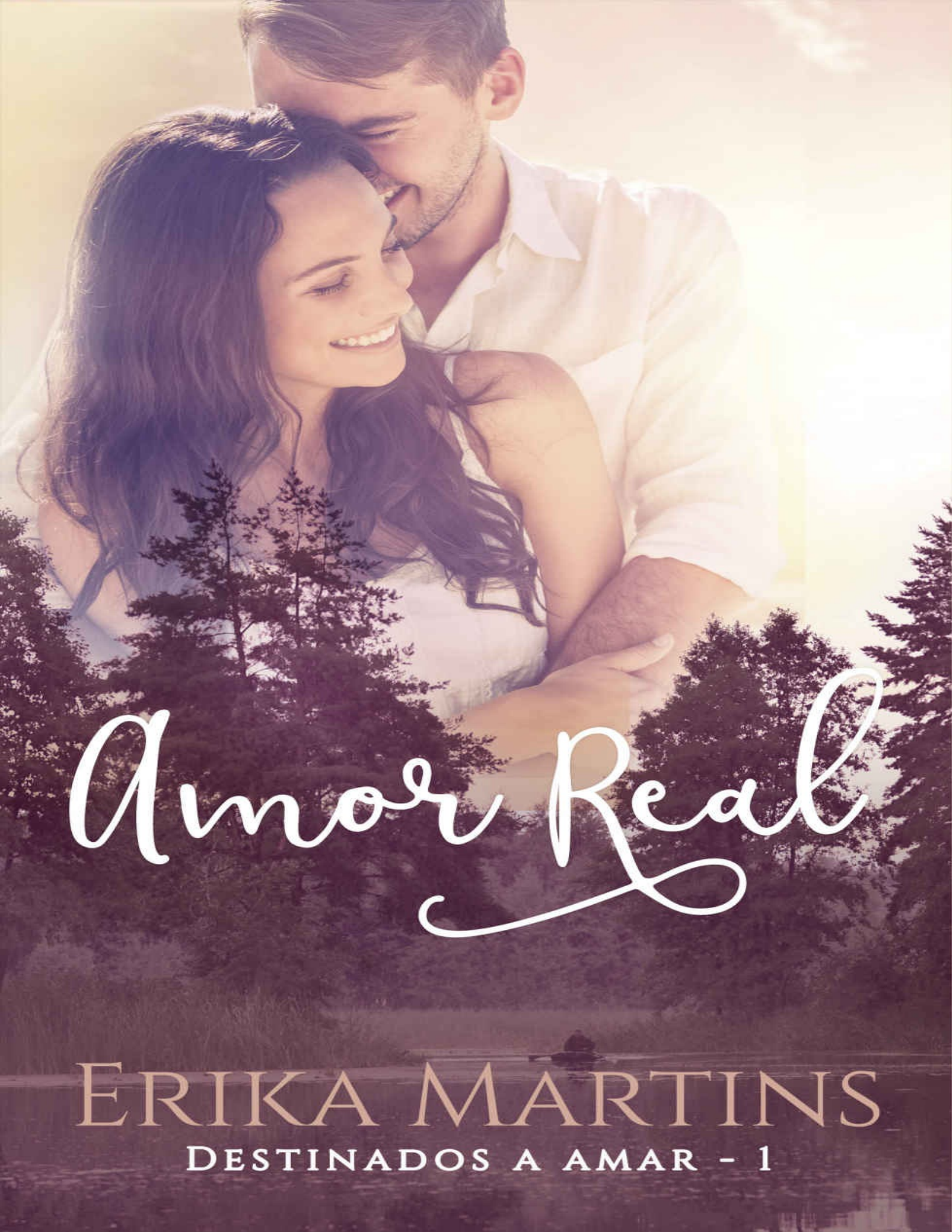


A romantic couple embracing in a forest at sunset. The man is wearing a white shirt and the woman is wearing a white top. They are both smiling and looking at each other. The background is a warm, golden sunset with silhouettes of trees in the foreground.

Amor Real

ERIKA MARTINS

DESTINADOS A AMAR - 1



Amor Real

ERIKA MARTINS

Copyright © 2018 ÉRIKA MARTINS

Capa: Michaelly Amorim – Fênix Produções Editoriais
Revisão: Morgana Brunner
Diagramação: Denilia Carneiro – Fênix Produções Editoriais

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

AMOR REAL
Destinados a Amar – 1
1ª Edição
2018
Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Querido leitor,](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

Querido leitor,

Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter dado uma oportunidade para conhecer a história de Vitor e Sofia. No entanto, também gostaria de citar alguns pontos antes de mergulhar neste romance cheio de bom humor.

Em *Amor Real* não é citada uma cidade específica onde desenrola a história. Deixe sua imaginação livre para encontrar o lugar perfeito para ela, nenhum lugar real é citado no meu livro, qualquer semelhança a realidade é mera coincidência.

O intuito do livro é mostrar um relacionamento verdadeiro, realista, sem a adição desnecessária de brigas, acidentes ou crimes.

Aproveite o máximo a leveza desse livro e se apaixone.

Boa leitura!

Com carinho, Erika Martins.

Para o meu Amor Real ...

*Mesmo que seja cheio de piadas bobas, mas que enche
minha vida de alegria com seu, muitas vezes, irritante
bom humor.*



Prólogo

Uma brisa fresca passou pela área aberta onde Vitor estava sentado. Ele suspirou alheio a conversa de seus irmãos e amigos. Olhou para o brilho do grande lago a sua frente e levou o resto de sua cerveja na boca. Estava um pouco cansado e sua mente levemente perturbada. Algo que parecia normal nos últimos meses. Mas tentava não se abalar, não queria se abalar.

— Ei, Vitor, em que mundo está? Porra! — Guilherme, seu irmão, perguntou.

Ficou aliviado por usar óculos escuros, não sabia o quanto seus olhos poderiam revelar naquele momento. Olhou para o irmão e mostrou a lata vazia, Guilherme sorriu e enfiou a mão dentro da caixa térmica que tinha enchido de gelo e cerveja.

Estavam sentados à beira do lago conversando besteiras e relaxando para o fim de semana. Chegaram ali pela manhã, limparam e organizaram a casa. Pedro, Guilherme e Vinicius, seus irmãos, também vieram. Assim como seus amigos de infância, Gustavo e Daniel. E seus pais, Luís e Elis. Mais tarde chegariam mais algumas pessoas e logo a casa estaria cheia. Todos estavam ali para passar o fim de semana como vinham fazendo a mais de quinze anos.

Sua mãe, Elis, tinha ganhado a casa do lago depois do falecimento do seu pai, como herança. Reformaram o local fazendo-o se tornar o refúgio da família.

Guilherme lhe jogou uma lata nova e ele pegou com facilidade. Abriu o lacre e tomou um gole.

— Como está o joelho? — Gustavo perguntou.

— Doendo, a mãe deve ter esquecido de trazer o gelo pra mim. — Ele respondeu e colocou a lata gelada no joelho inchado.

Como tinha esforçado demais carregando peso e andando, seu joelho inchou. Sem contar que na noite anterior foi jogar uma partida de futebol com os amigos. Agora pagava um preço alto pela imprudência. Vitor tinha sofrido um acidente de carro há três anos, onde seu joelho foi o que mais sofreu. Sofria com uma dor crônica no joelho esquerdo depois de uma ruptura no ligamento.

Evitava tomar o analgésico para dor, sabendo o quanto viciante podia ser se livrar *daquela maldita dor*.

— Vou ao banheiro e aproveito para trazer o gelo para você. — Pedro falou se levantando. — Só não se acostume, não sou sua empregada.

Vitor riu com a brincadeira do irmão e agradeceu. Tomou mais um pouco da cerveja, enquanto ouvia os rapazes ao seu redor falarem sobre o jogo de ontem.

— O que foi aquele tombo do Vinicius! — Dan exclamou e todos riram.

— Minha bunda ainda está doendo, porra. — Vinicius reclamou rindo. — Mas valeu a pena.

Todos olharam para ele com curiosidade.

— Tinha uma gata de vestido curto na arquibancada e se inclinou. Por isto, não vi o cara vindo em minha direção.

Ele se calou e depois riu alto como se lembrasse da cena.

— Estava olhando para a bunda dela e quando caí, Deus, a visão de sua bunda foi incrível.

— Esse é o nosso *Steve Stifler*¹. — Gustavo brincou e o riso foi mais alto entre os amigos.

Vinicius contou mais alguma coisa de sua queda no dia anterior, causando muitas risadas. Segundo sua mãe, Elis, ele era incorrigível. Tinha mais hormônios do que um cachorro no cio. Ela alegava que os quatro filhos eram terríveis, mas nenhum superava Vinicius.

Vitor sorriu ao lembrar das palavras de sua mãe, *Vini* era realmente incorrigível.

Pedro apareceu ao seu lado e lhe ofereceu uma bolsa de gelo.

— Valeu.

Seu irmão sorriu e colocou um banco de plástico na sua frente. Com cuidado elevou a perna esquerda e a apoiou no banco. Fez uma careta de dor e colocou o gelo sobre o joelho. Desde seu acidente, todos o ajudavam da melhor forma possível. Apesar de que Vitor não gostava muito da situação, por ter se tornado tão dependente e limitado. Mas era grato por todo apoio e ajuda que

recebia.

O lado bom daquilo era que todos ficaram ainda mais unidos. Aprenderam a apreciar cada momento da vida.

Viviam intensamente, sem barreiras ou limites.

Entre os seis havia uma cumplicidade bonita. Não eram todos irmãos de sangue, mas se consideravam família. Parceiros por toda a vida. Nunca seriam perfeitos, sempre brigariam por quem tomaria a última cerveja, mas apesar de tudo, sempre seriam amigos. Leais. Companheiros.

— Não vai atender? — Dan perguntou.

Vitor estava tão perdido em seus pensamentos que não sentiu o celular tocar no bolso. Pegou o aparelho e desligou a chamada quando viu quem estava ligando.

— Ela continua te ligando. — Pedro afirmou.

— Sim. — Vitor resmungou e bebeu mais de sua cerveja. — Não vou atendê-la.

— Vocês deveriam conversar. — Guilherme disse e deu de ombros.

— O tempo de conversar já passou. Gui.

— Foda. — Gustavo murmurou.

— Ela não devia ter sumido depois do que aconteceu. — Vinicius disse e abriu outra lata. — Mas acredito que deveria ter sido muito difícil para ela.

— Não duvido, sei que foi. — Vitor disse bebeu o resto da cerveja na lata e a jogou no canto. — Mas foi difícil para todo mundo.

Seus amigos e irmãos acenaram concordando. Guilherme lhe jogou outra lata, ele abriu e bebeu um gole antes de voltar a falar.

— Eu estava lá para ela, o quanto precisasse de mim. Sofri o luto sozinho porque ela preferiu viajar e esquecer. Preferia ficar sozinha a me encarar, a encarar a realidade. Fingir que nunca aconteceu, que nunca perdeu nada. Me traiu, traiu nosso casamento — suspirou cansado. — Isto nos desgastou, me desgastou.

— Você ainda a ama? — Dan perguntou.

— Sinto carinho por ela, apesar de tudo. Tivemos uma história, momentos bons e outros ruins, mas acabou. Não foi amor, se fosse, não teria acabado. — Vitor disse pensativo. — Não existe mais volta.

— Talvez o seu amor ainda esteja perdido por aí. — Vinicius brincou. — Vamos continuar pulando de cama em cama até descobrir qual é a maldita mulher que vai nos prender a ela.

Os rapazes riram da conclusão de Vinicius.

— Você é incorrigível, menino.

Todos olharam para trás, onde Elis os olhava com um sorriso amoroso no rosto.

— Só estou à procura do meu amor, mãe.

— Mentiroso. — Ela disse rindo. — Vamos, o almoço está pronto.

Todos se levantaram, dona Elis detestava chamar mais de uma vez para irem comer. Além do mais, que ela não os aguardaria. Comeriam sozinha com seu marido e depois daria um grande sermão nos seis rapazes.

Guilherme ficou do lado de Vitor e o ajudou a subir o gramado. Seu joelho estava muito inchado e a dor terrível, mas ele não se importava. Preferia beber cerveja do que tomar remédios para dor.

Sentaram na mesa de madeira do lado de fora da cozinha. Comeram e conversaram, como uma grande família fazia.

¹Personagem do filme American Pie, conhecido por sua falta de pudor e viciado em sexo.



Capítulo Um

Sofia gemeu frustrada quando o seu despertador tocou. Era sábado e ela queria dormir mais um pouco, mas não poderia. Aos sábados ajudava na floricultura de sua avó, Lurdes. Desligou o despertador e voltou a cochilar.

Quando acordou novamente, já tinha passado meia hora e estava atrasada. Pulou para fora da cama e correu para o seu guarda-roupas. Tirou o pijama em um segundo e vasculhou seu armário em busca de algo rápido para vestir. Colocou as pressas uma camiseta branca e pegou uma calça jeans.

Uma batida na porta a assustou.

— Já acordei! — gritou ela.

— Acho bom, porque sua avó vai lhe arrancar os cabelos.

— Pai!

— Aquela velha é louca.

— Vou contar para ela. — Sofia brincou, enquanto puxava a calça por suas pernas.

— Não se atreva.

Ela riu alto, sua avó era uma figura. Seria muito provável ela deixar um olho roxo em seu pai por chamá-la de velha e louca.

Sofia juntou o cabelo em um coque bagunçado, sem tempo para penteá-los. Abriu a porta e viu seu pai encostado na parede do corredor com os braços cruzados.

— Bom dia, princesa.

— Bom dia, pai.

Beijou seu rosto e correu para o banheiro. Fez sua higiene pessoal e voltou rapidamente para o quarto, passou um pouco de perfume e um de *gloss* transparente nos lábios. Calçou as sapatilhas pretas que estava no canto do quarto e pegou sua bolsa antes de sair.

Antes de alcançar a porta, ouviu seu pai gritar, dizendo que lhe levaria um lanche mais tarde. Já que não teria tempo para tomar café.

— Obrigada — gritou de volta.

A floricultura era dois quarteirões abaixo de sua casa, andou o mais depressa que conseguiu.

Quando alcançou a loja já estava sem ar.

— Cheguei! — exclamou assim que viu sua mãe no balcão de atendimento.

— Bom dia, filha, está atrasada.

— Desculpe, mãe, não resisti a mais alguns minutinhos.

Ela sorriu e lhe deu um beijo no rosto.

— Tudo bem, tem trabalhado muito.

— Tudo bem nada, essa menina tem que chegar no horário combinado. — Lurdes protestou.

— Bom dia, vó, como passou a noite?

— Não tente me enrolar.

— Jamais.

Sofia a beijou na bochecha e sua avó sorriu.

— Vamos levar os arranjos de casamento e já voltamos.

— Cuido de tudo aqui.

Sofia afirmou para sua avó.

— Laura vem te ajudar assim que sair do curso de inglês.

Sofia acenou concordando, sua irmã também sempre vinha nos fins de semana. Era bom ter mais alguém para ajudar, já que sua avó não gostava de contratar pessoas de fora para trabalhar na floricultura. Segundo dona Lurdes, era uma loja de família, nunca poderia confiar em qualquer um para cuidar de algo que amava tanto.

Elas se afastaram falando dos arranjos e Sofia foi organizar o balcão. Depois pegou os vasos de flores mais bonitos que tinha nas prateleiras e

começou a embrulhá-los para presente.

Assim adiantava para quando um cliente quisesse comprá-los.

Amarrou o laço finalizando o arranjo e sorriu ao ver que ficou bonito. Levantou o olhar quando viu alguém entrando.

— Olá! Bom dia. — O rapaz disse assim que seu olhar encontrou com o dele.

Sofia sorriu para o cliente gentilmente. Ele andava em sua direção e ela viu que mancava de leve.

— Estou precisando de flores. — Ele disse e depois riu.

— Acho que veio no lugar certo. — Sofia brincou.

— Tenho certeza que sim.

— Do que precisa?

— Talvez um buquê, é para minha mãe e ela ama flores.

— Uma vaso de flor não seria melhor? — ofereceu.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou pensativo.

— Sofia.

— Sofia, acredito que tenha algum vaso de flor que vai encantar minha mãe.

— Ela tem alguma preferência?

— *Oh*, não, ela tem um jardim cheio de diversas flores. Não saberia dizer qual é a preferida.

Sofia sorriu, era típico de homem não saber muito bem as coisas. Principalmente, se fosse algum presente a comprar, eles nunca seriam capazes de fazer isto sem ajuda. Tinha exemplos em casa, seu pai e seu irmão eram péssimos para presentes. Dava até arrepios quando eles cismavam em comprar um presente sozinho.

— Como chama essa flor?

Ele apontou para o vaso que tinha acabado de fazer um arranjo.

— Azaleia.

— Muito bonita, acha que ela poderia gostar?

— Se ela é uma amante de flores, acredito que sim.

— Ela poderia tirar do vaso e plantar no jardim? Estou perguntando porque tenho certeza de que é algo que ela vai fazer se eu levar um vaso de flor.

— Claro que sim.

— Então, vou levar esse.

Sofia não se surpreendeu. Homens nunca demoravam muito para comprar, sempre eram práticos e fáceis de agradar.

Antes que ela tivesse tempo de dizer o preço alguém gritou da porta.

— Ei, Gui, eu o achei.

— Porra.

Seu cliente xingou baixo.

Antes que pudesse piscar, mais três rapazes apareceram dentro da loja.

— Inferno, Vitor, estávamos te procurando.

— Infelizmente encontraram. — Vitor brincou e Sofia sorriu.

— Você nos largou naquela loja. — Pedro resmungou.

— Disse que não saberia comprar uma roupa para ela, vocês que não me ouviram. — Vitor disse e voltou a olhar para Sofia. — Quanto é o vaso de flor?

— Vinte e cinco.

— Você é um gênio, Vitor. — Vinicius brincou e encarou Sofia. — Princesa, arrume um desse para mim também.

— Eu também quero. — Pedro e Guilherme falaram juntos.

— São irmãos? — Ela perguntou sorrindo.

— Sim. — Vitor respondeu.

— Sua mãe vai ter um jardim hoje. — Sofia brincou. — Mas acredito que

devem levar flores diferentes.

— Você salvou o dia. — Guilherme disse sorridente.

Foi a meia hora mais conturbada daquela manhã. Os três irmãos de Vitor começaram a competir quem ficaria com a mais bela flor. Quando enfim cada um escolheu o seu, ela embrulhou os vasos de flor com os papéis de seda mais bonitos que tinha. E colocou lindos laços. Eles pagaram e pareciam satisfeitos por terem resolvido o problema do presente.

— Obrigado, Sofia. — Vitor disse e lhe estendeu a mão.

— Sou eu que agradeço...

— Vitor.

— Vitor. — Ela repetiu e sorriu quando apertou a mão dele.

Eles se despediram e saíram da loja conversando.

Sofia riu alto ao lembrar o jeito divertido dos irmãos e voltou ao trabalho. Mais tarde Laura chegou e a ajudou ficando no caixa enquanto ela atendia os clientes. Sua mãe e avó voltaram horas depois satisfeitas pelos elogios que receberam. As duas da tarde fecharam as portas e foram para casa.



Sofia fingia ouvir o que dona Lurdes dizia, ela nunca a deixaria em paz enquanto não arrumasse um namorado. Mas sua avó não desistia fácil das coisas, um defeito que Sofia herdou.

Teimosia era algo normal na família.

— Você está fingindo me ouvir!

— Vó.

Sofia gemeu frustrada.

— Já tem vinte quatro anos, pelo amor de Deus! Tem que aproveitar a vida!

— Deixe minha filha em paz.

Sofia quis fugir no exato momento em que ouviu a voz do seu pai.

Agora sim o circo estava completo. Pensou ela.

Seu pai e sua avó costumavam abalar as estruturas da casa quando começavam a discutir. Era algo comum, às vezes divertido e outras nem tanto.

— Não se meta, Carlos.

— Pare de mandar minha filhinha namorar.

— Claro que não — protestou. — Ela precisa de um namorado, dar uns beijos e fazer sexo.

— Só por cima do meu cadáver. — Carlos afirmou bravo.

— Vou garantir isto! — prometeu. — E ainda passar por cima de seu corpo morto.

— Lucia! — Carlos gritou para a esposa. — Vou matar sua mãe.

— Deus – murmurou Sofia.

— Você é lento demais, jamais conseguiria colocar as mãos em mim. — Lurdes o provocou.

— Por estrangulamento. — Carlos disse decidido.

— Estão brigando de novo. — Rodrigo, irmão mais velho de Sofia, disse ao entrar na cozinha.

— Sua avó só diz loucuras. — Carlos afirmou. — Deveríamos interná-la em um hospício!

Rodrigo riu e tomou um pouco de água.

— O que há de loucura em dizer que Sofia deveria transar? — Lurdes perguntou.

Rodrigo acabou cuspiendo toda água que tinha na boca.

— Vó! — Ele exclamou.

— Quê? Não me diga que também tem o mesmo pensamento machista do seu pai — colocou as mãos na cintura pronta para brigar com seu neto.

— Pelo amor de Deus, eu só não quero saber da vida sexual dela. —

Rodrigo se defendeu.

— Você tem que ficar do meu lado, Rodrigo! — Carlos exclamou.

— Eu não fico entre vocês dois nunca. — Rodrigo afirmou e Laura entrou na cozinha.

— Estão brigando de novo. — Ela disse assim que os viu. — Deveria fazer pipoca para assistir quem vai ganhar o *round* desta vez?

— A vó sempre ganha. — Rodrigo disse sorrindo e sua irmã caçula concordou.

— Estou indo. — Sofia disse saindo da cozinha.

— Volte aqui, vamos falar sobre os garotos.

Ela riu ao ouvir sua avó.

— Porra nenhuma. — Carlos xingou.

Sofia correu para fora antes que alguém a segurasse. Não se sentia constrangida. Aquela não foi a primeira vez que sua avó provocou seu pai com o assunto e com toda certeza não seria a última. Claro que preferia evitar, mas era algo impossível. Com isto só dava risadas e concordava, era melhor, do que entrar em uma discussão constrangedora. Sua avó Lurdes não conhecia o significado da palavra limites. E para piorar tudo, ela tinha um pai muito ciumento.

O que não ajudava em nada.

Talvez deixasse as brigas mais divertidas, mas não quando Sofia era o principal assunto.



Capítulo Dois

Segunda-feira era o pior dia da semana, decidiu Sofia. Deixar sua cama quente e confortável as seis da manhã não era algo agradável. Mas precisava ir trabalhar. Trabalhava como auxiliar administrativa no escritório de uma empresa de manutenção. Gostava do emprego, apesar das vezes que quis gritar com seu chefe e mandá-lo para lugares nada agradáveis.

Tirando isto, gostava do que fazia.

O maior de todos os problemas era começar o expediente as sete e meia da manhã. Ela nunca poderia ser considerada uma madrugadora. Sempre aproveitava todas as sonecas do despertador que conseguia.

— Anda logo, Sofia, está nos atrasando.

Ouviu a voz do seu pai enquanto ele passava pelo corredor. Pegou a bolsa e o celular antes de sair do quarto. Seu pai sempre dava uma carona quando ela estava atrasada. Ele trabalhava de motorista para uma empresa que prestava serviço na mesma usina que ficava o escritório dela. O que era muito bom, pois quando perdia o ônibus da empresa, como hoje, ela tinha uma carona garantida.

Saiu do quarto, deu um beijo em sua mãe e foi para a garagem, sabendo que seu pai já estava lá aguardando-a. Ele dirigia um carro próprio da empresa e sempre ficava com ele aos fins de semana. Ouviu o barulho do portão sendo aberto e apressou os passos. Abriu a porta do carro e entrou. Colocou o cinto e ficou em silêncio. Estava sonolenta e talvez mal-humorada.

— Bom dia para você também, filha.

— Bom dia, pai — resmungou.

— Que cara é esta?

— Sono.

— Vi que ficou até tarde com a luz acesa.

— Estava trabalhando no meu TCC. — Ela murmurou.

— Está quase acabando.

— Sim.

— Que mau humor. — Ele brincou e ela não respondeu. — Vou parar na padaria para pegar um lanche e já vamos.

— Tudo bem, me pague um café.

Seu pai sorriu concordando que ela precisava de um café.

A padaria era duas ruas abaixo de sua casa. Ele estacionou na porta e entraram juntos. As atendentes eram educadas e os conhecia há muito tempo. Seu pai pediu a do balcão para servir dois cafés, enquanto eles esperavam pelo lanche que ele ia pegar.

Sofia agradeceu assim que sentiu o cheiro do café. Sentou-se na banquetta e apreciou o café quente.

— Ei, Carlos, como vai?

Ela olhou para trás ao reconhecer a voz. Vitor, o rapaz que foi seu cliente na floricultura, se aproximava sorridente de seu pai. Usava roupas brancas e mancava de leve com a perna esquerda.

— Doutor Vitor, como vai? — Carlos perguntou sorrindo. — Pulou cedo da cama?

Seu pai apertou a mão dele e o rapaz sorriu.

— Somente Vitor, por favor — pediu. — Decidi começar mais cedo hoje, como vai o aparelho? — Vitor perguntou.

Sofia ergueu uma sobrancelha e pensou em como o mundo parecia pequeno.

— Então, você é o dentista do meu pai. — Sofia disse antes do seu pai responder.

Vitor a olhou e sorriu abertamente ao reconhecê-la.

— Sofia.

— Vocês se conhecem? — Carlos perguntou confuso.

— Sim, ela salvou o dia no sábado ao me vender um vaso de flor.

— Espero que sua mãe tenha gostado.

— Ela amou, ainda mais depois que nós quatro compramos a mesma coisa — riu como se lembrasse do momento em que deram os seus presentes para sua mãe.

— Que bom. — Ela sorriu docemente para o pai antes de provocá-lo. — Saiba que meu pai te xinga todos os dias na hora da refeição.

— Traidora. — Carlos resmungou e os dois riram.

— Deve ser por isto que minha orelha está sempre quente quando vou almoçar.

— Xingo mesmo, essa merda não me deixa comer em paz.

— Vai se acostumar com o tempo, tenho certeza disto. — Vitor garantiu e riu.

— Espero que antes que eu morra de inanição.

— Vai ser antes. — Vitor garantiu e depois o provocou. — Pelo menos se morrer, será com os dentes bonitos.

Sofia riu alto esquecendo do mau humor anterior.

— Foi bom vê-los, mas preciso ir. — Vitor disse.

— Bom trabalho, rapaz. — Carlos disse enquanto trocava um aperto de mão com Vitor.

— Para vocês também. Volta quando para meu consultório?

— Já pensando em me torturar novamente. — Carlos disse e gemeu frustrado. — Em duas semanas estarei lá.

— Estarei te esperando. — Ele disse e olhou para Sofia. — Foi bom revê-la, Sofia.

— Digo o mesmo. — Ela respondeu sorrindo.

Vitor acenou e se afastou.

Sofia acompanhou seu andar manco até o balcão de pães. Ele pegou alguns em um saco de papel e depois foi para o caixa.

— Por que ele manca, pai?

— Não sei.

O tom sério do seu pai fez com que ela o encarasse.

Carlos estreitava os olhos para ela.

— O que foi?

— O conheceu na floricultura mesmo?

— Claro, comprou uma azaleia para a mãe e seus irmãos apareceram depois. — Ela se calou ao ver o jeito pensativo do pai. — O que anda passando nessa sua cabeça perturbada?

— Ainda sou seu pai, sabe disto, *neh*?

— Claro que sei — respondeu rindo.

Um atendente se aproximou com o lanche que seu pai iria levar.

— Está tudo aqui, Carlos. Como vai, Sofia?

— Muito bem, obrigada por perguntar.

Carlos pegou a encomenda e, depois de agradecer, os dois voltaram para o carro. Pelo caminho Sofia estranhou que seu pai estava muito silencioso. Ela o olhou e percebeu como parecia perdido em pensamentos.

— Pai?

— Hm.

— O que você tem?

— Por que eu teria algo?

— Porque está calado.

— E quando eu fico calado é por que tem algum problema?

— Está pegando o humor da vó. — Sofia disse somente para provocá-lo.

— Deus me livre! – exclamou.

Ela riu e voltou a olhar pela janela. Se ele queria ficar em silêncio, perdido em seus próprios pensamentos, ela não o perturbaria. Porém, o conhecia bem, sabia que logo diria o que estava o incomodando. Ficar quieto e calado nunca foi

uma característica dele.

— Sofia?

Ela reprimiu o sorriso, ele tinha durado somente cinco minutos em silêncio.

Um recorde. Pensou bem humorada.

— Oi, pai.

— Você tem algum namorado?

Aquilo sim a deixou surpresa, arregalou os olhos e encarou o pai.

— Claro que não, de onde tirou isto?

— Você já tem vinte e três anos.

— Vinte e quatro, pai.

— Que seja, mas eu estava pensando. Você trouxe somente um namorado para casa e mesmo assim não durou muito...

— Pai. — Sofia gemeu frustrada.

— Não quero dar uma de sua avó, só fiquei curioso. E além do mais, você não precisa namorar ninguém — deu de ombros. — Pode morar comigo a vida toda.

— Ficar para titia? — Ela brincou e ele riu.

— Você e sua irmã, não precisam de namorados — afirmou convicto.

— Pode ir tirando o cavalinho da chuva, pai — riu. — Não vou ficar pra titia. Vou namorar, me casar e ainda te dar netos.

— Não vamos falar sobre netos.

— Se acha novo demais para isto?

— Também, mas você é minha filha e não quero pensar em um macho te tocando — arregalou os olhos dramático. — Deus me livre!

Sofia riu alto.

— Não se preocupe com isto, pai. Homens bons parecem ser raros neste mundo, só conheço idiotas.

— O que é muito bom. — Carlos disse rindo.

— Mas não vai ser assim por muito tempo — disse para provocá-lo.

Ele gemeu frustrado.

— Não diga isto.

— Vou encontrar um homem que me faça feliz, deveria desejar o mesmo — pontuou.

— Não pode ser feliz solteirona? — perguntou fazendo uma careta.

— Pai! — exclamou.

— Estou brincando, mas gostaria de não estar — disse.

— Pai! — Sofia exclamou novamente, mas ria divertida da expressão de seu pai.

— Sofia, eu sei do que os homens gostam, pelo amor de Deus!

— Você já aprontou muito, *neh*. — Ela o provocou.

— Claro que já, sem contar que deixei seu avô de cabelos brancos, tantos que nunca poderia contar — olhou para o céu rindo. — Que Deus o tenha.

— Você é terrível, pai. — O acusou.

— Já pulei muita janela — disse e riu alto. — Quase fui pego uma vez que visitei o quarto da sua mãe de madrugada.

— Você é um sem vergonha.

— Me respeita que sou seu pai. E é *Senhor* sem vergonha. — Carlos disse tentando soar sério. — Fui o professor dos sem vergonha, o mestre, mereço respeito.

— Um caso perdido. — Sofia murmurou rindo.

— Talvez nem tanto. — Ele deu de ombros. — Sua mãe conquistou até minha alma, faria qualquer coisa por aquela mulher. Até mesmo aguentar a bruxa da sua avó.

— Pai, não fale assim!

Eles riram alto.

— Aquela velha veio direto do inferno para me torturar.

— Tadinha.

— Tadinha nada — protestou. — Ainda bem que ela mora na casa da frente e não preciso ter que colocá-la dentro da minha.

— Você está terrível hoje.

— Imagina, eu e dona Lurdes debaixo do mesmo teto? — questionou.

— Não iríamos ter um teto, os dois o jogariam no chão.

Carlos riu concordando.

— Sorte dela usar saias e ser mãe da mulher que mais amo nesta vida. Ou eu já teria chutado o traseiro dela para fora da minha casa.

— Ela só está te fazendo pagar pelos seus pecados.

— Senhor! Não são poucos. — Carlos disse rindo. — Só de aturá-la, eu já vou direto para o céu.

— Dona Lurdes é sua penitência.

— Que Deus me ajude, ou eu vou acabar estrangulando aquele dragão.

— Pai!

— Quê?

Eles riram alto.

Carlos parou o carro na portaria e passou pelos procedimentos de entrada. Assim que ele voltou a colocar o carro em movimento, voltou a falar.

— Filha, você vai encontrar um homem que te faça feliz. O que vai ser uma merda para mim, mas o que eu mais quero nesse mundo é que meus filhos sejam felizes.

Sofia sorriu para ele.

— Talvez nem demore tanto. — Ele murmurou um pouco mal-humorado.

Ele parou o carro perto do escritório que Sofia trabalhava. Ela beijou a bochecha do pai e sorriu docemente para ele.

— Não se preocupe com isto.

— Sempre me preocupo.

— Amo você, pai.

— Também te amo, querida, agora vá trabalhar. Qualquer coisa me ligue.

Ela agradeceu a carona e foi dar início a mais uma semana de trabalho.



Capítulo Três

Vitor pagou o caixa da padaria e saiu, tinha sido um dos primeiros clientes do local. Era sexta-feira, ele tinha começado a trabalhar todos os dias daquela semana as sete da manhã. Precisava atender um número maior de pacientes e automaticamente aumentar sua renda.

Olhou de um lado para o outro antes de atravessar a rua. Uma pessoa sentada no ponto de ônibus chamou sua atenção.

Sofia. Pensou e sorriu.

Estava vestida para o trabalho e ele imaginou que não era para a floricultura.

— Duas vezes em uma semana, acredito ser coisa do destino.

Ela levantou o olhar e o encarou sorrindo.

— Destino? Isso está mais para perseguição — acusou rindo.

— Droga, culpado. — Vitor brincou. — Bom dia, Sofia. Como vai?

— Bom dia, Vitor, estou bem. E você?

— Melhor agora.

Ela riu baixinho e Vitor se sentou ao seu lado.

— Como vai seu pai?

— Bem.

— Ainda me xingando?

— Sempre. — Sofia garantiu e riu.

— Acredito que não trabalha somente na floricultura.

— Não, a loja é da minha avó. Ajudo-a aos sábados.

— Não deveria ter me dito, agora sei onde te encontrar.

— Culpada, fiz de propósito. Não queria que meu perseguidor ficasse perdido.

Vitor riu baixo e ela sorriu.

Como dentista, olhou o sorriso dela e achou perfeito.

Dentes brancos perfeitamente alinhados. Pensou e sorriu.

Porém, não conseguiu evitar de observar como ela tinha lábios bonitos.

— Trabalha em quê? — questionou. — Além da floricultura aos sábados, claro.

— Além da floricultura, trabalho como auxiliar administrativo.

— Hm.

— Parece chato, *neh*. — Ela brincou.

— Não sei dizer, sempre fui dentista — fez uma expressão de pensativo. — Parece chato, *neh*.

— Talvez um pouco. — Sofia disse e sorriu. — Mas não se diverte nenhum pouquinho vendo seus pacientes sofrerem?

— É o preço por dentes bonitos, mas não tem como negar que me divirto.

— Você iria rir muito se tivesse visto meu pai tentando comer nos primeiros dias. Não tinha coisa melhor para rir.

— Seu pai é uma figura.

— Dramático, encaixa melhor no perfil dele.

Vitor riu concordando e se levantou.

— Foi bom te ver, mas preciso ir.

— Até mais, Vitor.

Vitor sorriu, se inclinou e beijou o rosto de Sofia.

— Até mais, Sofia.

Vitor se afastou e entrou no prédio ao lado. Morava na frente da padaria. Depois de tomar seu café da manhã, desceu para a garagem. Franziu de leve o

nariz ao ver o carro popular que dirigia agora.

Foi por um bem maior. Pensou em forma de consolo.

Destravou o alarme e entrou. Saiu da garagem e esperou o ônibus que tinha acabado de parar. Olhou para o ponto de ônibus e viu Sofia entrando. Ele sorriu de leve, gostando da ideia de conhecer uma nova pessoa. Não pensava em Sofia de forma maldosa, mas gostava de conversar com ela. Do sorriso espontâneo e o humor afiado.

Assim que o ônibus arrancou, ele fez o mesmo e foi para mais um dia de trabalho.



O celular de Vitor estava tocando pela quinta vez naquela manhã de sábado. Desta vez era Pedro, o impaciente da família, ligando para apressá-lo. Vitor não atendeu somente para pirraçá-lo. Desceu para a garagem do seu prédio e montou em sua moto de trilha. Seus novos vizinhos odiavam quando ligava a moto. O cano de descarga produzia um barulho muito alto e eles consideravam quase que ofensivo o jeito em que Vitor voltava das trilhas, com lama da cabeça aos pés.

Acelerou pelas ruas da cidade e chegou no ponto de encontro meia hora depois que saiu de casa. Seus irmãos e amigos estavam encostados na beirada da estrada de terra, o esperando.

— A princesa conseguiu chegar a tempo. — Vinicius foi o primeiro a brincar.

— Me ame menos, *Vini*. — Vitor disse e sua voz saiu abafada por causa do capacete.

Seu irmão levantou o dedo do meio e ele sorriu.

— Cacete, Vitor, que demora. — Pedro protestou.

— Você deveria trabalhar na sua paciência, irmão. — Vitor o perturbou.

— Chega desta choradeira, Vitor chegou inteiro. Bora se divertir. — Gustavo disse tomando frente.

Vitor viu Guilherme, seu irmão mais velho, o olhando preocupado. Acenou

com a cabeça para ele, sabia que a preocupação dele era com o seu joelho. Vitor se sentia bem, e quase não tinha nenhuma dor desde ontem. Então, estava liberado para um pouco de adrenalina.

Todos subiram em suas motos e aceleraram para dentro da trilha. Conheciam o lugar de trás para frente. Iam fazer trilha desde que tinham dezoito anos. Algumas vezes levavam os irmãos mais novos e os deixavam pilotar também. Cada um dos seis teve sua primeira moto de trilha quando ficaram maior de idade.

Três horas depois encostaram em um bar que frequentavam também há muitos anos. Todos eles cobertos de poeira e lama, mas tinha se tornado tradição parar ali para uma cerveja e comer alguns churrasquinhos no espeto.

— Estou acabado. — Dan murmurou. — Que calor é esse?

— Quente pra caramba. — Vitor concordou.

— E aí, galera? O de sempre?

Mario, dono do bar perguntou assim que eles se sentaram nas banquetas que tinha na calçada.

— Por favor, seu Mario. Estou derretendo e precisando daquela gelada que vamos achar somente aqui. — Guilherme pediu.

— Em um minuto. — Mario confirmou e eles acenaram.

Como prometido, Mario voltou rápido e os serviu.

— Viram meu timão? — Mario perguntou animado. — Estamos subindo na tabela.

— Não fique animado por muito tempo. — Gustavo brincou.

— Não vem gorar meu time não! — Mario protestou.

— Ainda mais agora que conseguiu sair da zona de perigo no campeonato. — Pedro disse e tomou sua cerveja. — Mas jogaram bem ontem.

— Também assisti ao jogo, as mudanças foram o que ajudou. — Vitor disse.

— Se não eles estariam ferrados. — Vinicius concluiu.

O assunto correu livre entre eles. Comeram e beberam tranquilamente, mas sem exagero, já que precisavam voltar para casa. Quando Vitor estacionou na garagem, um dos seus vizinhos tinha acabado de chegar de carro. Fez uma careta de desgosto para ele ao ver como estava sujo, assim como sua moto.

Vitor ignorou seu olhar de reprovação e acenou um cumprimento para o senhor. Andou para o elevador despreocupado. Sabia que estava muito sujo, mas não sairia rolando pelo chão ou encostando nas paredes. Como seus vizinhos pareciam pensar. Chegou a olhar o chão para ver se não deixava um rastro de terra por onde passava.

Deu de ombros vendo que não tinha nada demais nele. Entrou no elevador e o senhor entrou do seu lado. Apertou seu andar e esperou. O homem ao seu lado pareceu se afastar mais um pouco, com medo de se encostar nele. Vitor reprimiu uma risada e ficou em silêncio. Tinha certeza que seu irmão, Vinicius, teria pego na mão do senhorzinho e se bobear lhe dado um abraço somente para provocá-lo.

Desceram juntos no mesmo andar, mas iam em direções opostas no corredor.

— Tenha um bom fim de semana, senhor Geraldo. — Vitor disse e fez cara de paisagem.

O senhor parou e pareceu ultrajado em ter que respondê-lo.

— Para você também, doutor Vitor.

— Somente Vitor, por favor.

O homem acenou e Vitor caminhou tranquilamente até sua porta. Abriu e suspirou ao entrar. Foi direto para a área do tanque. Teve cuidado em tirar suas roupas, para não deixar que a terra nelas caísse pelo piso.

Depois de ter tomado banho deitou em sua cama, ainda tinha alguns minutos antes de sair para almoçar com seus pais.

Olhou o teto branco e suspirou quando seu celular tocou novamente. Olhou a tela e não atendeu. Ela estava ligando novamente, mas Vitor acreditava que não existia mais nada para conversar entre eles.

Em um ano e meio, sua vida tinha mudado drasticamente, porém, para melhor. Apesar de alguns acontecimentos tristes no caminho. Agora aos vinte e

oito anos, estava se estruturando novamente. Algo que por graça do destino estava conseguindo com muito êxito.

Fechou os olhos e se lembrou do sorriso de alguém.

— Sofia — murmurou e sorriu.

Gostava de conversar com a menina da floricultura.

Talvez devesse chamá-la para sair, tomar alguma coisa, conversarem. Queria mantê-la por perto. Manter sua amizade e assim também sua presença.

Levantou antes que dormisse, colocou camiseta e bermuda. Calçou chinelos e pegou a chave do carro. Saiu de casa e antes de entrar no elevador, lembrou que não tinha pego a carteira. Voltou no apartamento e a encontrou na mesa de centro da sala. Saiu e paralisou quando uma pessoa desceu do elevador.

— Luciana.

— Vitor, podemos conversar?

— Não.

— Vitor, por favor.

— Luciana, estou atrasado. — A cortou. — Não sei como subiu, mas vou conversar com o porteiro e garantir que não suba sem ser informada novamente.

— Antes me chamava de Lu.

Vitor suspirou.

— Antes tínhamos liberdade e intimidade, hoje não.

— Vitor, você está dificultando as coisas. — Luciana protestou.

Vitor pegou o cotovelo dela e a levou de volta para o elevador.

— Não estou dificultando nada — disse e apertou o botão do térreo.

— Vitor...

— Fique calada, pelo amor de Deus! — exclamou irritado com a insistência dela. — Chega, Luciana, só chega.

Ela o olhou e lágrimas brilhavam nos seus olhos.

Vitor suspirou e passou as mãos pelo cabelo.

— Sinto muito, não queria ser grosso com você — disse baixo. — Mas precisa entender que não existe mais volta para nós dois. Somos divorciados, dividi com você todos os meus bens e agora é cada um por si.

— Não queria ter me separado.

Vitor segurou a língua para não acusá-la, já que o advogado dela tinha exigido a venda de todos os bens e a divisão do valor. Ele abriu mão de tudo para dar um fim no relacionamento de cinco anos dos dois. Já estavam tão desgastados que não existia mais nenhuma possibilidade de conseguirem ficar juntos.

— Estamos separados, entenda isto — reafirmou. — Não quero ter um clima ruim com você, Luciana, mas o nosso relacionamento acabou há muito tempo atrás e não existe volta.

Ela o observou em silêncio desta vez.

— Não sei mais como te dizer isto, pare de me ligar tantas vezes por dia e não me procure. Seja feliz da melhor forma que conseguir e vamos seguir em frente.

— Eu era feliz com você.

— Não era não. — Ele murmurou e a puxou para fora do elevador.

O porteiro estava atrás de um balcão e logo os percebeu se aproximar.

— Senhor Júlio? Tudo bem?

— Estou bem, Vitor, e você?

— Vou ficar melhor — suspirou levemente irritado. — Quero pedir para que não permita que ninguém suba sem minha autorização.

O homem arregalou os olhos surpreso.

— Desculpe, ela disse ser sua namorada.

— Não tenho namorada, Luciana é minha ex-esposa — explicou. — Por favor, garanta que ela ou qualquer outra pessoa não suba sem que eu saiba e permita.

— Vitor, você está exagerando. — Luciana protestou.

— Senhor Júlio, tenha a certeza de que os outros porteiros também saibam. Não quero ter que passar por isto novamente.

— Vou fazer isto, não deveria ter me enganado, senhorita — recriminou Luciana. — Poderia me fazer perder o emprego.

— Desculpe, senhor, eu só...

— Não existe justificativas para mentir, Luciana. — Vitor a repreendeu e ela se calou. — Também garanta que ela encontre o portão de saída.

— Eu sei o caminho. — Luciana disse orgulhosa.

— Que bom, e faça o favor de não voltar sem ser convidada. — Vitor disse em um tom duro. — Não precisamos de mais problemas entre nós.

— Então, atenda o maldito celular! — exclamou furiosa.

— Tchau, Luciana. — Vitor falou e se virou deixando-a plantada no salão de entrada do prédio.

Estava cansado da mesma conversa. O que existia entre eles tinha acabado e não teria volta. Vitor foi para garagem e levou o carro para fora, quando passou na frente do prédio a viu caminhando para o carro do ano que ela agora dirigia. A única coisa que conseguiu sentir foi pena, já que estava usando o dinheiro que tirou dele com luxos. Um dia o dinheiro iria acabar e ela não teria a quem recorrer. Talvez voltar para a casa dos pais, mas parecia não pensar nas consequências.

Dirigiu para casa dos seus pais e parou na porta.

Esfregou as têmporas sentindo uma dor de cabeça começando a se formar. Alguém bateu no vidro da janela e Vitor percebeu que tinha ficado muito tempo parado ali. Puxou o freio de mão, tirou o cinto e abriu a porta do carro.

— Oi, pai, como vai?

— Estou bem, mas acredito que você não possa dizer o mesmo, não é?

Vitor sorriu de lado para o pai, Luís o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa.

— Vou ficar bem — garantiu e caminhou ao lado do pai para dentro de

casa.



Capítulo Quatro

Sofia caminhava de braços dados com sua avó Lurdes pelo centro da cidade, era domingo à tarde e as duas não aguentavam mais ficar em casa sem fazer nada. Também trouxeram o Paçoca, o preguiçoso e bagunceiro buldogue alemão da família.

Elas iam a caminho da praça central, comprariam alguma besteira em um carrinho de guloseimas e ficariam ali para passar o tempo.

— Hoje acordei sentindo uma grande falta do seu avô.

A voz calma de Lurdes a tirou de seus pensamentos. Apesar da idosa ser uma mulher sem papas na língua, Sofia e ela sempre foram grandes amigas.

— Também sinto falta dele. — Sofia murmurou.

— Sonhei com o dia em que nos conhecemos.

Sofia riu de leve, já tinha ouvido aquela história muitas vezes e parecia que ouviria de novo.

— Era o homem mais bonito que já tinha visto em minha vida.

— Não tinha visto tantos homens assim. — Sofia a provocou.

Sua avó sorriu concordando.

— Como pode um homem tão bonito como ele, ser tímido?

— Timidez é algo que ninguém nunca poderia te acusar — brincou.

— Graças a Deus, deste pecado eu não morro. — Lurdes riu alto.

— Boba.

— Sabe, Sofia, eu não me arrependo nenhum minuto de ter falado para o Rui me levar em um encontro.

— Um pouco atirada, mas fico feliz que tenha feito isto.

— Precisava me casar logo e descobrir o que um casal tanto fazia dentro de

um quarto.

— Vó!

Lurdes riu divertida.

— Jamais iria me arrepender. Foram os melhores anos da minha vida!

Sofia sorriu divertida e puxou o Paçoca, que tinha parado para cheirar o canto de uma loja.

— Ei, Sofia!

Ela olhou para o outro lado da rua ao ouvir a voz de Vitor. Seus irmãos e amigos estavam sentados em um bar encarando-a. Sofia o viu se levantar e vir em sua direção.

— Quem é o bonitão? — Lurdes sussurrou.

— Se comporte, dona Lurdes. — A repreendeu.

— Eu sempre me comporto! — protestou.

— Como um adolescente cheio de hormônios e curiosidade. — Sofia disse e sua avó sorriu concordando.

Vitor atravessou a rua com seu andar levemente manco.

— Estou começando a desconfiar que é você quem me persegue. — Ele disse ao se aproximar.

— Você teria que ser muito mais interessante para que conseguisse tanto de minha atenção, talvez um milionário ou um ator famoso. — O provocou.

— Essa machucou meu ego. — Vitor brincou. — Como vai, Sofia?

— Melhor agora. — Sofia brincou repetindo a frase que ele havia dito a ela na sexta. — Essa é minha avó Lurdes.

— Acredito que a dona daquele charmosa floricultura.

— Em pessoa. — Lurdes afirmou e sorriu quando Vitor lhe deu um beijo no rosto.

— É um prazer conhecê-la. — Vitor disse. — Tenho que dizer, que minha mãe afirmou, que as flores de sua loja são as mais belas e bem cuidadas que ela

já conheceu.

— Acredito que sua mãe é uma mulher de bom gosto.

— Tanto que só fez filhos bonitos. — Vitor brincou.

— Posso afirmar só por você. — Lurdes disse e deu de ombros. — Se seus irmãos forem tão bonitos assim, sua mãe deve ter muito trabalho para manter as galinhas fora do seu terreiro.

— Vó! — Sofia exclamou com medo de Vitor se ofender com o jeito de sua avó.

— Só estou dizendo verdades, Sofia. — Lurdes disse e encarou Vitor de volta. — As pessoas não aguentam minha sinceridade.

Vitor riu alto, mostrando o quanto estava gostando daquela conversa.

— Minha mãe teve um pouco de trabalho, mas sempre conseguimos fugir de suas asas. — Vitor disse. — E quem é esse garoto bonito aqui?

Ele fez um carinho na cabeça do cachorro que latiu animado.

— Este é o Paçoca, tão terrível quanto os membros da família que você conheceu. — Sofia falou.

— Não sou terrível. — Lurdes protestou.

— Para quem só diz verdades, está falando uma mentira agora.

Lurdes fez cara de paisagem e olhou para Vitor.

— Estou começando a ficar cansada, por que não nos acompanha até a praça?

Sofia estreitou os olhos para a avó, ela era a mulher mais bem disposta que conhecia. Tinha pernas fortes e nunca reclamou de ficar em pé ou andar.

— Seria um prazer. — Vitor afirmou.

Tomou o posto de Sofia, ofereceu um braço para Lurdes e ela aceitou de bom grado.

— Diga-me, Vitor, em que trabalha? — Lurdes perguntou puxando assunto, enquanto caminhavam em direção a praça.

— Dentista — respondeu tranquilo. — Atendo seu filho ou genro?

— Carlos? — Ela questionou.

— Sim, Carlos.

— Genro, gostei mais de você agora, Vitor.

— Só por que posso deixar sorrisos mais bonitos? — Vitor brincou.

— Não.

— Vó, se comporte. — Sofia disse com medo do que ouviria.

— Eu sempre me comporto. — Lurdes afirmou. — Voltando ao assunto, Vitor, gosto de saber que aquele traste está sofrendo para corrigir os dentes.

Vitor riu quando Sofia gemeu frustrada.

— Traste? — perguntou sorrindo.

— Tenho outros apelidos para ele, gostaria de ouvir?

— Nem tente, vó. — Sofia protestou.

— Adoraria. — Vitor afirmou.

— Achei alguém que me compreende. — Lurdes disse rindo.

— Pobre alma incompreendida. — Sofia a provocou.

— Estou amando essa conversa. — Vitor disse.

— Não dê a ela mais corda. — Sofia implorou.

Lurdes soltou o braço de Vitor e se sentou no banco da praça.

— Vitor, aprenda uma coisa — disse como se fosse dar um conselho. — Eu estou sempre com a razão, então, cole em mim que você brilha.

— Vou fazer isto. — Ele garantiu rindo.

— Pronto, era o que faltava. — Sofia resmungou.

— Vitor, você poderia acompanhar minha neta resmungona até aquele carrinho de pipoca e me trazer um saquinho?

Sofia estreitou os olhos para avó novamente com desconfiança. Lurdes

sempre ia até o carrinho de pipoca afirmando que não era tão velha assim para que as pessoas fizessem as coisas por ela.

— Com todo prazer, Lurdes.

— Gosto de você também por não me chamar de senhora e nem dona.

— Uma pessoa com a alma tão jovem como você, nunca poderia ser chamada de senhora. — Vitor disse com charme conquistando Lurdes.

— Estou ferrada. — Sofia resmungou. — Quer mais alguma coisa, senhora dona da razão?

Lurdes a olhou feio, mas depois suavizou o olhar.

— Uma garrafa de água, está um calor infernal.

— Não estou sentindo tanto calor assim, deve ser coisa da idade. — Sofia a provocou e puxou Vitor antes que dona Lurdes soltasse alguma coisa mal criada.

Vitor riu alto com a expressão ultrajada da avó de Sofia, pegou a pequena mão dela e colocou em seu braço.

— Sua avó é uma piada. — Vitor disse.

— Uma piada muitas vezes constrangedora. Desculpe-me por qualquer coisa que ela tenha dito. — Sofia falou e suspirou.

— Não há nada para desculpar, gosto de pessoas bem-humoradas assim. — Vitor garantiu.

— Não diria isto se a visse em uma de suas *muitas* discussões com o meu pai. — Sofia revirou os olhos rindo.

— Isso sim deve ser algo interessante de assistir.

Sofia parou e olhou para ele. Tentou ficar séria, mas acabou sorrindo.

— Juro que as paredes da casa até tremem.

Ele riu e Sofia acabou reparando em como ele parecia bem. Não era o homem mais bonito que já tinha visto em sua vida, mas tinha seus encantos. Os olhos castanhos combinava com seu cabelo curto, pelo qual era penteado para trás em um pequeno topete.

O sorriso também é muito bonito. Pensou Sofia.

— Diga-me, Sofia, se eu a convidasse para sair você diria que sim? — Vitor perguntou a surpreendendo.

Sofia pensou por um segundo antes de responder.

— Talvez você deveria perguntar primeiro para ter certeza do que eu diria. — Ela o provocou.

— Talvez esteja certa, mas não quero correr o risco de ser rejeitado. — Vitor deu de ombros e sorriu.

— E você desistiria caso a resposta fosse negativa?

— Talvez.

Sofia ergueu uma sobrancelha e Vitor sorriu.

— Tudo bem, eu não iria desistir tão fácil de te convencer a sair comigo.

Paçoca puxou de leve a guia, tentando correr pela praça. Sofia o olhou por um segundo e segurou mais forte a guia do cachorro. Sabia que ele queria correr pela praça, mas não era uma boa coisa. Já que Paçoca costumava pular em todas pessoas que via com alguma comida na mão. Não era por outro motivo que ele estava tão gordinho, se não pelo fato de ser tão guloso.

— O que me diz, Sofia? Vai aceitar o meu convite? Ou acredito que vou ter que convencê-la a pelo menos me passar o número de seu celular.

— Mas não me fez nenhum convite. — Ela o provocou.

Sofia voltou a andar e parou na frente do carrinho de pipoca.

— Como vai, Sofia?

— Estou bem, senhor Raimundo. — Ela olhou para Vitor. — Vai querer uma pipoca também?

— Não, obrigado.

— Quero dois saquinhos de pipoca e uma garrafa de água.

— Que milagre sua avó não veio até aqui. — O pipoqueiro disse.

— Não me pergunte o porquê. — Sofia riu, tinha até medo de saber o que se passava na cabeça de sua avó.

Quando ela foi pagar, Vitor insistiu em pagar.

Voltaram a caminhar de volta e antes que se aproximassem demais de Lurdes, Sofia olhou para Vitor.

— Eu aceito a sair com você, Vitor.

— E me dá seu número? — Ele questionou erguendo uma sobrancelha.

Sofia sorriu concordando.

— Claro, me diga o seu e eu te mando uma mensagem.

Ela pegou o celular no bolso de seu short, já que Vitor também tinha insistido em levar as pipocas. Sofia gravou o número do celular dele e mandou uma mensagem para que ele gravasse o seu.

— Vamos combinar durante a semana.

— Tudo bem.

— Quanta demora para conseguirem um pipoca. — Lurdes disse de longe fazendo-os rir.

— É melhor irmos logo. — Vitor disse.

Sofia concordou, caminharam até Lurdes e lhe deram a pipoca e água.

— Vocês vieram caminhando até aqui? — Vitor perguntou.

— Não, vim de carro e o deixei lá atrás. — Sofia respondeu.

— Queria ver se tinha muitos homens bonitos por aqui. — Lurdes brincou.

— Espero que me ver tenha sido o ponto alto do seu passeio. — Vitor brincou.

— Tenha certeza disto. — Lurdes piscou para ele.

Vitor riu alto e Sofia revirou os olhos.

— Quem bom que vieram de carro, porque eu não poderia oferecer uma carona. Viemos de táxi e eu já bebi algumas cervejas.

— Mesmo assim eu agradeço pela consideração, Vitor.

Ele se despediu delas, dizendo que precisava voltar para os seus amigos. Ou

eles viriam atrás dele. Estavam no bar para assistir um jogo e não teriam hora para voltar para casa.

Assim que ficaram sozinhas, Lurdes a encarou com impaciência.

— O quê?

— Conta-me logo o que tanto conversaram enquanto foram comprar a pipoca. — Lurdes falou como se fosse óbvio o que ela queria saber.

— Como você é curiosa — provocou a avó.

— Sofia, não me enrole.

— Não estou.

— Anda, Sofia, ou vou ter um ataque.

— Duvido muito.

— Que neta mais ingrata essa que eu tenho.

Sofia revirou os olhos e riu da expressão de sua avó.

— Ele me convidou para sairmos juntos essa semana.

— Mas a semana já acabou.

— Vó, hoje é domingo, não sei se você sabe, mas a semana começa no domingo e termina no sábado.

— Idiotice — praguejou. — Domingo não seria considerado parte do fim de semana se fosse o início da semana. Quem inventou essa não tinha o que fazer.

Sofia riu das conclusões de sua avó.

— Mas não me enrole, diga-me o que mais. Aceitou sair com ele, não é mesmo?

— Aceitei, vó. — Sofia revirou os olhos.

— É um homem bonito.

— Já vi homens mais bonitos do que ele.

— Ainda sim dá um caldo, o homem é um pão.

— Vó. — Sofia riu alto. — Ninguém mais chama os outros de *pão* hoje em dia.

— Essa geração é ridícula. Ser chamado de pão na minha época era o melhor dos elogios.

Sofia riu ainda mais da expressão da sua avó.

Paçoca pulou em seus joelhos pedindo por pipoca.

— Você está muito gordinho, Paçoca. — Sofia disse a ele, mas lhe deu uma pipoca.

— Qualquer dia desses ele não vai conseguir sair de casa.

— Tadinho, vó.

— Olha o tamanho desse cachorro, Sofia, vai ter que ser guinchado.

— Ela só te maltrata, *neh*, amigo?

Paçoca latiu parecendo concordar e Lurdes vez um carinho na orelha dele.

— Só dizendo a verdade, Paçoca. — Lurdes disse a ele. — Sofia, não perca a oportunidade e beije aquele dentista.

— Não vou beijá-lo. — Sofia protestou rindo.

— Ele é dentista, garanto que a boca é limpinha. — Lurdes garantiu e riu.

— Você está impossível hoje. — Sofia disse rindo.

As duas ficaram na praça por um longo tempo. Conversaram e riram muito. Quando dona Lurdes cansou de falar sobre Vitor, ela começou a avaliar as pessoas que passavam na rua. Sofia ria tanto que quase chorava das loucuras que sua avó falava.

E na hora de ir embora, Paçoca era o único que não concordava. Ele se deitou na grama da praça e se negou a andar. Sofia teve que carregá-lo e ele pesava uns dez quilos. Quando passaram na frente do bar em que Vitor estava com seus irmãos e amigos, sua avó a beliscou de leve. Sofia olhou para o bar e o via a encarando com um bonito sorriso nos lábios.

— Ei, Sofia! Continua linda!

Um dos irmãos dele gritou, ela riu quando Vitor acertou a nuca dele.

— Obrigada.

Acenou para eles e foi em direção ao seu carro com sua avó faladeira e seu cachorro preguiçoso.



Capítulo Cinco

Para ironia do destino, durante a semana Vitor e Sofia não se encontraram casualmente como vinha acontecendo. Eles trocaram mensagens todos os dias e combinaram que ele a pegaria depois de sua aula na faculdade na sexta-feira à noite.

Mas Vitor não escapou de um certo paciente na quinta de manhã. Carlos, pai de Sofia, o encarava sério e Vitor imaginou que ele deveria saber que chamou sua filha para sair.

— Como vai, Carlos?

— Com uma enorme vontade de socar você — respondeu bravo.

Gustavo, seu amigo e também sócio, estava passando no mesmo instante e o ouviu.

— Opa, se for quebrar a cara dele bate por mim também. Ele não me pagou um almoço essa semana.

— Sério? — Vitor questionou o amigo.

Gustavo deu de ombros.

— Você perdeu a aposta e não me pagou o almoço como combinado.

— Idiota, hoje é por minha conta, então. — Vitor falou e seu amigo sorriu.

— Melhor assim, não o quebre muito, Carlos, e cuidado com o joelho esquerdo. — Gustavo brincou.

— Está sendo de grande ajuda. — Vitor ironizou.

— Desculpe, não quero que precise de uma muleta se machucar mais o joelho.

Vitor gemeu frustrado.

— Vamos lá, Carlos, precisamos seguir o horário.

— Juro que vou te quebrar se magoá-la. — Carlos prometeu.

— Magoar a quem? — Gustavo perguntou curioso.

— A minha filha. — Carlos respondeu.

— Vá trabalhar, Gustavo, não tem ninguém para atender, não? — Vitor questionou e andou na frente dos dois.

— Você chamou alguém para sair e não nos contou? — Gustavo continuou perguntando.

— Deus. — Vitor murmurou. — Chamei Sofia para sair, mas não vou fazer nada de errado com ela.

— Não importa, ela é minha filha! — Carlos protestou ciumento.

Vitor apontou para a cadeira onde Carlos deveria se sentar. O homem bufou e sentou de má vontade. Vitor colocou um par de luvas e uma máscara descartável.

— Sofia? A moça da floricultura? — Gustavo perguntou com uma sobrancelha erguida.

— Sim, agora saia e me deixe trabalhar. — Vitor pediu.

— Nem pensar. — Gustavo protestou e pegou um par de luvas. — Carine, eu vou ajudar o doutor Vitor agora.

— Nem pense nisto, você fica, Carine, e o Gustavo sai. — Vitor ordenou.

— Eu sou seu chefe, Carine, não discuta comigo. — Gustavo falou pegando a pasta do paciente que sua assistente tinha nas mãos.

— Mas o doutor Vitor também é o meu chefe. — Ela protestou rindo.

— Não se preocupe, se ele te demitir, eu te recontrato. — Gustavo afirmou e Carine saiu da sala.

Vitor olhou com impaciência para o amigo, seria um longo dia. Tinha certeza disto. Sentou em sua cadeira e viu que Carlos ainda tinha uma expressão carrancuda.

Suspirou cansado.

Puxou a máscara do seu rosto para o pescoço e encarou Carlos nos olhos.

— Gostei da sua filha desde o primeiro dia em que a conheci na

floricultura. Sofia me atendeu muito bem, assim como meus irmãos. Não pretendo machucá-la de nenhuma forma, então, não se preocupe com isto. Se ela te contou que a convidei...

— Não foi ela e sim aquela dragão fofoqueiro que chamo de sogra. — Carlos resmungou e Vitor se segurou para não rir.

— Que merda, Carlos, sua sogra é um dragão? — Gustavo brincou.

— Daqueles de mais de dois mil anos que cospe fogo. — Ele respondeu e riu.

— Dona Lurdes foi muito gentil comigo. — Vitor disse.

— Ela é uma jararaca em pele de coelhinho. — Carlos brincou. — Mentira, ela não se esconde pra ninguém. Lurdes é uma jararaca em couro de jararaca.

— Percebi e me divertir pra caramba ouvindo-a.

— Acho que deveria colocar um toque de recolher para Vitor devolver sua filha. — Gustavo disse.

Vitor o fuzilou com o olhar.

— Uma boa ideia, Gustavo. — Carlos disse e olhou para Vitor. — Devolva minha filha até as 23h ou eu vou castrá-lo.

— Eu sei que é sua filha, Carlos, mas vou lhe dizer como vai ser. — Vitor disse firme. — Vou pegar Sofia na faculdade as dez da noite, levá-la para comer algo e vou devolvê-la inteira até meia-noite.

Carlos tentou protestar, Vitor levantou uma mão o calando.

— Não quero abusar e nem ser desrespeitoso, mas não vou prometer uma coisa que não posso fazer. As onze? Fala sério. Nem se eu fosse o *The Flash*.

— Apesar dele estar de carro, temos que considerar que é meio lento com esse joelho fodido. — Gustavo brincou e Vitor o fuzilou com o olhar novamente.

— Se você continuar, vou ter o maior prazer em reconstruir seus dentes. Porque eu vou quebrá-los se não calar a boca. — Vitor o ameaçou já sem paciência.

— Só queria ajudar. — Gustavo se defendeu.

— Vai ajudar ficando calado. — Vitor disse e voltou a olhar para Carlos. — Não vou machucá-la, ou fazer algo que ela não queira.

Gustavo gargalhou.

— Filho da puta...

— Brincadeira. — Vitor disse rindo.

— Não achei graça. — Carlos resmungou.

Vitor voltou a ficar sério.

— Não sou um moleque irresponsável, Carlos, não é porque cresci em uma casa cheia de testosterona que não sei como tratar uma mulher — defendeu-se.

— Sem contar que dona Elis te arrancaria as bolas. — Gustavo disse e deu de ombros.

— Minha mãe me criou para ser homem, não se preocupe mais com isto.

— Vai convidá-la mais vezes? — Carlos questionou.

— Vou.

— Espero que ela não aceite mais. — Carlos praguejou. — Meia-noite, se passar disto, eu vou socá-lo.

— Combinado.



Sofia correu para dentro de casa, ofegante de andar tão rápido depois que desceu do ônibus. Precisava se arrumar para a faculdade e também para o encontro com Vitor. Sentia-se um pouco insegura com o que vestir, já que estava tão acostumada com jeans e camiseta.

Se jogou no banheiro e tomou um longo banho. Aproveitando que as sextas saía mais cedo do trabalho. Enrolou-se em uma toalha e correu para o quarto. Não costumava andar de toalha pela casa, queria evitar o constrangimento de encontrar seu irmão ou pai no meio do caminho.

Assim que entrou em seu quarto, deu de cara com Laura deitada em sua

cama.

— O quê...

— Vim ajudar.

Sofia ergueu uma sobrancelha para ela e fechou a porta.

— Dona Lurdes já espalhou para a família que enfim você teria um encontro decente — explicou rindo.

— Merda, velha fofoqueira.

Laura riu concordando e se levantou.

— Já olhei seu guarda-roupas e acho que deve usar isto.

Sofia olhou a roupa que sua irmã escolheu e mordeu o lábio inferior insegura.

— Vai arrasar, confie em sua mana aqui.

— Tudo bem.

Uma hora depois ela se encarou no espelho.

Laura tinha escovado seu cabelo e feito ondas nas pontas. Não usava muita maquiagem, mas seu batom rosa realçava seus lábios. A camiseta de cetim rosa claro, de alças finas e folgadinha, deixava-a confortável. O jeans boca de sino era bem apertado até suas coxas, realçando suas melhores curvas. E nos pés, calçava uma bonita sandália preta de salto quadrado médio.

Sofia queria roer o esmalte azul de suas unhas com ansiedade, mas se conteve. Não queria estragar o trabalho da manicure, que com tanto esforço fez para ela as cinco da manhã. Era o único horário que Sofia tinha disponível, isto a deixou com sono, mas não se arrependia. Queria ter a certeza de que estaria bonita.

Ouviu a buzina lá fora e correu para pegar sua bolsa e materiais que ia precisar. Rodrigo sempre lhe dava carona as sextas. Implorou aos céus que conseguisse sair sem se encontrar com a louca família que tinha. Já que sua avó não conseguiu manter a boca fechada sobre seu encontro, por isto, seu pai estava tão emburrado ontem.

Laura lhe jogou um beijo e Sofia saiu aliviada em não ver ninguém no

caminho. Entrou no carro e beijou o rosto de Rodrigo.

— Corra. — Ela pediu.

— Por que? Não estou tão atrasado — franziu a testa confuso.

— Você quer mesmo que dona Lurdes ou o pai me encontre hoje? — Ela perguntou com impaciência.

— Não estou entendendo nada.

Sofia viu o carro do seu pai vindo no final da rua quando olhou pelo retrovisor.

— Pelo amor de Deus, Rodrigo — implorou. — Acelera esse carro ou eu vou ser jogada aos tubarões.

Ele riu olhando o retrovisor e acelerou.

— Agora me conte o que está acontecendo. — Rodrigou pediu.

— Não ficou sabendo?

— Acredito que não, estou realmente confuso.

— Vitor me convidou para sair hoje à noite e aquela avó fofqueira, que temos, espalhou a novidade.

— Quem é Vitor?

— Eu o conheci na floricultura e depois descobri que era o dentista do papai.

Rodrigo riu alto.

— Por isto ele estava amaldiçoando o dentista aos quatro cantos do mundo. — Rodrigo parou no sinal vermelho e gargalhou. — Pensei que o homem tinha arrancando uns três dentes dele.

— Não tem graça, Rodrigo.

— Claro que tem, você está ciente que ele tinha um horário no dentista ontem, *neh*?

Sofia arregalou os olhos.

— Fala que não é verdade.

— Claro que é verdade — riu. — Então, se o doutor estiver com um olho roxo hoje em seu encontro, sabemos quem foi o responsável.

— Não brinque com isto.

— É sério. — Rodrigo disse rindo. — Ele foi comigo olhar alguns apartamentos ontem de manhã e não parava de resmungar “*como queria quebrar aqueles dentes bonitos do doutor Vitor*”. Palavras dele, juro.

— Que Deus me ajude, vou enlouquecer.

— Não é pra tanto.

Sofia olhou para ele com impaciência.

— Tudo bem, você vai enlouquecer com o pai ciumento e avó sem escrúpulos que temos.

— Tô na merda — praguejou.

— Algo do tipo mana.

Sofia ficou em silêncio, pegou o celular e digitou uma mensagem para Vitor.

Sofia: Diga-me que não tem nenhum olho roxo, por favor.

Vitor: Talvez um queixo inchado.

Sofia suspirou, não era possível que seu pai tinha feito tal coisa.

Sofia: Está brincando, *neh*?

Vitor: Não estou, ainda bem que não foi na boca e quebrado alguns dentes. Teria que pagar meu sócio para consertá-los.

Sofia: Desculpe-me por isto, sinto muito, meu pai não deveria ter feito isto.

Vitor: Estou brincando, juro que meu rosto continua tão lindo como antes.

Sofia: Isto não tem graça!

Vitor: Tem um pouco. Seu pai não teria coragem de acertar o homem que poderia torturá-lo durante as consultas.

Sofia: Não brinque com a sorte, meu pai é doido.

Vitor: Não posso discordar, o homem tem uns parafusos a menos.

Sofia riu de leve, depois olhou para Rodrigo e se lembrou do que ele tinha dito antes.

— Vai se mudar? — questionou.

— Demorou a perguntar. — Rodrigo disse.

— Desculpe, estava pensando nas loucuras que nosso pai poderia ter feito ontem.

Rodrigo riu concordando.

— Algo realmente preocupante. — Rodrigo respondeu. — Estou olhando alguns lugares para mim, já passou da hora de ter o meu próprio canto.

— Quando pretende mudar?

— Não sei ainda, mas estava querendo ser rápido. — Ele suspirou e coçou a nuca. — Já paguei esse carro e minha faculdade, não tenho mais nenhuma dívida. Então, acredito que já esteja na hora de encontrar um lugar para mim.

— Mãe vai chorar por seu primogênito, que é só um bebê de vinte e seis

anos, indo morar longe das asas dela — provocou o irmão.

— Como disse, passando da hora. — Ele respondeu rindo. — Mas me fale mais sobre esse seu encontro.

— Não vai dar uma de irmão ciumento, *neh*?

— Talvez.

Sofia gemeu frustrada.

— Estou brincando, só quero ter certeza de que vai ficar bem — explicou.

— Vou ficar bem — garantiu.

— Anda, me conta. — Ele insistiu.

— Não tenho o que dizer, Rodrigo, vou sair com ele.

— Simples assim?

— Simples assim.

— É um potencial namorado?

— Tem ficado muito perto de dona Lurdes — acusou.

— Só fiz uma pergunta — riu.

— Vó me mandou beijá-lo, disse que tinha certeza que a boca dele era limpinha, já que era dentista — contou.

— Ela não disse isto!

— Disse.

Rodrigo gargalhou.

— Ela não tem limites. — Rodrigo falou.

— Tinha que ver a cara de coitadinha dela. “*Estou muito cansada, poderia ir com minha neta comprar uma pipoca pra mim?*”

Sofia imitou a voz de sua avó e seu irmão riu.

— Cansada? Aquela mulher tem mais pique do que uma criança de três anos que acabou de aprender a andar.

— Não aguento aquela cara de pau. Cansada? Vê se pode, Rodrigo, pelo amor de Deus! Cansada!

Eles gargalharam juntos.

— Dona Lurdes é terrível.

— Eu que o diga — riu.

— Não me respondeu se é um potencial namorado.

Sofia revirou os olhos com impaciência.

— Não sei, talvez sim, talvez não.

— Muito indecisa — observou.

— Só vamos sair juntos, não é nada demais.

— Se você está dizendo. — Ele disse e deu de ombros.

— Não vou me iludir, Rodrigo, as coisas não funcionam assim para mim. Só vou deixar rolar, não nego que gosto dele. É divertido e bem humorado, sem contar que consegue sobreviver aos encontros com nossa terrível avó e nosso pai — explicou.

— Já merece alguns pontos por não ter corrido na primeira oportunidade.

Sofia riu concordando.

— Eu correria para o outro estado. — Rodrigo brincou.

— Talvez ele ainda faça isto. — Sofia disse e riu.

— Vamos ver se ele sobrevive quando o pai e a avó estiverem juntos. Pai tentando mantê-lo com as mãos longe de você e ...

— E vó tentado ajudá-lo a tirar minhas roupas. — Sofia completou rindo.

— Algo do tipo, mas me avise antes — pediu. — Vou comprar pipoca.

— Deveria me ajudar e não ficar assistindo.

— Nunca me meto entre os dois — deu de ombros.

— Eu também não, mas por incrível que pareça sou sempre o assunto entre eles.

— Nasceu com essa sorte.

— Que Deus me ajude.

Seu irmão riu e estacionou o carro na frente da faculdade. Depois se virou para ela e beijou sua testa.

— Boa aula, mana, e aproveite seu encontro.

— Obrigada?

Rodrigo riu.

— Lembre-se em se divertir um pouco, não faça nada que eu não faria.

— Uma lista muito curta, então — retrucou.

— Bem curta — afirmou rindo.

— Obrigada pela carona.

— Sempre que precisar.

Sofia abriu a porta e a voz de Rodrigo a fez parar.

— Se ele te machucar, eu o machuco.

— Não se preocupe com isto, irmão mais velho.

— Sempre me preocupo — garantiu.



Capítulo Seis

Vitor batia os dedos de leve sobre o capô do seu carro com ansiedade. Estava encostado ali, a pelo menos dez minutos, aguardando Sofia. Por pura sorte tinha conseguido sair mais cedo do consultório e tido tempo de sobra em casa. O que o deixou ainda mais ansioso.

Queria vê-la.

Ver o seu sorriso e, estranhamente, queria beijá-la.

Tinha pensado muito sobre isto durante a semana. Antes acreditava que seria bom tê-la por perto. Gostava do seu humor e presença. Achava que seria suficiente. Mas depois de ganhar seu telefone no último domingo, algo tinha mudado. Ter sua amizade não seria suficiente. Vitor tinha plena certeza disto.

Não depois de vê-la sorrir.

Era o sorriso mais encantador que já tinha visto. Não considerava Sofia a mulher mais linda do mundo, mas o brilho dela fazia qualquer outra perder a graça. Aquele brilho fazia parecer real o desejo de ser feliz.

Ser um homem divorciado tinha o deixado cru quando o assunto é felicidade. Toda aquela frustração que passou em seus cinco anos de casado o fez querer se manter longe de qualquer mulher que mereça um relacionamento.

Mas então, por que estava tão interessado em Sofia? Se perguntou.

Não teve uma resposta, sua atenção se voltou para a bela mulher que caminhava em sua direção. O sorriso confiante em seus lábios o provocava ainda mais. Vitor sentia que tinha um diabinho e um anjo em seu ombro, o tentando.

Aquele sorriso merecia ser beijado, mas ele não queria assustá-la ou abusar da sorte.

— Olá, Vitor.

— Como vai, Sofia?

Ele se aproximou e beijou a bochecha dela. Sofia retribuiu o beijo e quando Vitor se afastou ela ainda mantinha o sorriso.

— Estou ótima e faminta.

— Também estou faminto, vamos?

— Claro.

Vitor foi um completo cavalheiro ao abrir a porta para ela. Sofia agradeceu e se sentou. Ele deu a volta e ligou o carro.

— Algum lugar que queira ir?

— Nenhum.

— Prefere pizza ou uma porção? Ou qualquer outra coisa que queira, é só me dizer.

— Hm, difícil escolha. — Ela respondeu e riu. — Vamos de pizza, me deu uma vontade agora.

— Então, pizza.

Sofia acenou concordando.

— Estou feliz de você não ter nenhum roxo no rosto.

Vitor riu antes de respondê-la.

— Seu pai ganhou o título do pai ciumento do ano — afirmou.

— Não existe tal coisa — protestou rindo.

— Mas ele ganharia fácil se existisse.

— Com certeza. — Sofia concordou e eles riram. — Diga-me que ele não fez nada demais, por favor.

— Só algumas ameaças. — Vitor deu de ombros.

Sofia tampou o rosto com as mãos.

— Oh, meu Deus!

— E ainda colocou toque de recolher, com a ajuda de Gustavo.

— Pode piorar?

— Talvez tenha me chutado nas bolas.

Sofia o encarou pasma.

— Não tem graça! — Ela exclamou e ele riu.

— Tem sim, tinha que ver sua expressão de chocada.

— É porque eu não duvido das coisas que o doido do meu pai pode fazer.

— Não se preocupe, Sofia, não vou correr.

— Eu correria, estou começando a pensar que sofre das mesmas loucuras que meus familiares.

Vitor riu.

— Você correria?

— Para outro estado ou país.

Riram juntos.

— Tenho que te devolver até meia-noite ou vou precisar da ajuda de Gustavo para consertar meus dentes.

— Para — implorou.

— Estou falando sério, sou um homem ameaçado — afirmou com os olhos brilhando de diversão.

— Não se preocupe, Dona Lurdes vai protegê-lo. — Sofia garantiu.

— Me sinto melhor agora.

— Ninguém é melhor do que ela para enfrentar meu pai.

— Vou me lembrar disto.

— Ela é uma boa arma.

Riram concordando.

Vitor estacionou o carro.

— Já veio aqui antes? — Ele perguntou.

— Sim, amo a pizza da casa.

— Eu também.

Alguns minutos depois estavam sentados em uma mesa no canto, na parede ao lado tinha um grande aquário com diversos peixes de água salgada. O que foi de grande ajuda para a escolha do lugar que ficariam.

Foram rápidos em escolherem suas bebidas e fazer o pedido da pizza.

— Diga-me um pouco de você, Sofia.

Ela o encarou um segundo.

— Sou isto que vê, Vitor, bem-humorada até certo ponto. Tenho um bom emprego e uma família que me enlouquece.

— E estuda o quê?

— Administração, quase acabando.

— Quando finaliza?

— Em duas semana faço minha apresentação do TCC.

— Sêrio?

— Sim.

— Nervosa?

— Demais.

— Acredito que vai se sair bem.

— Como pode ter tanta certeza?

— Você é uma pessoa que passa sempre muita confiança. Tem um andar confiante, assim como o olhar.

— E você pode dizer isto depois de me ver só algumas vezes? — questionou curiosa.

— Não precisaria muito para perceber isto.

— Espero que esteja certo, porque eu quero muito me formar.

— Estou sempre certo. — Vitor brincou.

— Agora, eu sei muito pouco de você. — Ela disse o observando.

— Também sou isto que vê, Sofia, bem-humorado na maioria das vezes e uma família grande.

— Tem quantos irmãos mesmo?

— Três — respondeu. — Guilherme, Vinicius e Pedro.

— Achei que os outros rapazes no bar também eram seus irmãos.

— Eu os considero como irmãos, mas são meus amigos. Gustavo e Daniel.

— Gustavo é o seu sócio?

— Sim, eles moram na casa ao lado da minha. Crescemos juntos, por isto nos tornamos tão amigos.

— É bom ter amigos de infância.

— Você tem algum?

— Tive, mas nos mudamos de cidade algumas vezes enquanto crescia. Acabou afastando algumas pessoas e conhecendo outras.

— Mudança nunca é fácil.

— Não mesmo, mas foi bom quando meus pais decidiram se estabelecerem aqui.

— Eu não tenho o que reclamar.

Sofia deu de ombros, também não tinha o que reclamar sobre a cidade. Gostava de morar ali.

— Fale mais sobre você, Vitor.

— Tenho um sobrinho de quatorze anos — disse e arregalou os olhos. — Toda vez que me lembro que carreguei aquele garoto no colo, me dá até um arrepio em pensar em como estou ficando velho.

— Bobo. — Sofia riu. — Filho de quem?

— Guilherme, mas Luan se mudou a pouco tempo.

— Muito longe?

— Não, uns quarenta minutos de carro. Mas isto o afastou um pouco da gente, gosto do garoto.

— Seu irmão, então, não é casado.

— Nunca casou, mas pelo jeito não vai casar tão cedo — brincou.



A conversa entre eles fluiu de um jeito tão confortável, que quase não perceberam o quão rápido o tempo estava passando.

— Se importa se pararmos um pouco ali? — Vitor perguntou apontando para a praça abaixo do mirante da cidade.

— Claro que não.

Ele estacionou o carro e os dois desceram. Vitor pegou a mão de Sofia e de mãos dadas caminharam até um banco de madeira. No local tinham muitos casais, alguns observando a vista e outros se beijando. Era um local agradável, apesar do horário.

— Gosto de vim aqui. — Vitor disse baixo. — Olhar essa vista me acalma.

— Sinto o mesmo. — Sofia disse e o olhou. — E você precisa sempre ser acalmado?

Um sorriso brincou nos lábios dela em divertimento.

— Às vezes.

Vitor riu antes de explicar

— Rompi o ligamento do joelho em um acidente de carro dois anos atrás, a dor parece nunca passar e isto me deixa irritado — contou. — Às vezes me deixa com um humor do cão.

— Sinto muito.

— Não sinta, já me acostumei a ela. — Vitor disse e suspirou. — Mas tem dias que eu tenho vontade de arrancar minha perna pra fora do corpo.

— Não imaginei que fosse tão forte assim — disse preocupada.

— São raros esses dias de dor extrema, faço acompanhamento mensal para ver se consigo controlá-la. Mas meu médico disse que não é uma possibilidade

me livrar da dor.

— Toma remédios para isto?

— Sim, um comprimido, somente no dia em que a dor me perturbar muito.

— Somente um? — Sofia perguntou com os olhos arregalados.

— Sim, são comprimidos viciantes. — Vitor parou para pensar. — É tão tentador a ideia de não sentir mais nada se eu tomasse mais que um. Eu compreendo a gravidade do problema se me viciasse em analgésicos.

— Não existe nada mais que possa ajudar?

Vitor sorriu de leve vendo a preocupação de Sofia.

— Faço três sessões de fisioterapia por semana e tento malhar nos outros dias. — Vitor apontou para a barriga levemente arredondada. — Mas como pode ver, a academia não faz muito efeito.

— Bobo.

— Cerveja demais faz isto para os homens.

Sofia riu alto.

Vitor olhou o relógio no pulso e viu que só tinha vinte minutos.

— Preciso levá-la de volta.

— O tempo pareceu voar.

Vitor colocou uma mexa de cabelo de Sofia para trás e fez um carinho em seu rosto.

— Vai aceitar outro convite meu?

— Basta me dizer quando — afirmou.

— Gosto de como isto soa.

Eles riram juntos e Vitor se aproximou mais.

— Eu sei que é nosso primeiro encontro, mas quero tanto te beijar. Ainda aceitaria sair comigo de novo se eu a beijasse?

— Vai ter que beijar pra saber. — Sofia sussurrou.

Seus rostos estavam tão próximos que podiam sentir a respiração um do outro. Os lábios de Vitor pousaram delicadamente sobre os de Sofia. Ela prendeu a respiração por um segundo e fechou os olhos.

A mão de Vitor escorregou para sua nuca e Sofia segurou o ombro dele. Vitor se afastou um pouco e os dois se encararam com intensidade, antes de seus lábios se encontrarem novamente.

O beijo foi tão delicado que os dois consideraram como um pedaço do céu, aquele contato tão íntimo.

Sofia abriu mais os lábios e permitiu que a língua de Vitor se encontrasse com a dela. O movimento lento e sensual, era tão marcante e provocador. Aos poucos o local ao redor foi se apagando e um sentimento de certeza envolveu o casal. Tinham a certeza de que fizeram boas escolhas para que agora pudessem estar juntos.

E a certeza de que, aquele beijo que os unia, era somente o começo para sua história.

Vitor relutou consigo mesmo antes de se afastar. Ele não queria deixar de tocá-la, mas tinha dado sua palavra que a devolveria em casa no horário combinado. Quando se afastou um pouco dos lábios dela, viu que Sofia ainda mantinha os olhos fechados. E quando ela os abriu, ele ficou quase que sem fôlego. O brilho em seus olhos castanhos o cativou tanto que ele desejou nunca mais ter que ficar longe de Sofia.

— Você é tão linda.

Ela sorriu e Vitor olhou para seus lábios avermelhados.

— Odeio o seu pai um pouco agora. — Vitor brincou.

— Posso saber o porquê?

— Porque eu prometi te deixar em casa meia-noite, mas não queria deixá-la ir.

— Acho que o odeio um pouquinho agora também.

Vitor sorriu antes de beijá-la novamente.

Desta vez o beijo vinha cheio de promessas e palavras não ditas.



Vitor dirigiu em silêncio. Ainda tinha cinco minutos, o que era tempo suficiente para cumprir com o combinado. No entanto, ele só conseguia pensar em como se vingar de Gustavo por ter dado a ideia do toque de recolher para Sofia.

Seu amigo não escaparia tão facilmente assim, tinha que ter o troco.

— Te vejo no domingo à noite? — Vitor perguntou.

— Que horas?

— As sete. — Vitor afirmou. — Sempre passo os fins de semana na casa do lago de meus pais. Todos nós vamos para lá, vou ver se consigo convencê-la a ficar comigo lá na próxima semana.

— Vou adorar.

— Não te chamo para ir agora, por causa do seu pai. Não quero assustá-lo.

— Você já fez isto ao me chamar para sair.

Vitor riu.

— Vou chamar muitas vezes, tenha certeza disto.

— Fico feliz.

— Talvez eu não te veja durante a semana que vem. — Vitor suspirou ao se lembrar do motivo. — Vou me mudar até quinta-feira e não sei se vou conseguir te ver. Desculpe, tinha me esquecido disto.

— Não se preocupe, Vitor, por que vai se mudar?

— Consegui comprar uma casa.

— Que legal.

— Sim, um problema a menos.

— Não fale assim.

— Não posso reclamar, consegui um bom preço em um leilão no banco. Preciso me mudar, porque não posso pagar o aluguel do apartamento e as

parcelas da casa.

— Só de ser sua casa já vale qualquer esforço.

— Com certeza, mas não consegui reformar toda a casa. Fiz somente o principal, quarto, banheiro e cozinha.

— Aos poucos você vai arrumando.

— Esse é o plano. — Vitor disse antes de parar o carro na frente da casa de Sofia. — Vou levar minha tropa para trabalhar um pouco lá no próximo fim de semana. Dan e Pedro trabalham com construção civil e já me deram uma força, vou ver se consigo explorar mais os dois.

— Não perca a oportunidade.

— Jamais — riu.

Eles se calaram por alguns segundos e o clima ficou pesado dentro do carro. Sofia prendeu a respiração e suspirou quando Vitor a puxou para mais um beijo. Seus lábios dançavam sensualmente, os enchendo de prazer pelo contato.

Vitor encostou sua testa na de Sofia.

— Não quero deixá-la ir.

— Eu não quero ir.

— Deus. — Vitor murmurou. — Como é difícil deixá-la sair.

Sofia se aproximou e o beijou por um longo tempo antes de se afastar.

— Eu preciso ir, ou meu pai vai vim me buscar.

— E me socar, pequeno detalhe que você esqueceu.

— Não deixaria ele bater em você.

— Que bom, uma segunda defensora.

Eles riram.

Sofia abriu a porta e Vitor lhe entregou seus materiais, que tinha colocado no banco de trás.

— Até domingo, Vitor.

— Até domingo, Sofia.



Capítulo Sete

Sofia suspirou aliviada ao entrar em casa e não encontrar ninguém a aguardando. Algo que sua família era muito bem capaz de fazer, somente para atormentá-la. Sabia que não escaparia por tanto tempo, amanhã todos iriam questioná-la e não teria para onde correr.

Trancou a porta e caminhou devagar para seu quarto. Tentou não fazer muito barulho, colocou seus materiais sobre sua escrivaninha junto com a bolsa. Acendeu a luz e deu um pulo de susto, quando viu seu pai deitado em sua cama. Não tinha percebido sua presença antes e não esperava encontrá-lo.

— Santa merda, quase me fez ter um infarto. — Sofia o acusou.

— É muito nova para ter um infarto — retrucou emburrado.

— Como se idade fosse algum empecilho para doenças cardíacas — estreitou os olhos para ele.

Carlos deu de ombros mostrando não se importar.

Sofia suspirou, sentou na sua cadeira de escrivaninha e começou a desabotoar as sandálias. Sabia que seu pai só precisava de tempo para dizer o que ele queria. Carlos nunca foi muito bom em manter o silêncio por longos períodos.

— Sofia?

— Hm.

Ela reprimiu um sorriso ao ver que ele não aguentou nem mesmo um minuto calado.

— Você está gostando dele?

Sofia esperava por este tipo de pergunta, se levantou e se sentou na cama ao lado de seu pai.

— Pai.

— Diga, filha.

— Eu gosto do Vitor — disse tranquila.

— Merda.

— Ele é gentil, bem-humorado e me faz sentir bem todas as vezes que está por perto — confessou.

— Mas...

— Mas eu não tenho muito mais o que te dizer, pai — disse sorrindo com carinho para o pai.

— Eu só...

— Está com ciúmes — afirmou.

— Um pouco.

Sofia ergueu uma sobrancelha para ele.

— Tudo bem, talvez um pouco mais que um pouco.

Sofia riu e deitou no braço de Carlos, seu pai pareceu aliviado em tê-la perto e a abraçou.

— Nada vai me tirar de você, pai — garantiu.

— Você é minha menininha, não quero perdê-la — resmungou.

— E não vai, nada irá mudar, pai — afirmou.

— Claro que vai mudar, Vitor está tentando pegar minha princesinha pra ele — protestou.

— Deus, quanto exagero.

— É sério, Sofia!

Carlos a apertou em seu abraço.

Sofia riu alto e seu pai a mordeu.

— Ai, pai.

— Eu estou todo preocupado aqui e você rindo de mim.

— Não se preocupe, saí com Vitor hoje e é só o começo.

— Que Deus me ajude, ou vou acabar deixando ele manco do outro joelho também.

— Pai!

— *Tô brincando.*

Eles riram e depois se calaram quando ouviram alguém abrir a porta. Lucia estava na porta com uma expressão brava.

— Pra cama, Carlos! — exclamou. — Deixe Sofia em paz.

— Xiii, se ferrou. — Sofia o provocou.

— Desde quando virei um pau mandado assim? — Carlos perguntou se levantando.

— Não se lembra? — Lucia provocou o marido. — No dia em que se casou comigo.

— Merda. — Ele praguejou.

— Está arrependido?

— Nunca, querida. — Carlos disse para a esposa e depois encarou Sofia. — Boa noite, filha.

— Boa noite, pai.

Lucia se aproximou e beijou os cabelos de Sofia.

— Diga-me que o beijou. — Ela sussurrou.

Sofia riu quando seu pai gemeu.

— Não diga nada, por tudo que é mais sagrado. — Carlos implorou.

— Claro que não, mãe. — Sofia disse rindo.

Sua mãe sabia que ela estava mentindo por brincadeira.

— Não perca nenhuma oportunidade, a vida é muito curta. — Lucia aconselhou.

— Que isto mulher! Não diga umas coisas assim para minha filhinha. — Carlos disse com os olhos arregalados.

— Boa noite, filha. — Lucia disse e piscou para Sofia. — Faça seu pai pagar pelos pecados dele.

— Vou morrer antes dos cinquenta se ela fizer isto — protestou.

Elas riram alto.

— Vai nada, você tem uma carcaça forte. — Lucia o provocou.

Carlos a pegou pela mão e levou a esposa para fora, enquanto resmungava qualquer besteira que vinha em sua mente.

Sofia ainda podia ouvi-los conversando e deu algumas risadas com os absurdos que ouvia de seu pai. Sua mente logo se distraiu e voltou a se lembrar de Vitor.



Na manhã seguinte, Sofia quis gemer de frustração quando entrou na floricultura. Sua mãe, sua avó e sua irmã estavam esperando por ela. Todas com um ar de curiosidade que parecia impossível satisfazer.

— Diga logo, menina! — Lurdes exclamou.

— O que querem saber? — Sofia perguntou se rendendo.

— Tudo!

Elas exclamaram juntas.

Sofia revirou os olhos com impaciência, se sentou na banqueta que tinha perto do balcão.

— Fomos em uma pizzeria, conversamos muito e depois paramos na praça abaixo do mirante.

— E? — Laura perguntou.

— E nada.

— Mentirosa. — Lurdes disse rindo. — O beijou, tenho certeza.

— Ele me beijou. — Sofia assumiu sabendo que não adiantaria esconder a

verdade por muito tempo.

As três mulheres na sua frente comemoraram como se tivessem ganhando um prêmio. Sofia revirou os olhos novamente e começou a fazer um embrulho em um vaso. Precisava se manter ocupada para não pensar tanto em Vitor, mas tinha a completa certeza que seria impossível.

— Conte mais, filha. — Lucia pediu.

Sofia não as encarou, colocou o vaso em cima dos papéis de seda e procurou por fitas.

— O que mais eu poderia dizer? Ele me beijou, eu retribui e ponto.

— Ponto nada. — Lurdes resmungou.

— Foi bom? — Laura perguntou.

— Você gostou? — Lurdes perguntou.

— Vão sair novamente? — Laura questionou.

— O apalpou? Ele tem um bom tamanho? — Sua avó perguntou.

Sofia ergueu o olhar e a encarou pasma.

— Quê? — Lurdes questionou. — É algo a se considerar.

Laura riu alto.

— Você não tem jeito, mãe. — Lucia disse rindo.

— Eu não o apalpei, Deus! — exclamou. — Realmente acreditava que eu faria algo assim?

— Claro que não, mas não custava nada perguntar. — Lurdes deu de ombros.

— Não respondeu nossas perguntas. — Sua mãe a lembrou.

Sofia suspirou e voltou a fazer o laço em seu arranjo.

— Gostei dos beijos.

Sua avó bateu palmas animada.

— Gosto daquele garoto. — Lurdes disse e gargalhou. — A beijou mais de

uma vez.

Elas riram animadas.

— Vão sair novamente? — Lucia perguntou.

— Sim, amanhã à noite, irá me pegar em casa.

As mulheres comemoraram fazendo Sofia rir, mas ela logo se lembrou de algo.

— Dona Lurdes. — Sua avó a encarou sorridente. — Ainda não nasceu alguém tão fofoqueira como você. — Sofia acusou.

— Precisava ver a cara do seu pai. — Lurdes disse e riu alto. — Parecia que ia ter um treco quando eu o contei que você ia em um encontro com o dentista.

— Mãe, você ainda vai fazê-lo enfartar. — Lucia disse.

— Que nada, vaso ruim igual aquele é difícil de quebrar.

Todas riram.

Sofia se sentia muito tranquila, enquanto ouvia sua avó narrar como contou a Carlos sobre o encontro.



Sofia sentiu o celular vibrar as 19h em ponto, era uma mensagem de Vitor.

Vitor: Estou aqui fora.

Sofia: Já estou indo.

Ela pegou sua bolsa e caminhou para fora do quarto. Estava vestindo algo confortável, tinha conversado com Vitor antes e eles decidiram ir a uma sorveteria. O vestido leve e soltinho que usava ajudava a aliviar o calor. Não colocou saltos, achou que seria exagerado demais para ir tomar um sorvete.

Colocou sandálias rasteirinha e deixou o cabelo enrolado em um coque bagunçado. Gostava de se sentir confortável e bonita, mas não era uma opção soltar suas madeixas. O calor estava insuportável.

Quando chegou na sala, viu seu pai de braços cruzados a encarando.

— Aonde vai?

— Sair com Vitor.

Carlos gemeu.

— De novo?

— Sim, ele está me aguardando. — Ela beijou sua bochecha.

Sofia viu Rodrigo jogado no sofá assistindo um jogo na TV.

— Tchau, mano.

— Se cuida, princesa.

— Sempre.

Deu a volta em seu pai e abriu a porta.

— Mas...

— Vou correr pra fora antes que resolva colocar um toque de recolher novamente.

Sofia não se preocupou em fechar a porta, sabia que ele a seguiria.

— Eu ainda sou seu pai — protestou.

— Não me esqueci disto — afirmou.

Sofia riu e abriu o portão. Vitor estava encostado no carro conversando com sua mãe e sua avó. As duas tinham ido buscar alguma coisa para fazer um lanche da noite e por pura falta de sorte de Sofia, voltaram bem a tempo de encontrar com Vitor. Ele estava de bermuda e camiseta, o que a fez se sentir tranquila sobre suas roupas.

— Tem certeza que não quer entrar? — Lucia perguntou.

— Fica pra próxima, prometi levar Sofia em um passeio — respondeu.

— Tudo bem, cuide bem dela.

— Sempre. — Vitor garantiu a sua mãe.

— Tudo bem o cacete. — Carlos praguejou.

— Pai. — Sofia gemeu frustrada.

— De novo? Só pode ser brincadeira. — Carlos disse a Vitor.

— Eu te disse que a convidaria mais vezes para sair. — Vitor deu de ombros despreocupado.

— A traga de volta em uma hora. — Carlos ordenou.

— Coisa nenhuma! — Lurdes exclamou. — Não precisa ter pressa em trazê-la de volta, Vitor.

— O cacete que eu vou permitir isto! — Carlos disse. — Não se atreva a escutar essa velha.

— Velho é você que tem cabelos brancos. — Lurdes o provocou.

— Sou grisalho, pelo menos não tinjo meu cabelo para esconder minha idade. — Carlos falou para irritá-la.

— Eu não tinjo meu cabelo! — exclamou ofendida.

— Mentirosa. — Carlos a provocou.

— Deveria parar de invejar ter cabelos tão bonitos como os meus. — Lurdes falou.

— Invejar você? — Carlos riu alto. — Isto só aconteceria no dia em que chovesse canivetes do céu.

— Cuidado, vai que um desses canivetes o acerte. — Lurdes retrucou provocando.

Vitor riu alto e Sofia gemeu envergonhada.

— Devo trazer pipoca? — Rodrigo perguntou ao chegar no portão. — Reunião na calçada e ninguém me convidou.

— Você deveria estar me ajudando impedir de que ele leve sua irmã sem hora para voltar! — Carlos exclamou e seu filho riu.

— Este vai ser mais um dos inúmeros assuntos que não vou me meter. — Ele afirmou e estendeu a mão para Vitor. — Sou Rodrigo.

— Vitor.

Apertaram as mãos.

— Traga minha irmã de volta inteira e vai estar bom pra mim.

— Vai estar inteira. — Vitor afirmou.

— Graças a Deus que ela não é mais virgem. — Lurdes disse.

Todos a encararam pasmos.

Sofia, Rodrigo e Carlos gemeram.

— Quê? — Lurdes perguntou fazendo cara de inocente. — Ele não poderia devolvê-la inteira caso fosse.

— Vou matar essa velha. — Carlos afirmou.

— Vó, juro que não quero saber mais nada sobre a vida íntima de Sofia. — Rodrigo disse e fez uma careta. — Então, me poupe.

— Só disse o óbvio. — Lurdes afirmou.

— Esquartejá-la vai ajudar aliviar minha raiva. — Carlos disse.

Sofia pegou a mão de Vitor.

— Vamos antes que mais gente se junte a essa reunião e fique ainda pior. — Ela disse.

— Quem mais poderia se juntar? — Ele perguntou curioso.

— Minha irmã Laura, por favor.

Vitor riu e abriu a porta do carro para ela. Sofia entrou e Carlos não permitiu que Vitor fechasse a porta.

— Um hora é tudo o que tem...

— Coisa nenhuma. — Lurdes protestou.

— Carlos e mamãe, parem agora com isto. — Lucia mandou. — Estão me envergonhando. Vitor, leve o tempo que precisar e se divirtam bastante.

— Obrigado, dona Lucia.

— Somente Lucia, por favor.

— Claro, os vejo depois.

Vitor correu para dar a volta no carro antes que mais alguém tentasse impedi-lo. Quando deu partida, não perdeu o suspiro aliviado que Sofia deu. Ele riu alto sem conseguir se segurar e puxou o cinto de segurança, que não tinha posto antes por causa da pressa em se afastar.

— Me desculpe por todas as coisas que ouviu. — Sofia pediu constrangida.

— Não se desculpe, foram os dez minutos mais divertidos que tive nos últimos tempos. — Ele afirmou ainda rindo.

— Que coisa feia, se divertindo as minhas custas. — Ela o acusou.

Vitor gargalhou.

— Não posso nem dizer que sinto muito. — Vitor disse. — Ver seu pai e sua avó trocando farpas foi engraçado demais. É sempre assim?

— Não, tem dias que é muito pior. — Sofia afirmou.

Vitor riu e parou o carro na faixa de pedestre, acenou para uma mulher atravessar.

— Dona Lurdes não conhece a palavra limites. — Sofia disse.

— Percebi que não ficou muito envergonhada quando ela disse que não é virgem. — Vitor falou e arrancou com o carro.

— Digamos que já me acostumei com esses momentos constrangedores — deu de ombros.

— Ela consegue ser pior? — Ele questionou.

— Para provocar meu pai? — arqueou uma sobrancelha. — Ela consegue ser dez vezes pior do que viu hoje.

— E pelo jeito você é sempre o motivo de tantas provocações.

— Sim, continuo esperando pelo dia em que eles vão mudar o foco para Laura.

Eles riram.

— Por que tantos nomes com L na família?

— Dona Lurdes — revirou os olhos.

— Foi o que pensei.

— Ela escolheu o da minha mãe e brigou com meu pai por causa do meu nome. Mas ele foi irredutível em querer me nomear como Sofia, mãe aceitou por ter gostado da escolha dele. No entanto, teve que prometer a minha avó que a deixaria escolher o nome do próximo. Que no caso, nasceu mulher e não escapou de ter um nome com L.

— Ela parece sempre conseguir o que quer — riu.

— Você não faz ideia.

Vitor estacionou o carro, riu da expressão de Sofia. Se inclinou na direção dela, depois de soltar o cinto de segurança, e fez um carinho em seu rosto.

— Não se preocupe, não vou correr — prometeu sorrindo.

— Tem certeza? — Sofia brincou.

— Tenho — garantiu.

— E por que tem tanta certeza? — Ela o provocou.

Vitor sorriu e a encarou por alguns segundos. Ele sentiu seu coração bater mais forte com a aproximação. Sua mão segurou a nuca dela e a puxou, encostando suas bocas. Seus lábios se tocaram delicadamente e se abriram para aprofundar o beijo.

O coração de Vitor se acalmou um pouco quando Sofia o correspondeu. Respirou devagar aproveitando o cheiro dela e o gosto de sua boca. Tinha sido duro deixá-la em casa na sexta-feira à noite, queria ter tido mais tempo com Sofia e automaticamente tê-la beijado mais.

Seus lábios eram viciantes, com um sabor envolvente que o fazia não querer soltá-la nunca mais. Vitor deixou que Sofia se afastasse para recuperar o fôlego, eles se encararam perdidos na imensidão do encanto que os invadia.

— Não poderia correr depois de experimentar seus lábios, beijá-la faz com que qualquer sacrifício seja pouco — disse sinceramente.

As bochechas de Sofia ficaram rosa, Vitor tinha um jeito fascinante de falar.

— Então, acredito que minha família não irá lhe assustar. — Sofia brincou.

— Nunca, eu podendo tê-la só pra mim como agora, não precisará se preocupar — afirmou.

Sofia sorriu, ter conhecido Vitor foi uma boa reviravolta na sua vida. Ele estava provando ser merecedor de confiança. Além do mais, gostava de estar perto dele. Sofia estava começando a desejar pelo sorriso sincero que ele tanto esbanjava. Ansiando por seus toques e beijos. Estava sempre esperando para ouvir sua voz e risada. Gostava de como ele a surpreendia cada vez que se encontravam.

— Vamos?

A pergunta a fez se concentrar, acenou com a cabeça e saiu do carro. Vitor pegou sua mão e seus dedos se entrelaçaram. Se encararam por um segundo e riram gostando de como suas mãos se encaixavam. Entraram na sorveteria e escolheram suas opções. Os dois optaram por taças, se sentaram e aguardaram a atendente trazer o pedido.

— Ansioso com a mudança? — Sofia perguntou.

— Um pouco.

— O apartamento que mora é muito caro o aluguel?

Vitor a olhou com mais atenção agora.

— Não muito, na verdade, o apartamento é do meu pai — explicou. — Ele alugou para mim quando precisei de um lugar para ficar.

— Justo.

— Sim.

— Rodrigo estava procurando por um lugar para ficar, disse que já está na hora de ter o seu próprio canto — contou.

— Se ele quiser, pode ficar com o meu, falo com meu pai por ele — deu de ombros. — O bom é que o apartamento já é mobiliado e ele não vai precisar conseguir os dele.

— Seria legal se fizesse isto, ainda mais que não é muito longe de casa.

Deixaria minha mãe satisfeita — sorriu.

— Vou falar com meu pai — prometeu.

— E eu com Rodrigo, posso passar seu número para ele?

— Claro.

A atendente se aproximou e deixou suas taças de sorvete.

— Nossa, amo sorvete. — Sofia disse.

— Eu também, meu ponto fraco. — Vitor confessou.

— Temos algo em comum. — Ela falou e sorriu. — Você disse que os móveis são do apartamento.

— Sim.

— Então, teve que comprar tudo novo para sua casa nova?

— Sim, mas comprei só o básico. — Vitor disse e uma leve carranca passou por seu rosto.

— Você vai se ajeitar aos poucos, tenho certeza disto. — Sofia disse gentilmente.

Ele sorriu de leve concordando.

— Eu vou.



Capítulo Oito

Sofia mordeu o lábio inferior sentindo-se nervosa. Vitor tinha acabado de estacionar na porta de sua casa e eles precisavam se afastar. Ela se virou e olhou para ele, percebeu que Vitor já a encarava.

Nenhum deles queria ir embora.

O passeio na sorveteria os tinha deixado mais envolvidos do que antes. Sem contar que aquela ansiedade da novidade do que acontecia entre eles, os deixavam querendo sempre mais.

Vitor soltou o cinto devagar e por nenhum momento tirou os olhos dos de Sofia. Ela fez o mesmo, se soltou e se aproximou quando ele veio para mais perto. A intensidade daquele momento os envolveu. Vitor fez um carinho no rosto de Sofia e puxou o lábio dela com o dedo, da prisão de seus dentes.

— Seria exagero se eu dissesse que estou me apaixonando por você? — Vitor perguntou baixo.

— Não sei, talvez eu queira dizer a mesma coisa. — Sofia sussurrou.

Vitor sorriu e selou seus lábios com os dela.

— Parece ficar cada vez mais difícil deixá-la ir e eu a conheço a tão pouco tempo. — Vitor disse sério.

— Beija-me.

O pedido sussurrado de Sofia fez com que os dois ansiassem mais pelo contato.

— Sempre. — Vitor afirmou antes de beijá-la.

A delicadeza só durou um minuto, no segundo depois seus lábios entraram em uma briga sensual. Queriam aproveitar cada segundo juntos. Como se a saudade que sentiriam no momento em que se afastassem pudesse ser suprida por aquele beijo.

Sofia apertou seus dedos nos cabelos da nuca de Vitor e ele a puxou para mais perto. A fome evidente era perigosa para o momento. Uma vontade de

puxá-la para seu colo bateu em Vitor, mas ele se conteve.

Por sorte, ele encontrou um pouco de prudência e se afastou. Os dois gemeram em frustração e se encararam ofegantes. Seus corações batiam tão forte e na mesma sintonia que deixava tudo ainda mais vivo.

— Nos falamos durante a semana? — Sofia perguntou tentando quebrar a tensão.

Vitor respirou fundo e engoliu em seco antes de respondê-la.

— Sim.

— Bom.

— Vou dar um jeito de vê-la essa semana — jurou.

— Não se preocupe com isto, sei que vai estar muito ocupado.

— Eu me preocupo. — Vitor afirmou e sorriu. — Quero vê-la sempre.

Sofia acenou concordando e depois de mais um beijo, ele a deixou ir.



Como combinaram, Vitor e Sofia se falaram durante a semana. Se encontraram duas vezes na padaria, mas não fizeram nada além de trocar algumas palavras, já que Carlos estava por perto e não abandonou o seu papel de pai ciumento *ainda*. Na quinta-feira, Vitor se mudou com a ajuda de seus amigos e irmãos.

Tinha somente roupas para levar para a casa nova, mas alguns dos móveis que comprou precisava ser montado. E como precisava economizar, não pagou pelo serviço de montagem.

— Segure firme, Vitor, vou pegar uma chave.

Ele acenou para seu irmão mais velho, Guilherme. Estavam montando um painel para TV no quarto dele e tomando uma surra para fazer corretamente. Guilherme colocou a furadeira no chão e mexeu na caixa de ferramentas.

— Como tem sido os encontros com a florista?

Vitor revirou os olhos, aquele assunto já tinha se tornado a principal conversa da família nos últimos dias. Na verdade, desde que Gustavo descobriu no consultório que Vitor levaria Sofia para sair, ele não teve mais sossego.

— Bem.

— Não quer falar sobre o assunto? — Guilherme perguntou e voltou para perto de Vitor. — Afaste um pouco para eu ver atrás do painel.

— Não é que eu não queria falar, vocês já falam sobre isto o tempo todo.

— Ninguém mandou deixar o Gustavo descobrir. — Seu irmão riu.

— Aquele *viado* só me atrapalhou.

— Deveria ter batido nele — brincou.

— Eu vou, em algum momento — prometeu.

Eles riram.

— Vai ter troco, tenha certeza disto. — Vitor afirmou.

— Me chama que eu ajudo, ele é muito abusado.

— Por que mesmo somos amigos dele? — Vitor brincou.

— Faço esta mesma pergunta sempre e nunca tenho uma resposta. — Guilherme disse e terminou o trabalho. — Solte.

Vitor se afastou.

— Não vai cair.

— Podemos colocar a TV agora. — Guilherme falou e jogou a chave na cama. — O que está rolando, Vitor? Você anda mais distraído do que nunca e sempre tem um sorriso besta.

— Gosto dela.

— Gosta quanto?

— Suficiente para querê-la sempre por perto. — Vitor puxou a TV para fora da caixa.

— Isto é bom.

— É bem humorada, educada, linda e tem uma família de malucos — confessou sorrindo.

— Nos superam?

— Com toda certeza — afirmou. — Precisa conhecer dona Lurdes, avó de Sofia.

— A dona da floricultura?

— Sim, pensa numa pessoa com um senso de humor terrível? Então multiplica por dez, essa é a dona Lurdes.

— Tenho que conhecê-la — riu.

— Vai ter dor de barriga de tanto rir.

Guilherme acenou rindo e se focou no que estava fazendo por um minuto.

— Segure mais alto, Vitor.

— Cacete, Guilherme, meus braços estão doendo. — Vitor ergueu a TV mais no alto.

— Não ligo, ninguém mandou me pedir ajuda.

— Odeio você.

— Espere até ouvir os outros reclamando de ter que montar os armários da cozinha.

— Bem feito, ninguém mandou ficarem me irritando. — Vitor disse rindo. — Vinicius choramingou na minha cabeça por dez minutos que não tinha paciência com pequenos parafusos — riu. — Eu só quero minha cozinha inteira quando acabarem.

Guilherme riu alto.

— Ele perde a paciência com qualquer coisa que tenha que montar — disse.

— Por isto o coloquei com os armários.

Eles riram sabendo que o irmão estaria puto da vida quando acabasse.

— É sério esses encontros com Sofia? — Guilherme perguntou mudando de

assunto.

— Claro que sim, nunca brincaria com os sentimentos de uma mulher. — Vitor o respondeu sério.

— Você está pronto para um relacionamento?

— Sim, não vou mais ficar preso no meu passado.

— Luciana continua ligando? — questionou.

— Sim, mas em uma frequência menor do que antes.

— Deve estar caindo a ficha.

— Espero que sim — resmungou.

— Qual vai ser o próximo passo com Sofia? — Guilherme perguntou. — Pode soltar.

— Próximo passo? — Vitor perguntou e soltou devagar a TV. — Ficou bem firme.

— Ficou, vai pedi-la em namoro?

Vitor não respondeu rápido, parou para pensar nas possibilidades. Com os seus vinte e oito anos e sua experiência, não se considerava um homem paciente para os termos e exigências de um namoro.

Namorar Sofia? Se perguntou e pensou em como gostava da possibilidade. Poder vê-la sempre que quisesse e ter a certeza de que ela era dele, não soava tão ruim.

— Prepare sua arma, irmão, talvez vou precisar que me proteja. — Vitor brincou.

Guilherme fazia parte da equipe de força tática da cidade.

— Sogra bravo? — questionou.

— Ciumento em níveis extremos.

— É só me chamar que eu cubro seu traseiro, irmão.

— Talvez precise de uma equipe de resgate.

Guilherme riu alto.



Mais tarde naquela mesma noite, Vitor se deitou em sua cama nova e pensou no que tinha conversado com seu irmão. Sorriu ao decidir que seria uma boa coisa firmar um compromisso sério com Sofia. Estava pronto para um relacionamento sério e duradouro.

Só falta ela pensar da mesma forma e aceitá-lo.

Pegou seu celular e digitou uma mensagem para Sofia.

Vitor: Namora comigo?

Não demorou muito para ela respondê-lo.

Sofia: Oi?

Vitor: Sim ou não? Namore comigo?

Sofia: Uau. Estou surpresa com a pergunta, não esperava.

Vitor: Preferiria estar aí e perguntá-la pessoalmente, mas não consigo esperar até o nosso próximo encontro. Então, o que me diz?

Sofia: Sim. Eu aceito namorar com você.

Vitor: Ufa, achei que não iria aceitar.

Sofia: Se quiser posso fingir que não aceitei só para vê-lo se rastejar.

Vitor: Que namorada malvada.

Ele sorriu gostando de chamá-la de namorada.

Sofia: Sabe que precisa enfrentar meu pai, não é mesmo?

Vitor: Como se eu pudesse esquecer o pai ciumento do ano.

Sofia: O que pretende?

Vitor: Vou falar com ele no domingo à noite. Passo aí, em sua casa, por volta das sete e meia ou oito horas.

Sofia: Tudo bem, vou avisá-los.

Vitor: Vou pegar um colete a prova de balas com meu irmão.

Sofia: Faça isto, vai precisar.

Vitor riu alto.

Vitor: Boa noite, namorada.

Sofia: Boa noite, namorado.



No domingo às 19:45h, Carlos abriu a porta de sua casa para enfrentar Vitor. O pai de Sofia estava pronto para dar a ele um tempo ruim, por ousar namorá-la. Mas assim que olhou para o seu dentista e *agora genro*, se preocupou.

Vitor estava pálido e com grandes bolsas escuras abaixo dos olhos. Em uma mão segurava uma sacola de papel e na outra, se apoiava em uma bengala de madeira, algo que nunca o tinha visto usar antes. Ele sorriu de leve para Carlos e trocou a sacola de mão, estendendo uma para o pai de Sofia.

— Como vai, Carlos? — perguntou baixo.

Apertaram as mãos.

— Pelo jeito muito melhor do que você.

Vitor riu baixo pela provocação.

— O que aconteceu?

Antes que Vitor pudesse responder, Lucia e Lurdes apareceram na sala. Elas arregalaram os olhos quando viu o estado de Vitor.

— Não se assuste com a cara feia de Carlos. — Lurdes disse.

— Ele geralmente só late, mas não morde. — Lucia afirmou.

— Posso te provar o contrário, querida. — Carlos provocou a esposa.

Lucia o ignorou e caminhou até Vitor.

— O que aconteceu, filho? Esta pálido.

— Só estou tendo um dia ruim, não se preocupem com isto. — Vitor garantiu e estendeu a sacola para a mãe de Sofia. — Trouxe chocolate para vocês.

— Obrigada, não precisava se incomodar. — Lucia garantiu e o abraçou com carinho.

— Já está tentando comprá-las com doces. — Carlos resmungou.

— Quietos, Carlos, não se esqueça que é minoria nesta casa. — Lucia disse rindo.

— Eu gosto de você de graça. — Lurdes garantiu. — Venha, se sente. Parece que vai desmoronar a qualquer momento.

Carlos acenou concordando que Vitor deveria se sentar, o acompanhou até o sofá e não perdeu o fato de que ele mancava mais do que o normal. Desta vez não houve provocações entre eles, as mulheres os deixaram sozinhos depois de avisar que Sofia estava no banho e não iria demorar.

— O que aconteceu? — Carlos perguntou novamente.

Vitor se segurou para não suspirar.

— Ligamento do joelho rompido, às vezes tenho dias ruins como hoje.

— Dor?

— Sim.

— Tomou algo para aliviar?

— Já, mas não posso abusar dos remédios. — Vitor disse e deu de ombros.
— São viciantes.

— Entendo, uma bebida, então? — ofereceu.

— Por favor.

Carlos se levantou e buscou duas cervejas. Estendeu um copo para Vitor e o serviu, depois deixou o que sobrou da lata na mesa de centro.

— Vou ser direto, sobre o que vim fazer aqui. — Vitor disse e Carlos fez uma careta.

— Não tenho como fugir, não é mesmo? — Carlos perguntou.

— Não. — Vitor afirmou. — Quero namorar Sofia.

— Merda.

— Disse que seria direto.

— Não precisava ser tanto. — Carlos praguejou.

Vitor riu e tomou um pouco da cerveja.

— Gosto de sua filha e não tenho mais idade para fazer coisas escondidas — disse sério.

— Quantos anos?

— Vinte e oito.

— Está meio acabado, *hein*. — Carlos não pôde deixar de provocá-lo.

— Em dias bons não estou tão mal assim. — Vitor respondeu rindo.

Carlos riu e depois fechou sua expressão.

— Entenda uma coisa, Vitor — disse.

— Sim.

— Sofia é minha filha.

— Eu sei disto.

— Não a machuque, nunca.

— Não vou — prometeu.

— Não vou brigar contra seu pedido, porque desde o dia em que nos encontramos na padaria eu soube que algo aconteceria entre os dois — contou.

Vitor o olhou surpreso.

— A forma como se encararam dizia muito para mim, não sou um idiota — explicou.

Vitor ergueu uma sobrancelha e Carlos bufou.

— Tudo bem, as vezes sou um idiota. — Carlos disse. — Gosto de você e da sinceridade que tem mostrado desde que a chamou para sair. Não perca isto, seja sempre honesto com minha filha ou você vai acabar perdendo uma ótima oportunidade de ser feliz.

Vitor o fitou em silêncio e desejou silenciosamente que Carlos estivesse certo, que ele fosse feliz com Sofia. E o principal de tudo, que ele fosse capaz de fazê-la feliz. Sentiu que o respeito que sentia por Carlos aumentou naquele momento. O homem o aceitou em sua casa, lhe deu uma cerveja e permitiu que namorasse sua filha sem nenhuma briga. Mostrava o quanto era maduro para lidar com a situação, mesmo que morresse de ciúmes por dentro, a felicidade de

Sofia era sua prioridade.

— Sei que você tem feito bem a ela e eu nunca poderia negar algo que a faça feliz. — Carlos disse tranquilo.

Vitor não perdeu o olhar amoroso do homem quando falou de sua filha.

— Obrigado — foi sincero.

— Mas nada de beijos e agarrações. — Carlos fez uma careta.

Vitor riu.

— Sério? — Ele o provocou.

Carlos gemeu com ciúmes da filha.

— Não se atreva. — Carlos o ameaçou.

— Nunca atravessaria limites...

— Bom.

— Que ela não permitisse — completou rindo.

— Filho da puta!

— Você não me deixou terminar. — Vitor disse e riu alto. — Não se preocupe, Carlos, não vou desrespeitar sua casa e nem sua filha.

— Pai, pare de ameaçar o namorado de Sofia.

Vitor olhou para trás e viu uma jovem se aproximando com um grande sorriso no rosto.

— Sou Laura.

— Prazer em conhecê-la, Laura, acredito que já deve ter ouvido meu nome.
— Vitor brincou.

Laura riu e sentou no colo do pai.

— Mais do que imagina.

Ela piscou para ele e apontou para Carlos.

— Alguém anda ameaçando fazê-lo mancar do outro joelho — contou.

— Dedo duro. — Carlos murmurou e Vitor riu.

— O joelho não, por favor. — Vitor brincou. — Já estou na merda com o esquerdo.

— Eu ouvi algo sobre quebrar os dentes. — Rodrigo disse ao entrar. — Como vai, Vitor?

— Pelo jeito, com sorte. — Vitor afirmou rindo. — Já se adaptou ao apartamento?

Rodrigo riu.

— Sim, mais uma vez obrigado pela ajuda.

— Precisando é só falar — acenou.

— Vá buscar uma cerveja pra mim, Laura. — Rodrigo pediu e se sentou ao lado do pai.

— Não sou sua empregada, mano — revirou os olhos impaciente.

— Não disse que era, mas custava? — insistiu.

— Se você estiver disposto a perder cinquenta. — Ela disse e deu de ombros.

— Que extorsão! — Rodrigo exclamou se levantando.

— Acha que ela consegue dinheiro de mim como? — Carlos perguntou ao filho.

Rodrigo nem respondeu e foi para cozinha buscar sua própria cerveja.

— Não faço nada de graça. — Laura disse.

— Eu sou seu pai. — Carlos pontuou.

— Aonde está escrito que eu deva ficar fazendo favores de graça? — Ela questionou teimosa.

Vitor riu se divertindo com a conversa entre eles.

— Na sua certidão de nascimento, abusada — informou.

— Nem vem, a única que me carregou por nove meses foi minha mãe. — Laura afirmou.

— Mas eu te carreguei a minha vida inteira. — Carlos a provocou.

Vitor quase engasgou com a cerveja quando começou a rir.

— Pai, seu nojento. — Ela protestou e se levantou.

— Eu os carreguei mais que sua mãe, nas minhas bolas.

Laura fez uma careta e Carlos riu.

— Essa eu venci — afirmou presunçoso.

— Não valeu — protestou.

— Claro que valeu, eu estou certo. Quer que eu seja mais específico?

— Não. — Laura fez uma cara de nojo.

— Então, vá buscar mais uma cerveja pra mim — ordenou.

— Só vou porque você apelou.

Laura se afastou e Carlos riu alto. Vitor não aguentou e riu junto, considerando que o sogro tinha feito um bom ponto. A atenção dele mudou quando viu Sofia se aproximando. Ele a considerou a mais linda de todas, principalmente, pelo seu olhar desconfiado enquanto encarava o pai.

Depois desviou o olhar para Vitor e preocupação evidente se mostrou em seu rosto.

— Meu Deus, o que aconteceu, Vitor?

Ela se sentou ao lado dele no segundo depois.

— Você está pálido — disse preocupada.

— Estou bem. — Vitor afirmou.

— Não me diga que meu pai fez alguma coisa — estreitou os olhos.

— Não fiz nada. — Carlos disse se fazendo de ofendido. — Ainda.

Vitor riu e voltou a olhar Sofia.

— Somente um dia ruim — disse para tranquilizá-la.

Ela demorou um minuto para entender, seu olhar parou na bengala ao seu

lado e depois olhou o joelho de Vitor.

— Por que não me disse? Não precisava ter vindo aqui hoje — arregalou os olhos parecendo angustiada.

Vitor segurou a mão de Sofia vendo que ela estava realmente preocupada.

— Nada me impediria de vir aqui e deixar seu pai com alguns fios a mais de cabelos brancos — brincou.

— Poderia ter me poupado, juro que não iria reclamar. — Carlos disse. — Vou na cozinha, mas estou de olho em vocês — encarou Vitor. — Nada de agarrão no meu sofá com minha filha.

— Pai. — Sofia gemeu.

— Isto mesmo, eu sou seu pai e este é o meu sofá — disse com arrogância.

— Então, vou levá-lo para o meu quarto. — Sofia o provocou.

— Não se atreva — praguejou.

Vitor e Sofia riram alto, enquanto Carlos se afastava resmungando maldições.

Quando ficaram sozinhos ela voltou a encará-lo com preocupação.

— Deveria ter me dito — murmurou.

Vitor suspirou, tinha começado a ter dores fortes em seu joelho na noite de sábado e durou toda a madrugada. Passou o domingo com a perna para cima dando ordens para seus irmãos, que estavam terminando de ajudá-lo a montar os armários da cozinha. Na quinta-feira não tinha conseguido concluir e todos estavam cansados de seu dia de trabalho.

— Nada me faria desistir de vir aqui vê-la — afirmou.

Sofia fechou os olhos quando a mão morna de Vitor pousou com carinho em seu rosto e depois escorregou para sua nuca. Seus dedos entraram entre os fios e a puxou para um beijo. Seus lábios dançaram em uma perfeita sincronia ajudando-os a aliviar a saudade que sentiram.

Vitor se afastou primeiro, por mais que quisesse aprofundar o beijo, não queria que Carlos os pegassem. Era sua primeira noite na casa de Sofia e não pretendia desrespeitar ninguém.

Sofia sorriu para ele e selou seus lábios.

— Porra nenhuma. — Carlos xingou. — O cacete que eu vou permitir beijos nesta casa.

Eles riram e Vitor só pode agradecer pelo homem ter chegado depois que ele se afastou de Sofia.

— Deixe eles em paz. — Lurdes disse. — E foi Sofia quem o beijou.

— Filha! Não maltrata meu coração assim. — Ele colocou a mão no peito de um jeito dramático.

— Não vou pedir desculpas por isto. — Sofia o provocou.

— Você está ficando muito perto de sua avó. — A acusou.

— Por isto que ela é tão linda. — Lurdes brincou.

— Vá pegar sua senha, Lurdes. — Carlos ordenou.

— Que senha? — Ela perguntou confusa.

— Senha preferencial para o inferno, porque você vai direto pra lá por ficar corrompendo minha filha.

Vitor e Sofia gargalharam ao ver a expressão ultrajada de Lurdes. Ela acertou o braço de Carlos com um tapa e os dois começaram suas trocas de farpas.

— Vai ser uma noite divertida. — Vitor disse a Sofia.

— Ou muito longa, com esses dois brigando.

Eles riram concordando.

— Vamos descobrir. — Vitor afirmou.



Capítulo Nove

Caminharam de mãos dadas para fora da casa depois do jantar, já estava tarde e Vitor precisava de algumas horas de descanso. Ele, mesmo com dor, ainda sorria e tinha um olhar cheio de diversão.

O jantar tinha sido uma loucura completa, mas recheado de altas gargalhadas.

— Ainda não sei se vou poder me recuperar deste jantar. — Vitor disse e encostou em seu carro, deixou a bengala apoiada de lado.

— Eu te disse que dava tempo para correr, agora não deixo mais. — Sofia riu.

Ele a puxou para mais perto, encaixando-a entre as pernas.

— Não me deixa correr mais? — questionou de um jeito provocador.

— Não.

— Tudo bem, com esse joelho ferrado eu não iria muito longe.

Riram alto.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — Sofia não escondeu a preocupação ao perguntar.

— Sempre fico bem — garantiu.

— Você ainda está pálido e parece tão cansado — disse aflita.

— A dor suga tudo de mim, Sofia. — Ele suspirou. — Mas passa, amanhã vou fazer fisioterapia no primeiro horário, vai ser um inferno, no entanto, vou ficar bem.

— Tudo bem, promete me ligar? — pediu.

— Sempre.

— Bom.

— Ainda estou surpreso que o teto não caiu sobre nossas cabeças. — Vitor brincou mudando de assunto e abraçou Sofia.

— Foi uma amostra grátis. — Ela disse rindo.

— E foi uma loucura — falou e sua mão soltou a cintura dela para acariciar seu rosto. — Você é tão linda.

— E você é tão mentiroso.

Vitor riu e a beijou.

Uma sensação de alegria os envolveu, assim como seus lábios se tocavam.

Sofia abraçou seu pescoço e deixou que ele a conduzisse. Sentiu como se tivesse borboletas em seu estômago levando-a a uma viagem alucinante com seus beijos. Vitor tinha chegado em sua vida de surpresa trazendo uma sensação gostosa de paz e tranquilidade.

E ela queria estar com ele hoje, amanhã e, por incrível que parece, sempre.

Não queria se afastar.

Deixá-lo ir embora.

Desejava se agarrar a Vitor e não soltá-lo mais.

De leve seus lábios foram desacelerando, fazendo-os perceber o quanto estavam ofegantes. Abriram os olhos e se encararam com ardor.

— Como faço para convencê-la a ir embora comigo? — Vitor perguntou.

— Não insista muito que eu acabo aceitando. — Sofia brincou e selou seus lábios novamente.

— Bom saber que não é tão resistente — brincou. — Eu realmente preciso ir.

Sofia acenou concordando e Vitor voltou a cobrir seus lábios com os dele novamente. Se afastaram minutos depois e sorriram um para o outro. Ela deu dois passos atrás quando os braços dele a soltou. O observou destravar o carro e abrir a porta. Jogou a bengala dentro e se sentou com um pouco de dificuldade. Seu joelho doía mais quando o dobrava, mas não era algo que ele pudesse mudar.

— Te vejo em breve, linda — prometeu.

— Dirija com cuidado — pediu.

Ele piscou para ela confirmando que teria cuidado e fechou a porta. Sofia voltou a entrar dentro de casa e encontrou seu pai na varanda da frente. Ergueu uma sobrancelha e se segurou para não rir. Era visível o ciúmes dele, mas por sorte, se esforçava para não magoá-la.

Sofia se sentou ao lado dele e deitou sua cabeça no ombro de Carlos.

— Estou morto de ciúmes por dentro — confessou.

Ela pressionou os lábios tentando não rir.

— Eu sei — afirmou.

— Apesar de tudo, eu gosto dele — deu de ombros.

— Eu também. — Ela o provocou.

Carlos gemeu com ciúmes.

— Poupe-me de qualquer detalhe — implorou.

— Não lhe dei nenhum.

Sofia riu e seu pai bufou inconformado.

— Só quero que seja feliz — suspirou.

Ela o encarou nos olhos ainda sorrindo.

— Eu sou feliz, pai — disse com franqueza.

Queria acalmar o coração ciumento de seu pai.

Carlos acenou e abraçou Sofia. Seu coração de pai se encheu de orgulho por ouvir dela com tanta sinceridade que era feliz. Sentia-se como se tivesse cumprido seu dever como pai. Sabia que a felicidade de Sofia não era somente baseada em seu novo relacionamento, ela era realmente feliz.

De bem com a vida.

Nunca pode dar a seus filhos luxo e regalias, mas deu o máximo de si para criá-los bem.

Fiz um bom trabalho. Pensou orgulhoso.

Rodrigo tinha uma profissão, um bom emprego e agora seu próprio canto. Se tornou um homem incrível, responsável e de bom coração. Sofia estava terminando a faculdade, uma menina de sorriso fácil e que se tornou uma mulher de ouro.

Carlos segurou para não sorrir quando pensou em Laura. Ela era tão esperta e inteligente, para seu puro terror, lhe daria muito trabalho ainda. Estava disposto a enfrentar qualquer coisa, desde que no fim seus filhos fossem felizes.



— Odeio você. — Vitor murmurou para seu fisioterapeuta.

Gael somente sorriu e o obrigou a continuar o exercício.

— Você está muito resmungão hoje. — O provocou.

— Foi a pior noite dos últimos meses. — Vitor disse mostrando o quanto estava cansado.

— Deveria ir para casa hoje em vez de trabalhar. — Gael disse delicadamente.

— Não posso.

Ele queria cancelar a agenda do dia, mas não podia se dar ao luxo de faltar um dia de trabalho.

Tinha contas para pagar. Pensou e gemeu de dor quando o exercício se tornou demais para ficar calado.

— Dias ruins sempre vão acontecer, Vitor, mas tem que se lembrar que vai passar. Precisa de descanso e nada de ficar aprontando por aí. — O repreendeu.

— Eu não apronto — murmurou.

— Não? — Gael o questionou. — Você dirige demais, joga bola que nem um garoto de dez anos e faz trilha de moto como um adolescente.

Vitor ficou calado, não tinha como se defender. Sentiu-se tão irritado no momento que quase largou tudo e foi embora. Suor escorria por seu corpo, sua

cabeça doía e seu joelho o tentava a cometer suicídio. Para piorar, estava sendo repreendido por imprudência.

Mas que culpa tinha?

Ele sempre foi um homem muito ativo, cheio de disposição para uma pelada na sexta-feira à noite. Ou fazer trilhas sem hora para parar. Perdeu a conta das vezes que subiu em pés de frutas para colher o que queria. E agora era tão limitado que o fazia querer explodir em frustração.

Quando enfim terminou a fisioterapia, ele se sentia pior do que antes. Seu humor não era um dos melhores, tomou um banho e foi para o trabalho. Sentou-se em sua cadeira e deixou que sua assistente buscasse seus pacientes.

Trabalhou toda a manhã em quase silêncio absoluto.

Terminou o último paciente antes do almoço e suspirou aliviado.

— Vamos?

A voz de Gustavo o fez se concentrar, seu amigo e sócio estava na porta o olhando com atenção.

Acenou concordando e pegou sua bengala antes de levantar. Escondeu a careta de repulsa por aquela peça que tanto detestava usar, mas que estava sendo de grande ajuda para o seu dia. Caminhou devagar até o amigo e juntos foram em direção ao carro de Gustavo. Era melhor o deixar dirigir do que forçar ainda mais seu joelho.

Entrou no carro e Gustavo levou o carro para a rua.

— Você está horrível. — Gustavo disse sem o olhar.

— Eu sei — murmurou cansado.

— Parece ter algo mais te incomodando do que seu joelho — disse quando parou no sinal vermelho. — Não deu certo ontem à noite com Sofia?

— Foi incrível ontem — resmungou.

— Então, qual é o problema? — questionou curioso.

Sabia que seu amigo não fazia por mal suas perguntas, Gustavo estava preocupado e queria ajudar.

— Nada, somente estou cansado — suspirou.

— Deveria ter ficado em casa, eu poderia te cobrir hoje — ofereceu.

— Estou bem para trabalhar — afirmou teimoso.

— Porra, Vitor. — Gustavo se irritou. — Estou vendo que não está bem.

Vitor não o respondeu.

— Sabe que nunca pegaria sua parte, mesmo que trabalhasse por você — disse nervoso.

— Não seria justo. — Vitor suspirou.

— Não seja assim, caramba! — exclamou.

— Hoje não, Gustavo, hoje não — pediu exausto.

Eles ficaram em silêncio até o restaurante, não foi nenhuma surpresa encontrar seus irmãos lá o aguardando, assim como seu amigo Daniel.

Todos eles sabiam que Vitor não estava muito bem desde sábado à noite e se preocupavam. Guilherme o observava atentamente, mas ele não disse nada. O único que não parecia muito atento as coisas era Vinicius.

— Devo perguntar o porquê desta cara de quem não dormiu? — Vitor perguntou para o irmão.

Vinicius sorriu.

— Uma gata me deu bastante trabalho — Ele bocejou alto. — essa noite.

— Quero ver é quando a mãe enxergar essas marcas em seu pescoço. — Pedro disse rindo.

Vitor riu baixo quando encontrou as marcas vermelhas no pescoço do irmão. *Steve Stifler* era incorrigível.

— Você é o único bebê que ainda mora com ela. — Vinicius o provocou.

— Por pouco tempo. — Pedro disse.

— Achou algum lugar pra você? — Guilherme perguntou.

— Sim, perto da sua casa — contou. — Um apartamento muito bom, mas ainda não fechei.

Eles conversaram por todo o tempo, apesar de que Vitor não falou muito. Para piorar seu humor, ele avistou Luciana entrando no restaurante.

Não é meu dia. Pensou cansado.

— Preciso ir embora — disse se levantando.

Seus irmãos e amigos o encaram confusos. Vitor ainda não tinha terminado sua refeição, mas não iria ficar ali para enfrentar outro problema.

— Termine de comer, vou sozinho — disse para Gustavo.

Tirou sua carteira e deixou notas em cima da mesa para pagarem seu almoço.

— Tem certeza? — questionou.

— Sim.

Acenou para todos e saiu do restaurante com a esperança de que sua ex-mulher não o visse. Caminhou devagar pela calçada, apoiando-se na bengala, em direção ao ponto de ônibus. Poderia pegar um táxi, mas gostaria de economizar.

— Vitor!

Ele estremeceu quando a ouviu gritar seu nome.

Não parou de andar, continuou caminhando. Sua testa estava franzida, seus músculos tensos e seus dentes trincados. Não tinha humor para lidar com Luciana.

— Espere, Vitor — insistiu.

Ele parou e se virou, ela vinha caminhando se equilibrando em seus sapatos de saltos e parecia ofegante para alcançá-lo.

— O que você quer? — foi rude com seu tom. — Não tenho tempo para suas insistências agora.

— Dia ruim? — perguntou.

Vitor não respondeu, somente a encarou com impaciência.

— Você poderia acabar com esse clima entre a gente. — Luciana pediu.

— Que clima? — ironizou. — Não existe nada mais entre a gente, Luciana.

— Vitor...

— Hoje não, não tenho uma grama de paciência para lidar com você — disse irritado.

— Por que me trata assim depois de tudo o que passamos? — perguntou.

— Porque somos divorciados e você não entende? — rebateu.

— Foi você quem pediu o divórcio. — O acusou.

— E não me arrependo — afirmou. — Nem por um segundo, não tenho vocação para corno.

Ela deu um passo atrás, não estava esperando pelo ataque dele. Vitor sempre era calmo e controlado, nunca jogava nada na cara de ninguém e preferia a distância e o silêncio.

— Vitor, por favor, vamos conversar — implorou.

— Tarde demais, Luciana, tarde demais.

Ele voltou a caminhar e, por um pequeno milagre, Luciana não o seguiu. Aquelas mágoas do passado estavam tão presentes dentro dele hoje que mal podia suportar. Só gostaria de ir para casa e descansar seu corpo e mente.

Tinha que trabalhar.

Depois que deu início ao pedido de divórcio, Luciana foi vingativa e exigiu que ele vendesse tudo o que tinha, já que ele não tinha como provar o adultério. Até mesmo seu consultório ela quis uma parte. Por sorte, Gustavo pode comprar a metade e se tornaram sócios.

Perdeu a metade da sua poupança, vendeu sua casa e cada móvel dentro, seu carro do ano e até sua pequena empresa. Tudo para conseguir se livrar dela. Conseguiu manter sua moto de trilha, já que tinha comprado de Guilherme e ainda estava em nome do seu irmão, se não fosse por isto, tinha a perdido também.

Morou de aluguel, comprou um carro popular e dividia o consultório, que tanto lutou para ter, com um sócio.

Hoje estava conseguindo manter o equilíbrio de sua vida, mas aquela mágoa ainda estava lá o atormentando. Luciana não precisava do seu dinheiro, tinha uma boa profissão e tudo ficaria bem se tivessem feito um acordo.

No entanto, ela não estava aberta a acordos. Queria metade de tudo aquilo que ele tinha, mas ele não se lembrava de uma única vez que pediu para que ela pagasse algo em seus cinco anos de casados.

Trabalhou duro para conseguir tudo aquilo que ela o fez vender.

Sentou-se no ponto de ônibus sentindo-se cansado, aguardou perdido em seus próprios pensamentos e frustrações.

Seu celular vibrou quando recebeu uma mensagem.

Sofia: Sente-se melhor?

Vitor: Não.

Sofia: Sinto muito, gostaria de fazer algo para te ajudar.

Vitor: Talvez alguns beijos me ajude a sentir melhor.

Ele riu de leve, pela primeira vez naquela segunda-feira, Vitor sorriu com sinceridade.

Sofia: Todos os beijos que precisar. Nos falamos depois, preciso voltar ao trabalho.

Vitor: Bom trabalho.

Sofia: Obrigada, melhoras.

Vitor: Obrigado.

Ele guardou o celular no bolso e se levantou quando viu o ônibus se aproximando. Por sorte não demorou tanto quanto imaginou. Dentro do veículo não achou um acento desocupado, foi mais para o final e segurou na barra acima de sua cabeça. A cada tranco do ônibus seu joelho dilatava em dor. Gostaria de se sentar e para seu pequeno inferno ficar maior, as pessoas dentro não pareciam se importar com o fato dele usar uma bengala.

Cada um deles estavam presos em seu próprio mundo e não cederiam o lugar. Vitor não gostava de chamar atenção ou ganhar privilégios por causa do joelho, porém, naquele momento desejou que alguém o notasse e permitisse que se sentasse um pouco.

Fechou os olhos devagar e aguardou o momento de descer. Quase suspirou aliviado quando o ônibus parou no ponto mais próximo do consultório. Desceu e caminhou muito devagar para o trabalho.

O dia se arrastou com a mesma lentidão de que ele andava. Algo que não dava para mudar. Gustavo não voltou a falar mais sobre o assunto. Luciana não lhe ligou depois que conversaram na rua. E ele trocou algumas mensagens com Sofia antes de ir para casa.

Banho quente e cama. Foram as únicas coisas que fez depois que se fechou dentro de casa.

Na terça-feira à noite sentia-se melhor, a dor tinha aliviado praticamente toda e ele voltou a ser o mesmo Vitor de sempre.



Capítulo Dez

Sofia praticamente correu para fora da faculdade ansiosa e completamente eufórica. Riu quando viu Vitor e se apressou para encontrá-lo. Ele desencostou do carro e abriu os braços para recebê-la. Sofia gargalhou e se jogou em cima dele, abraçando-o com força.

Vitor a ergueu, também animado, e riram juntos.

— Diga-me — pediu e ela riu. — Não me mate de ansiedade.

Sofia segurou o rosto dele e o beijou.

Ele correspondeu no mesmo instante, prazer os percorreu por dividirem um momento tão importante como aquele. O beijo passou de euforia para a completa saudade. Não tinham se visto desde de domingo e já era sexta-feira.

Aos poucos Vitor a abaixou, seu coração batia forte e suas mãos suavam. Encontrá-la era tão bom que mal tinha palavras para expressar o que sentia. Um sentimento de satisfação o encheu, era a primeira conquista dividida entre eles.

Seus lábios desaceleraram e o beijo foi se finalizando com delicadeza. Vitor afastou um pouco o rosto e presenciou o exato momento em que ela abriu os olhos. O brilho que viu neles o fez sorrir.

— Você conseguiu — afirmou e ela riu.

— Sim, aprovadíssima — confirmou.

— Parabéns.

— Obrigada.

— Temos que comemorar.

— O que tem em mente? — Sofia perguntou eufórica.

Sua formatura ainda demoraria alguns meses, já que o salão de festa não tinha nenhuma data vaga antes. Toda a turma decidiu fazer todo o processo da colação depois, onde poderiam curtir a festa que pagaram, sem separar as duas coisas.

— Que tal irmos todos passar o fim de semana na casa do lago? — Vitor perguntou. — E na segunda é feriado mesmo, vamos ter muito tempo por lá.

— Acho ótimo.

— Venha, quero parar em um lugar antes de te levar em casa.

— Aonde? — perguntou curiosa.

— Vai saber logo.

Vitor abriu a porta do carro para ela.

— Que cavalheiro.

— Minha mãe me treinou bem — brincou.

— Tenho que agradecê-la, então.

— Não perca a oportunidade de me elogiar para ela — pediu rindo.

Sofia riu.

Vitor dirigiu e logo ela reconheceu para onde estavam indo. Estacionou o carro ao lado da praça do Mirante, desceram e caminharam de mãos dadas até a ponta do local, onde tinham uma incrível vista da cidade.

Eles ficaram em silêncio somente absorvendo o quanto aquela imagem era linda. O horizonte era de uma beleza inexplicável. Vitor abraçou as costas de Sofia, enquanto sentiam uma tranquilidade se espalhar por eles.

— Foi aqui que eu a beijei pela primeira vez. — Vitor sussurrou no ouvido dela.

— Nunca poderia esquecer. — Sofia garantiu.

Ela se virou em seus braços e o encarou.

— O melhor beijo de todos — disse e sorriu.

— Fale um pouco mais para alimentar o meu ego — brincou.

— Talvez não tenha sido tão bom assim. — Ela o provocou.

— Não adianta tentar voltar atrás agora.

— Estou falando sério, acho que já beijei melhores — disse pensativa.

Vitor riu sentindo-se divertido.

— Não acho que seja tão ruim assim — protestou.

— Não? — Sofia o questionou.

— Não. — Ele sorriu travesso. — Vou ter que me empenhar mais para lhe mostrar que o meu beijo é o melhor de todos.

— Quem sabe consiga me convencer. — Sofia deu de ombros.

— Tenho certeza — foi arrogante.

— Muito convencido.

— Só tenho certeza e vou prová-la disto.

Vitor segurou a nuca de Sofia e levou seus lábios de encontro com os dela. A beijou de leve e aproveitou o momento em que ela deu passagem para sua língua. Seus lábios e línguas dançaram sensualmente em sintonia.

Deliciaram-se como se estivessem provando o melhor dos doces, ou talvez até mesmo um pedacinho do céu.

E se perderam no pequeno encanto que os envolvia.

Sofia sentiu seu estômago se encher de borboletas, levando-a em uma viagem sem volta ao prazer dos lábios de Vitor. Ele, como prometeu, beijou-a até que perdessem o fôlego, deu o melhor de si para tornar aquele momento tão íntimo inesquecível.

— Preciso de ar. — Ela murmurou afastando da boca de Vitor.

Ele deixou que ela sugasse o ar por duas vezes antes de beijá-la novamente. Abraçou-a mais forte, deixando que Sofia sentisse o quanto o afetava.

Aproveitaram aquele beijo com profundo deleite. O sabor do novo, do desconhecido, deixava-os ávidos por mais. A ansiedade por se conhecerem melhor, se explorarem mais, estava tão presente tornando tudo mais intenso.

Devagar se acalmaram, seus lábios se tocavam em pequenos beijos e quando abriram seus olhos a paixão que os envolvia era evidente. Estavam encantados um pelo outro. E quando o sorriso de Sofia atingiu seus olhos, Vitor pediu silenciosamente que aquele brilho nunca fosse apagado.

Ela se virou em seus braços novamente e deixou que ele a abraçasse, enquanto observavam à vista. Vitor puxou o ar devagar, enchendo seus pulmões de paz. Uma paz que tanto precisou durante sua semana.

Não tinha sido nada fácil enfrentar os problemas que vinha em seus dias como carretas prontas para atropelá-lo. No entanto, agora ele recebia seu prêmio. Respirou fundo lentamente, beijou os cabelos de Sofia e deixou que aquela tranquilidade o invadissem por completo.



Sofia mal tinha aberto o portão de sua casa quando foi atropelada por perguntas ansiosas. Até mesmo Paçoca, o cachorro da família, latia inquieto. Vitor ria em suas costas e não moveu um único dedo para ajudá-la a se livrar de sua família, que pareciam tubarões famintos.

— Diga logo, menina! — Lucia protestou.

— Vou enfartar! — Carlos garantiu.

Laura segurou os ombros de Sofia fazendo-a encarar a irmã.

— Sou muito nova para morrer de ansiedade, diga logo, caramba — implorou.

Atordoada viu sua avó abrindo caminho e a roubando de Laura.

— Já vivi muito tempo para morrer agora de agonia, fale de uma vez. — Lurdes pediu impaciente.

— Viveu muito? Você é da época dos dinossauros. — Carlos a provocou.

Vitor segurou uma risada.

— Traste. — Lurdes xingou.

— Vocês não a deixam falar. — Rodrigo disse puxando Sofia para longe do pequeno grupo.

— Você é o melhor irmão que tenho. — Sofia brincou.

— Sou o único e você está me devendo uma — disse rindo. — Agora mate a curiosidade de todos antes que tenhamos um velório comunitário nesta casa.

Sofia riu alto e abraçou o irmão.

— Estou aprovada. — Ela disse alto.

Sua família comemorou gritando como se aquela fosse a melhor notícia dos últimos tempos. Eles nunca deixavam de dar importância para a menor das conquistas. E Sofia não escaparia de muitos beijos, abraços e felicitações. Carlos trouxe a champanhe que comprou e juntos festejaram a conquista de sua filha.



Vitor se sentou no sofá, Sofia tinha parado para ajudar sua mãe na cozinha. Carlos o olhou por um instante com um olhar observador.

— Desculpe por ainda estar de uniforme. — Vitor disse. — Se for esse o motivo que tanto me encara.

— Não é isto, parece melhor do que no domingo — explicou.

— Diz isto porque não me viu na segunda, um bagaço de laranja valeria mais do que minha carcaça — contou.

Carlos riu.

— Trouxe cerveja. — Rodrigo disse entrando na sala.

Entregou uma lata para seu pai e outra para Vitor.

Torceram o lacre e tomaram um pouco.

— Como foi seu acidente? — Carlos perguntou.

— Um carro atravessou o sinal vermelho e bateu no meu. — Vitor suspirou. — Estava tarde e o outro motorista acreditou que não teria nenhum problema em atravessar o sinal de noite.

— Que merda, o que aconteceu com ele? — Rodrigo perguntou.

— Ficou muito mais machucado do que eu, mas tive um ligamento do joelho rompido.

— Imagino que ele estava correndo. — Carlos disse.

— Sim, aproveitou a avenida vazia.

— Você o processou? — Rodrigo questionou.

— Não, mas o estado dá início a uma investigação e o processo é uma consequência que eu não poderia fazer muito para interromper.

— Por que? — Carlos perguntou.

— Ele ia precisar mais de dinheiro do que eu, o acidente tinha ferrado demais com o cara. Sem contar que processar um cara em coma não era algo que estava em minha lista de coisas a se fazer.

— Coma? — Rodrigo perguntou.

— Ele morreu? — Carlos questionou curioso.

— Ele ficou em coma por um longo tempo, mas acordou.

— Você conversou com ele depois disto? — Carlos perguntou.

— Não tinha razão para isto, acidente se chama acidente porque não é algo planejado. Não via motivos para procurar aquele homem — deu de ombros.

— Mas ele foi imprudente ao volante, merece punição e processo. — Rodrigo falou.

— Poderia ter te matado. — Carlos disse franzindo a testa.

— Sim, mas não sou eu quem vou procurar por este tipo de justiça. — Vitor disse tranquilo. — A única coisa que procuro hoje é um jeito de conviver melhor com essa merda de joelho. Já é problema demais.

— Dirijo a tantos anos que fico chocado com a facilidade que os jovens de hoje são imprudentes ao volante. — Carlos falou. — Não se brinca com algo que poderia machucar ou matar outra pessoa.

— O mundo está cheio de idiotas. — Lurdes disse ao se aproximar.

— Não posso discordar de você desta vez. — Carlos a provocou.

Sofia se aproximou e sentou no braço do sofá ao lado de Vitor.

— Deveria sempre concordar comigo, estou sempre certa. — Lurdes o atentou.

— Não fiquei louco a esse ponto ainda. — Ele a respondeu.

— Começou. — Rodrigou disse rindo.

— Já devo fazer pipoca? — Laura disse e se sentou ao lado do irmão.

— Você é louco desde o dia em que nasceu. — Lurdes o provocou.

— Pipoca seria ótimo. — Sofia brincou.

Vitor somente riu e abraçou sua cintura.

— A única a fugir de um hospício aqui é você, doida de pedra. — Carlos retrucou.

— Se eu tivesse fugido de lá era porque você era o meu colega de quarto.

— Vocês já estão brigando. — Lucia protestou ao entrar na sala.

— Claro que não, querida, mas eu acabei de descobrir que sua mãe foi a única responsável pela extinção dos dragões.

— Carlos! — Lucia o repreendeu.

— Eu ainda nem disse que muito provavelmente foi porque ela comeu todos os ovos do ninho — brincou causando muitas risadas.

— Está dizendo que nasci de um ovo? — Lurdes perguntou ávida.

— Foi você quem acabou de falar. — Carlos disse rindo.

— Quero ver falar isto quando eu castrá-lo!

— Pipoca! — Laura gritou.

Todos riram alto.

— Desculpe, Vitor, não sei quando eles vão crescer. — Lucia pediu, mas não sentia nenhum pouco de vergonha pelo comportamento deles.

Era orgulhosa da família que formou.

— Acredito que nunca. — Rodrigo afirmou rindo.

— Não se preocupe com isto. — Vitor garantiu.

Lurdes para se vingar de seu genro, passou por Sofia e a empurrou para o

colo de Vitor. Por sorte, ela caiu sentada sobre o joelho direito. Os dois arfaram preocupados e se encararam com os olhos arregalados antes de gargalharem.

— O caralho que vou deixar! — Carlos protestou no segundo depois.

— Não saia daí, Sofia. — Lurdes ordenou.

— E temos a vencedora do primeiro round. — Rodrigo brincou.

— Dona LURDES! — Laura gritou.

Gargalhadas encheram a sala.

— Lucia. — Carlos chamou pela esposa.

— O que foi, querido?

— Vou matar sua mãe — disse puto. — Sofia saia do colo de Vitor.

Ela riu e limpou a cerveja que derramou em seu braço antes de abraçar o pescoço de Vitor.

— Não.

— O quê? — Carlos perguntou com os olhos arregalados.

— Estou bem aonde estou — disse fazendo cara de paisagem.

— Ainda é o meu sofá! — exclamou cheio de ciúmes.

— Estou bem confortável, obrigado por perguntar. — Vitor o provocou.

Antes que Carlos pudesse levantar e arrancar sua filha dos braços de Vitor, Lucia entrou no meio fazendo as risadas se espalharem mais forte.

— O jantar está pronto — informou.

Todos se levantaram prontos para enfrentar o segundo round entre a família. Sofia e Vitor caminham de mãos dadas por um minuto, antes de Carlos puxar a filha pra longe do genro.

— Você é outro que já deveria estar pegando sua senha. — Ele disse para Vitor.

— Senha de quê? — Laura perguntou curiosa.

— Para o inferno, a falta de sorte dele é não ser velho como sua avó. —

Carlos disse e riu alto. — Ela pega a preferencial mesmo.

Outra onda de gargalhadas passou pela família e ficou ainda pior quando Lurdes acertou Carlos com uma colher de pau.



Capítulo Onze

Vitor buzinou quando parou na frente da casa de Sofia. Era sete e vinte da manhã, eles iriam para a casa do lago, mas tinha que ser cedo para aproveitar o bom tempo.

Desceu do carro e abriu o porta-malas, empurrou sua mochila para o fundo e aguardou. Laura foi a primeira a aparecer, sorridente e com uma pequena mala na mão.

— Bom dia, cunhado, vou com você.

Ele riu.

— Bom dia, seu pai te mandou me vigiar?

Ela o beijou na bochecha e colocou a mala no carro.

— Nada, eu estou é fugindo dele — afirmou.

— Acordou tão terrível como ontem? — Vitor brincou.

— Pior. — Ela riu. — Ficar em um carro fechado por uma viagem, mesmo que seja curta, com ele e dona Lurdes é implorar por suicídio.

Sofia apareceu um segundo depois com uma expressão fechada.

— Drama é um traço familiar, não esqueça. — Sofia disse.

— Não vou me esquecer. — Ele disse. — Bom dia.

— Bom dia. — Sofia disse e o abraçou.

Vitor segurou sua nuca e beijou seus lábios.

— Sou muito inocente para ficar vendo isto. — Laura protestou.

Eles riram, mas Vitor se afastou somente um pouco.

— Por que essa expressão fechada? — Ele perguntou.

— Ainda não sabe? — Laura questionou rindo. — Sua namorada detesta acordar cedo e geralmente tem um humor do cão pelas manhãs.

— Podemos trocá-la por Rodrigo? — Sofia perguntou.

— Tudo o que quiser. — Vitor garantiu.

— Quanta melação para uma manhã de sábado. — Laura resmungou.

— Acho que ela está ficando um pouco mal-humorada também. — Sofia brincou.

— Seus pais? — Ele perguntou.

— Já estão saindo. — Sofia disse e bocejou.

Vitor beijou sua testa e pegou sua bolsa. Laura estava sentada no banco de trás quando ele se virou.

— Folga também é um traço bem familiar. — Sofia murmurou e Vitor riu.

— Ela ficou com medo de ser trocada por Rodrigo. — Ele provocou.

Guardou a bolsa de Sofia e fechou o porta-malas. O portão grande começou a abrir e logo Carlos trazia seu carro para fora. Paçoca estava no banco do passageiro pendurado na janela, parecia animado em sair para um passeio.

— Bom dia, Vitor. — Lucia o cumprimentou com um beijo no rosto. — Passou bem à noite?

— Bom dia, minha sogra, passei sim e você?

— Muito bem.

Um pequeno portão ao lado se abriu e dona Lurdes caminhou para fora.

— Não podemos deixá-la na floricultura? — Carlos provocou. — Tadinha, precisa trabalhar.

— Está muito enganado, traste. — Lurdes o respondeu. — Já deixei meu substituto cuidando de tudo.

— E quem seria este substituto? — Sofia perguntou curiosa.

— Oras, meu assistente Jorge. Aquele garoto tem que ser útil para alguma coisa, ele vai fazer as entregas de hoje e estará liberado.

— O dia não começou bem. — Carlos resmungou. — Não está sendo meu dia de sorte.

— Nem comecem. — Lucia disse. — Vamos logo pegar o Rodrigo.
Carlos acenou.

— Já sei quem é que manda. — Vitor o provocou.
Seu sogro estreitou os olhos.

— Vai aprender isto com o tempo, elas sempre mandam.

— Vamos logo, Carlos. — Lucia protestou.

Vitor riu antes de entrar no carro.



— Sofia, você vai ter que me ajudar com uma coisa. — Laura disse cinco minutos depois que saíram da frente da casa.

— O que você aprontou? — Sofia perguntou.

— Como você sabe que ela aprontou algo? — Vitor perguntou rindo.

— É, como você sabe que eu fiz algo? — Laura questionou.

— Não pediria ajuda se não tivesse — riu. — Conta logo.

— Você pensa muito mal da minha pessoa — protestou.

— Vai querer ajuda ou não? — Sofia perguntou.

— Vai me ajudar? — perguntou.

— Só depois que me disser o que fez — disse.

— Chata.

— Só estou sendo realista. — Sofia disse.

Vitor riu.

— Conta logo, Laura, não aguento ficar curiosa — pediu.

— Preciso que fale com meu diretor na terça-feira. — Laura pediu.

— Por quê? — Sofia questionou confusa.

— Porque eu bati em uma garota idiota — disse mal-humorada.

— Você fez o quê? — Sofia perguntou e virou no banco.

— Bati nela — repetiu.

— Deus — murmurou Sofia.

Vitor não aguentou e riu.

— Quando você vai ser normal? — Sofia perguntou brava.

— Eu já tentei, juro. — Laura gemeu frustrada. — Foram os dois minutos mais longos da minha vida!

A gargalhada de Vitor encheu o carro.

— Não ria, Vitor. — Sofia o repreendeu.

— Desculpe, *Soph*, mas é difícil segurar. — Ele riu mais alto.

— Não sei se dou risadas ou bato em vocês dois. — Sofia resmungou.

— Ela mereceu. — Laura protestou.

— Conte a história certinha. — Sofia mandou.

— Aquela vaca estava falando coisas de mim, coisas absurdas — contou brava. — Não me arrependo de ter dado uns tapas nela.

— Não sei o que faço com você, Laura. — Sofia disse.

— Eu sei, me ajude e tudo fica lindo — respondeu.

— Sabe que trabalho e não tem como — disse. — Peça ao Rodrigo, ele tem um horário mais flexível.

— Ele vai querer algo em troca por me ajudar — protestou.

— Você é a única que começou com essa permuta de favores. — Sofia a lembrou rindo. — Ou então, conte para os nossos pais.

— Nem pensar — negou.

— Porque não? — Vitor perguntou curioso.

— Conte a ele, Laura. — Sofia riu.

— Eles tem ótimo senso de humor, Vitor. — Laura disse.

— Juro que se não falasse eu nem teria percebido — brincou.

Sofia riu e negou com a cabeça.

— Deixe-a contar — pediu a ele.

— Continue, cunhada. — Vitor disse.

— Mas eles detestam serem chamados na escola e por mim já contabilizou cinco vezes — disse emburrada.

— Cinco? — Ele perguntou rindo.

— Valeram por cinquenta — resmungou.

— Alguém ficou de castigo por muito tempo. — Sofia provocou.

— Não tenho culpa — protestou.

— Claro que não. — Sofia disse rindo. — Colocar água na almofada da cadeira do professor é algo normal a se fazer.

— Ela não fez isto. — Vitor riu alto.

— Estava calor. — Se defendeu. — Precisa esfriar aquele bundão.

Gargalharam juntos.

— E colar na prova final? — Sofia questionou.

— Eu só precisava daquela resposta — disse. — O que custa ajudar os mais necessitados?

— Sua cara de pau não tem limites, cunhada. — Vitor brincou.

— Herança de família. — Se defendeu.

— Tenha algo muito bom para chantagear Rodrigo ou ele vai cobrar algo difícil de você. — Sofia disse e sua irmã gemeu frustrada.

— Estou ferrada.

Chegaram na casa do lago meia hora depois, todos já estavam lá os aguardando. Apresentações foram feitas, muitos abraços e beijos. Logo Elis, mãe de Vitor, colocou todos os homens para fora. Mandou que buscassem frutas para

fazer suco, nas fazendas vizinhas.

Sofia se sentou na frente da casa e olhou para o lago. Era lindo e gigante. Só conseguiu avistar duas casas bem distantes. O deque de madeira no lago mostrava que foi feito com muito zelo, reluzia a luz do sol. Duas cadeiras estavam no centro junto com uma pequena mesa.

— Lugar lindo, não é? — Laura perguntou.

— Incrível — respondeu.

— Ganhei do meu pai. — Elis disse orgulhosa. — Cresci nesta casa e me sinto realizada por continuar tendo a oportunidade de vim aqui.

— A casa está tão linda, tão bem cuidada. — Lucia disse.

— Luís fez um bom trabalho de reconstrução. — Cristina, mãe de Gustavo e Dan, disse.

— Meu marido trabalha com marcenaria. — Elis contou.

— Faz um trabalho lindo. — Lurdes disse.

Sofia riu quando paçoca desceu da caminhonete em que estava e correu pelo gramado e se jogou na água.

— Vou matar ele, vai ficar fedorento. — Lucia praguejou.

— Deixe-o, mãe, está feliz em sair da cidade. — Sofia disse.

Olhou para os homens se aproximando e sorriu para Vitor. Sua camisa estava pendurada no ombro e a bermuda suja. Todos estavam suados e carregavam sacolas com frutas.

— Prontinho, senhoras. — Vinicius disse e se jogou no chão. — Estou morto de calor.

— Eu também. — Pedro resmungou.

Colocou sua sacola no chão e se sentou ao lado do irmão.

— Estou todo coçando. — Carlos disse.

Sofia riu, seu pai também estava sem camisa e todo vermelho.

— Odeio o seu namorado mais um pouco agora — resmungou.

— Só está dizendo isto porque Vitor o fez entrar no meio de um mato para pegar algumas acerolas. — Rodrigo explicou.

— E eu nem vou contar que o meu *genro querido* estava pendurado em algumas árvores. — Carlos dedurou. — Quero ver ele bem pálido quando o joelho começar a ferrar com ele de novo.

— Dedo duro. — Vitor xingou. — Estou bem, foi só um pé de manga.

Sua mãe o olhou feio.

— Não sabe mais contar. — Dan o provocou.

— Isto é o que o romance faz com os pobres homens. — Guilherme brincou.

— Eu vou continuar essa conversa depois, preciso seguir nosso amigo Paçoca. — Gustavo disse caminhando pelo deque.

Tirou os chinelos e jogou a camisa no chão antes de cair no lago.

— Estou com ele. — Carlos disse se levantando.

Todos os homens, menos Vitor, seguiram Gustavo. As mulheres riram e pegaram as sacolas, saíram para a cozinha conversando. Sofia ficou sozinha com seu namorado, ele se sentou ao seu lado.

— Queria abraçá-la, mas acho melhor não. — Ele brincou mostrando que estava muito suado.

Ela riu e o encarou.

— Você está mesmo bem? — perguntou preocupada.

— Sim, estou bem, linda — garantiu.

— Aprontou com meu pai, *neh*? — Sofia questionou rindo.

— Seu pai vai me odiar pelo resto da vida. — riu alto. — Ele se enrolou todo nas folhas do pé de acerola, aquilo coça pra cacete.

— Ele não vai deixar passar tão fácil.

— Sei que não — afirmou.

Vitor segurou a nuca de Sofia e se aproximou. Seus olhos se encararam com

intensidade e ele a beijou delicadamente. Apreciou seus lábios como se fosse uma sobremesa deliciosa, feita pelo melhor chefe do mundo. Contemplou o beijo e o aprofundou. Bastava um único toque para que encontrassem o céu levados pelas inúmeras borboletas que preenchiam seus estômagos.

Para surpresa dos dois, alguém puxou Vitor para longe.

— Largue minha filha, cacete. — Carlos protestou.

— Você é um estraga prazeres. — Vitor gemeu frustrado.

— Pai. — Sofia protestou.

— Nada de beijos e agarrações. — Carlos os lembrou.

— Estou adorando ver o Vitor sofrendo assim. — Vinicius brincou.

Antes que pudesse protestar, Carlos e Rodrigo tinham erguido Vitor. Sofia gritou para que parasse e Vitor nem mesmo tentou pará-los. Atravessaram o deque e o jogaram no lago. Seus amigos e irmãos riram alto.

Sofia parou atrás do seu pai e o empurrou para dentro. Ele gritou surpreso e ela riu.

— Bem feito — disse ao pai.

Tentou fazer o mesmo com Rodrigo, mas no fim ele a levou junto. Ela gritou tentando se soltar, mas seu irmão não a soltou até que estivesse dentro d'água. Sofia olhou furiosa para o irmão e o afundou na água. Eles gargalharam e Vitor veio socorrê-la. Claro que Carlos tentou mantê-los longe, mas o casal estava decidido a infernizar a vida dele.

Queriam se vingar pelo beijo interrompido, o que causou muitos risos e xingos. Entretanto, divertiu a todos.



Capítulo Doze

Sofia não aguentava segurar o sorriso enquanto observava seu pai, bêbado, cantado junto com Vinicius. Era a coisa mais hilariante que já o tinha visto fazer. Sua voz estava embolada, assim como a do seu parceiro e de boa parte dos homens que tinham ali próximo a churrasqueira. Vitor não escapava do grupo dos copos, porém, parecia mais sóbrio do que o próprio pai, Luís.

Era engraçado ver como eles estavam se divertindo ao redor de sua avó Lurdes, a apoiavam em um momento e no outro estavam contra, somente para irritá-la. Isto sim fazia Carlos feliz, enfurecer a sogra, mas todos sabiam que no fundo, bem lá no fundo, se amavam.

Algumas horas depois eles começaram a desaparecer para dentro da casa. Sofia tinha certeza de que encontraram um canto quente e estavam quase mortos. Prevvia muitas ressacas pela manhã o que causaria grandes risadas.

— Venha comigo. — Vitor disse baixo.

Ela olhou ao redor e não tinha mais ninguém por perto.

— Foram todos dormir. — Ele explicou ao ver sua expressão de surpresa.
— Menos minha mãe, que ainda está na cozinha.

Sofia ficou tão presa em seus próprios devaneios que não percebeu que estava sozinha.

— Aonde vai me levar? — perguntou ao se levantar.

— Curiosa como sempre — riu. — Venha.

Pegou sua mão e caminharam para frente da casa. Vitor parou em seu carro e pegou um lençol que tinha dobrado e deixado ali horas antes.

— Esse lugar é tão lindo. — Ela disse observando o brilho da lua sobre a água do lago.

— Esse lugar é uma parte de mim. — Vitor disse. — Cresci aprontando ao redor desta casa.

— Você tem cara mesmo de que fez muitas travessuras — acusou.

— Mais do que poderia imaginar — afirmou rindo.

— Não vai me dizer aonde estamos indo? — perguntou curiosa quando entraram na delicada trilha de pedras.

Vitor riu da clara impaciência dela em esperar.

— Um lugar especial que tem aqui perto.

— Por que é especial? — perguntou.

Ele abraçou a cintura dela e beijou seus cabelos.

— Não sei ao certo o porquê, mas o considero especial — deu de ombros.
— Talvez seja pela beleza ou pela calma.

— Um segundo lugar onde te acalma? — Sofia perguntou.

— Segundo?

— Sim, a praça do Mirante seria a primeira que conheci — explicou.

— Acredito que acalma a qualquer um. — Vitor respondeu.

— Você é um homem diferente, Vitor.

— Diferente, como? — questionou.

— Não sei se saberia explicar, mas é um diferente bom — contou. — Gosto desta calma que transmite.

— Não me considero um homem calmo.

— Eu não poderia dizer ao certo ainda se é, nos conhecemos a pouco tempo — disse Sofia. — Mas com certeza me faz bem ficar perto de você.

Ele parou de caminhar, segurou o rosto de Sofia e sorriu.

— Sinto a mesma coisa em relação a você, Sofia — murmurou. — Gosto de como me faz sentir, do brilho dos seus olhos e, principalmente, do seu sorriso.

Sofia sorriu abertamente.

— Agora eu poderia dizer o porquê desde lugar ser mais especial desde que chegamos. — Vitor disse.

— Estou curiosa para saber.

Vitor ergueu o olhar até o céu.

Sofia sorriu sem entender e acompanhou seu olhar. Inúmeras estrelas brilhavam acima de sua cabeça, elas resplandeciam a luz da linda lua que enfeitava aquele imenso céu.

— Se tornou mais especial por você estar aqui comigo. — Vitor sussurrou.

O olhar de Sofia aos poucos foi abaixando até encontrar o dele.

— A beleza deste céu nunca chegaria aos pés do que vejo em seus olhos, Sofia. — Seus dedos entraram nos cabelos da nuca dela. — Nada se compara com a beleza do brilho que há neles.

— Vitor. — Ela sussurrou encantada.

— Não perca esse brilho, Sofia, por ninguém — disse com intensidade. — Se um dia, eu estiver a apagando, vá embora sem olhar para trás — sussurrou. — Doa quem doer, mas nunca deixe de ser feliz da maneira que é por causa de outra pessoa.

— Eu prometo. — Sofia disse.

Vitor a encarou como se procurasse se certificar de sua sinceridade. Sofia sorriu de leve para ele. Logo seus lábios se encontraram com a mesma delicadeza de sempre. Tudo ao redor pareceu girar em volta deles, fazendo daquele momento mais mágico do que imaginam ser possível.

Vitor se afastou lentamente e a intensidade os fizeram sorrir afirmando que compartilhavam os mesmos sentimentos. Ele estendeu o lençol branco sobre o gramado a beira do lago. Tirou seus chinelos e ofereceu uma mão para ela. Sofia riu e retirou as sapatilhas, entrelaçou os dedos aos dele.

Ajoelharam juntos, frente a frente, e caíram sobre o tecido no chão. Risadas encheram o ar e seus corações de alegria.

Deitados lado a lado encararam a pura beleza dos céus.

— Dizem que nada melhor do que um céu estrelado e uma lua brilhante, para um casal se apaixonar. — Vitor disse e dobrou os braços atrás da cabeça.

— Apesar deste céu lindo, eu não preciso dele para me apaixonar. — Sofia disse baixo. — Você me conquistou sozinho, com seu jeito encantador e bem humorado de ser.

Vitor sorriu e se inclinou sobre Sofia.

— Acredito que me conquistou primeiro — brincou. — Socorrer um homem desesperado por um presente para mãe, é algo a se considerar.

— Então, qualquer outra florista o conquistaria? — O provocou.

— Só se ele fosse uma cópia sua — afirmou.

— Não teria tanta sorte assim — riu.

— Sei que não — concordou. — Somente você poderia me fazer apaixonar.

— Beija-me — sussurrou o pedido.

— Sempre.

Vitor a beijou, no entanto, não havia mais a mesma delicadeza de antes devido ao esmagador sentimento de se apaixonar. O tempo tinha congelado para que suas almas se encontrassem.

Há coisas no mundo que nunca poderiam ser explicadas, como por exemplo, os sentimentos. Não existia uma forma fácil de colocá-las em palavras, muito menos formar frases e parágrafos. Os sentimentos são muito complexos e individuais, mas intensos e fervorosos.

Sobre aquele lençol, posto no delicado gramado, Vitor e Sofia se amaram. Afirmaram que era somente o começo para o que o destino reservava para eles. E o melhor de tudo era que o mais puro sentimento permaneceria, pois nascia de atitudes honestas e emoções sinceras. Como Shakespeare disse em um de seus sonetos, *o amor não se transforma de hora em hora, antes de se afirmar para a eternidade.*



— Te vejo de manhã. — Vitor sussurrou para Sofia.

— Tudo bem.

Beijaram-se rapidamente antes de cada um seguir para seu quarto. Sofia não aguentava esconder o sorriso que toda hora ameaçava se formar em seus lábios inchados dos beijos de Vitor. Abriu a porta devagar e entrou na ponta dos pés.

Seus pais estavam na cama e no chão tinha três colchões, Laura e Rodrigo estavam deitados mais no canto e ela teve que ficar no mais próximo da porta. Tirou os sapatos e vestiu o pijama que estava sobre seu travesseiro, no escuro do quarto.

Um minuto depois de se deitar Laura migrou para sua cama improvisada.

— Conte-me tudo — sussurrou.

— Achei que estava dormindo — sussurrou para a irmã.

— Quem consegue dormir com o papai roncando? — questionou impaciente.

— Ninguém — concordou rindo.

— Vamos lá, *Soph*, me conte — implorou.

— O que quer saber? — sussurrou.

— Aonde você estava com o Vitor? — Rodrigo perguntou baixo.

— Você também está acordado. — Ela gemeu frustrada.

Ele riu baixo e engatinhou até o seu colchão. Rodrigo deitou atrás de Sofia.

— Você está exalando álcool — reclamou. — Pelo amor de Deus, pare de respirar no meu pescoço.

— E você tem cheiro de sexo — retrucou.

— Sexo? — Laura perguntou curiosa. — Me conta tudo, sua vaca.

— Não tenho nada para contar — protestou.

— Sofia. — Laura gemeu em frustração. — Não vou conseguir dormir sem saber o que aconteceu.

— Eu não vou conseguir dormir ouvindo os roncos do pai, nem você, então, acho bom contar. — Rodrigo se justificou.

— Você é meu irmão mais velho — protestou. — Não deveria estar tão interessado no que eu e Vitor estávamos fazendo.

— Por isto que quero saber, preciso ter certeza se devo ou não socar a cara dele — afirmou baixo.

— Eu também vou bater nele se fez algo errado. — Laura disse.

— Não vai bater em ninguém, já pediu ajuda de Rodrigo com o diretor? — perguntou para irritá-la e desviar a atenção de si.

— Sofia! — exclamou um pouco alto.

Eles ficaram quietos esperando que não tivessem acordado seus pais.

— O que você fez desta vez, Laura? — Rodrigo perguntou bravo.

— Eu te mato, Sofia.

— Mata nada — respondeu rindo. — Eu nem contei que você bateu em uma garota.

— Você entrou em uma briga? — Rodrigo perguntou chocado.

— Sofia, vou te estrangular — resmungou brava. — E nem foi uma briga assim, só alguns tapas.

— Juro que não sei de que mundo você veio. — Rodrigo disse. — Mãe vai colocar você de castigo até seus vinte e cinco anos.

— Por isto que ela precisa da sua ajuda. — Sofia disse rindo.

Ele ficou calado por um minuto tentando entender.

— Nem pensar que eu vou te acobertar — resmungou mal-humorado.

— Por favorzinho, mano — implorou.

— Você é doida. — Ele disse.

— Não pode me acusar de uma coisa que é característica familiar. — Se defendeu.

Sofia e Rodrigo riram concordando com a teoria da irmã.

— Ainda assim não vou falar com seu diretor — disse.

— Eu faço o que quiser se me livrar desta — insistiu.

— Cuidado com o que promete, sua doida. — Sofia disse rindo.

— O que eu quiser? — Rodrigo questionou.

Laura gemeu sabendo que estava em apuros depois desta promessa.

— Sim.

— Vejo seu diretor na terça — garantiu.

— Estou ferrada.

— Muito. — Sofia concordou e Rodrigo riu.

Conversaram por mais alguns minutos até que Laura dormiu. Sofia mal podia fechar os olhos sem se lembrar de Vitor. Remexeu no colchão na frustrada tentativa de ficar mais confortável com os irmãos.

— Diga-me que ele te tratou bem. — Rodrigo sussurrou.

Sofia revirou os olhos.

— Você não está me vendo chorar e nem com raiva — sussurrou para o irmão.

— Só quero ter certeza — afirmou.

— Vitor foi um perfeito cavalheiro comigo — garantiu.

— Sofia?

— Hm?

— Promete que vai me contar qualquer coisa? — perguntou. — Coisas que não te deixe feliz.

— Não se preocupe, Rodrigo.

— Sempre me preocupo, pareço liberal, mas acho que estou com tanto ciúmes quanto pai — confessou.

— Não brinque com isto. — Sofia sussurrou. — Um Carlos já é suficiente.

Rodrigo riu baixinho.

— Prometo não fazer nenhuma cena igual a motosserra ali — brincou referindo ao ronco do pai. — Mas quero ter certeza de que vai ficar bem.

— Obrigada por se preocupar — disse sorrindo. — Prometo te contar qualquer coisa.

— Bom.

— Vitor me faz bem e eu não tenho nada para reclamar por agora — confessou.

— Eu vejo que ele te faz bem — murmurou. — Agora vamos dormir, porque eu prometi sair com eles assim que amanhecer.

— Aonde vão?

— Vitor não contou?

— Acredito que se esqueceu — murmurou lembrando que se falaram muito pouco sobre o lençol.

— Me convidaram para fazer trilha, Vinicius tem duas motos e trouxe para que eu pudesse ir com eles — explicou.

— Vitor vai fazer trilha? — questionou.

— Sim, vamos sair as cinco da manhã.

— Mas o joelho...

Rodrigo riu baixinho.

— Se acostume com isto, mana — beijou os cabelos de Sofia. — Vitor não é homem de ficar preso em suas limitações, mesmo que depois ele possa ficar com uma dor do cão.

— Nem sei o que dizer — murmurou preocupada.

— Boa noite, só tenho três horas para tentar dormir.

Ele saiu do colchão indo de volta para o dele.

Sofia olhou para a escuridão do quarto com os pensamentos presos em Vitor. Ele realmente não parecia ser o tipo de pessoa que se deixava ser limitado, mas isto não aliviou suas preocupações. No dia em que o viu com dor a assustou muito, estava tão pálido e com fundas olheiras, mais do que parecia ser possível.

Ela acabou sorrindo, seu pai o tinha dedurado pela manhã. Vitor tinha subido em árvores e nadado no lago sem se importar muito com o joelho. Isto sem contar com o momento íntimo que tiveram sobre o luar.

Sofia nunca poderia esquecer em como ele a venerou. A fez se sentir tão

bem e feminina. Suas mãos eram carinhosas e seus lábios famintos. Encheu-a de pleno prazer e satisfação quando a tomou, tornando a primeira vez deles inesquecível.



Capítulo Treze

Pela manhã, Sofia foi a última pessoa a se levantar. Tinha sido impossível não acordar com o barulho ensurdecedor de motos acelerando na frente da casa. Era o sinal de que os rapazes já tinham voltado e logo estariam prontos para começarem a beber novamente. Sofia se levantou, tomou banho e, depois de se arrumar, desceu para encontrar com Vitor. Encontrou seu pai, Carlos, cochilando no sofá junto com Luís na sala.

Deu risadas imaginando que eles estavam pagando o preço de toda cerveja do dia anterior. Cumprimentou as mulheres na cozinha e não perdeu a forma que sua avó a olhava. Era o jeito de dona Lurdes dizer que sabia o que ela andou fazendo pela madrugada. Sofia piscou para a avó confirmando suas suspeitas e saiu sem lhe dar oportunidade de fazer perguntas.

Parou na porta encantada demais para se mover. Vitor estava de costas para ela e parecia mais bonito do que o normal. Estava sem camisa e usava calça e botas de trilha. Claro que tinha uma lata de cerveja nas mãos e estava mais sujo do que o chão. O cabelo em desordem e a pele levemente suada.

Mas lindo. Pensou e deu de ombros.

Guilherme a viu observando e acenou para o irmão olhar para trás. Vitor se virou e sorriu quando seus olhos encontraram a mulher que o manteve acordado a noite toda.

— Bom dia, meninos. — Sofia disse a eles.

— Como é possível que você esteja mais bonita do que ontem à noite? — Vinicius perguntou brincando.

— Acredito que não se lembre de tanta coisa sobre ontem à noite. — Sofia respondeu rindo.

— Nunca esqueceria a beleza de uma mulher. — Se defendeu.

— Mulher, que no caso, é minha. — Vitor disse e estreitou os olhos para o irmão.

Sofia riu e ficou ao lado do namorado.

— Não pode me olhar assim. — Vinicius protestou.

— Ele só disse verdades. — Daniel disse.

Os rapazes riram concordando.

— Ela ainda é minha irmã! — Rodrigo gemeu inconformado.

— Ainda bem que não tenho irmãs para defender. — Pedro disse provocando outra onda de risadas.

No meio do grupo Rodrigo era o único que tinha irmãs e nada poderia fazer, além de aceitar o fato de que outro homem tocaria nelas.

— Eu castraria o homem que tocasse em minha irmã. — Guilherme disse para Rodrigo. — Mas como o homem que toca sua irmã é meu irmão, não posso concordar com tal coisa.

— Isto não tem graça. — Vitor protestou. — Pare de tentar fazer o Rodrigo ficar no meu pé como o pai dele — pediu. — Dois Carlos é mais do que um ser humano é capaz de suportar.

— Não se preocupe comigo. — Rodrigo garantiu. — Nem eu aguentaria ser igual ao meu pai.

— Então, eu posso fazer isto. — Vitor disse sorrindo.

Segurou o rosto de Sofia e a beijou.

Ela arfou surpresa e riu quando os rapazes gritaram eufóricos. Os lábios de Vitor tinha gosto de cerveja e eram macios como se lembrava. Desejou que pudessem ter privacidade para aprofundar mais aquele contato. Sua barriga encheu de borboletas entusiasmadas que traziam aquele friozinho no estômago de nervosismo.

Rodrigo a puxou para trás um minuto depois.

— Não abusem da sorte — disse mal-humorado. — Cacete, está beijando minha irmã.

— Beije mais, Vitor! — Lurdes gritou da porta e riu alto. — Queria que aquele traste vesse isto.

— Ele mataria o Vitor. — Gustavo disse.

— Mata nada. — Lurdes provocou. — Aquilo lá é igual cachorro velho, até late, mas não morde.

— Pode beijar a vontade, *Soph*, pai está morto no sofá. — Laura disse.

Sofia riu e se soltou do irmão.

Ficou ao lado de Vitor e o beijou rapidamente.

— Porra nenhuma! — ouviram Carlos gritar. — Fique longe da minha filha, Vitor.

Gargalharam e não demorou muito para que Carlos aparecesse do lado de fora.

As provocações continuaram por mais algum tempo, até que os rapazes vestiram bermudas e foram tirar a poeira do corpo no lago.



Havia muitos benefícios em namorar. Beijos escondidos, amassos em lugares improváveis. Mensagens apaixonadas. Andar de mãos dadas e todo o romantismo que acompanha um relacionamento.

Namorar alguém que te faz bem, que te traz segurança e confiança, sempre trazia bons momentos. Nada melhor do que ter alguém para contar os segredos. Saber que tem alguém para te ajudar, para te abraçar, para te amar, são coisas que palavras não poderiam descrever. Ter alguém para dedicar seu tempo, seus sentimentos e tudo de bom que acompanha, e em troca receber a mesma dedicação.

O namoro traz esse tipo de satisfação, principalmente, quando você alcança a reciprocidade. E foi isto que fez Sofia e Vitor alcançar a marca de um mês de namoro.

— Saia deste quarto! — Laura exclamou. — Você está linda.

— Estou insegura — resmungou olhando o espelho.

O vestido preto se ajustava com elegância em suas curvas, assim como os sapatos de salto alongavam suas pernas com perfeição.

— Não existe motivo para isto, *Soph*. — Laura disse. — Vitor a ama.

— Eu sei, só que todas as vezes que me encontro com ele fico insegura — confessou nervosa.

— Besteira — entregou a bolsa para a irmã. — Saia logo de casa, antes que pai venha acorrentá-la na cama.

— Ele está pronto para isto mesmo — riu.

— Vai logo e pare de me irritar com essa baboseira de insegurança.

— Alguém já te disse o quanto é delicada? — brincou.

— Claro! — riu. — Sou a delicadeza em pessoa.

— Cara de pau também. — Sofia disse rindo.

Beijou o rosto da irmã e saiu do quarto. Caminhou devagar pelo corredor e encontrou com Vitor. Ele estava no sofá na companhia do seu pai, era óbvio que Carlos não tinha uma boa expressão. Estava com ciúmes e não se esforçava para esconder.

Vitor se levantou e beijou de leve os lábios de sua namorada.

— Você está linda — elogiou encantado com o brilho dela.

— Obrigada — sorriu. — Vamos?

— Não antes de que ele me diga onde vai te levar. — Carlos protestou.

— Já te disse, Carlos, não vou te contar. — Vitor riu e segurou a mão de Sofia. — E tenho certeza que não iria querer saber.

Carlos gemeu cheio de ciúmes.

— Você não pode estar falando sério — protestou.

— Pai, não vamos começar com essas discursões novamente. — Sofia pediu.

Paçoca passou por eles e pulou em Sofia. Ela esfregou as orelhas do cachorro que se afastou depois de satisfeito com os carinhos.

O casal caminhou para a porta e parou quando Carlos entrou na frente, os impedindo de sair.

— Pai. — Sofia pediu paciente.

— Está linda, filha — disse se rendendo.

Ela sorriu e o abraçou.

— Obrigada, mas agora saia da frente da porta — riu.

— Por que você teve que crescer? — perguntou inconformado.

— Carlos, deixe-os em paz! — Lucia disse da porta da cozinha. — Pelo amor de Deus, homem! Até parece que não foi jovem.

— Eu ainda sou jovem — corrigiu a esposa. — E é por isto que não quero os dois sozinhos.

— Posso ir com eles. — Laura ofereceu.

Seu pai pareceu aliviado.

— Só para se sentir melhor e desço na próxima esquina. — Laura disse rindo.

— Sua pequena merdinha. — Carlos disse bravo.

— Estamos de saída. — Sofia passou pelo pai e abriu a porta.

— E sem hora para voltar. — Vitor provocou o sogro.

Eles não deram oportunidades para Carlos protestar, fecharam a porta e correram para o carro.

Quando Vitor acelerou para longe, as gargalhadas vieram.

— Seu pai é uma piada — riu. — Nunca vou me acostumar com esse ciúmes exagerado de Carlos.

— Isto se chama pecados. — Sofia brincou. — Aprontou demais e agora tem medo.

— Que eu não tenha filhas, então. — Vitor disse.

Sofia bateu na coxa dele.

— Ei! — protestou. — É tão cara de pau quanto meu pai.

— Estou torcendo para que a testosterona em excesso da minha família me

ajude — brincou. — Nunca fui santo, Sofia.

— Estou perdida — riu.

— Talvez tenha até mais pecados que seu pai — disse rindo.

— Completamente ferrada. — Sofia concluiu.

Riram juntos.

— Aonde vai me levar? — perguntou curiosa.

— Acho muito engraçado essa sua curiosidade. — Vitor disse para provocá-la.

— Não vejo nenhuma graça na sua falta de informações — protestou.

— Você fica ainda mais linda quando está curiosa — deu de ombros. — Não resisto ao seu charme.

— Bobo — riu quando suas bochechas coraram.

— Só dizendo verdades — afirmou.

— E?

— E o quê?

Sofia bufou.

— Aonde vamos? — questionou impaciente.

— Ah, isto. — A provocou. — Vamos jantar em minha casa.

— Sua casa? — perguntou surpresa. — Vai cozinhar para mim?

— Claro que não, vou pedir pizza. — Vitor disse sério.

Sofia o olhou pasma, tinha se arrumado toda e já começava a sentir a frustração.

— Estou brincando. — Ele riu. — Precisa aprender a esperar, Sofia, você é muito ansiosa.

— É mais forte do que eu — brincou.

Vitor segurou sua mão e a levou aos lábios.

— Hoje vamos ter uma noite incrível, mesmo com essa chuva que está vindo — prometeu. — Não lhe ofereceria nada menos.

Se encararam por um momento e concordaram que a noite seria maravilhosa. Nada poderia quebrar aquele encanto que havia entre eles.

Vitor voltou a atenção rapidamente para o trânsito e em nenhum momento deixou de sorrir. Estar com Sofia trazia as melhores sensações. O fazia bem ficar ao seu lado. Tinha a certeza que tomou a decisão certa em chamá-la para sair naquela tarde de domingo.

Soltou os dedos dela para que pudesse mudar a marcha do carro. A delicada mão de Sofia pousou sobre sua coxa com naturalidade, ele a olhou por um segundo e percebeu que ela não estava prestando muita atenção no que fazia. Sorriu gostando da intimidade crescente entre eles e voltou olhar para frente, enquanto uma paz se espalhava por seu peito.

Por que nunca me senti assim antes? Vitor se perguntou em pensamentos.

Uma grande lista de porquês encheu sua mente e todos tiveram a mesma respostas. Porque aquilo que experimentava ao lado de Sofia era um *amor real*. Algo construído e não planejado. Um sentimento que não tinha esperado, nem mesmo desejado, mas estava instalado no mais profundo de sua alma.

Não sabia como era possível, no entanto, não existia a possibilidade de negar.

Entrar naquela floricultura era pura obra do destino, para mostrar que ele estava destinado a amar.



Capítulo Quatorze

— Diga alguma coisa. — Vitor pediu nervoso.

Sofia tinha ficado completamente muda quando entrou em sua sala de jantar, recém montada. Uma mesa para dois foi posta a luz de velas e lindas flores encantavam o local.

— Talvez posso ter exagerado um pouco, mas eu queria que fosse especial nossa noite — explicou ansioso. — E também ter um pouco de privacidade.

Um trovão estourou no céu e logo um relâmpago clareou tudo ao redor.

— Você está me deixando paranoico...

— Que lindo, Vitor. — O interrompeu.

Ela abriu um grande sorriso e seus olhos brilharam em uma emoção contida.

— Nunca alguém fez algo tão especial assim para mim — disse.

— Achou que se arrumaria assim, tão linda, para que eu comprasse pizza? — brincou. — Você merece todo o trabalho que tive para deixar esse lugar assim.

— Obrigada.

Ele abraçou sua cintura.

— Não me agradeça — disse baixo.

Vitor olhou a boca de Sofia e não lutou contra a vontade de beijá-la. Seus lábios se encontraram em um delicioso beijo, como se saboreassem um pedacinho do paraíso.

Nas últimas semanas tinham se encontrado muito pouco e não houve nenhuma outra oportunidade de ficarem sozinhos. Agora era o momento em que todos os desejos e vontades estavam se sobressaindo ao que foi planejado para a noite. Vitor apertou Sofia contra seu corpo para que sentisse o quanto a queria. Ela não o afastou, pelo contrário, abraçou o pescoço dele com mais força como

se tivesse medo de que a deixasse. Três passos atrás e ela estava presa contra uma parede.

Vitor parou de beijá-la.

Encostou sua testa na dela.

Ofegantes se encararam tomados pela paixão.

— Não quero estragar nosso jantar — murmurou. — Mas não quero soltá-la.

— Não pedi que soltasse. — Ela respondeu ofegante. — Beija-me e não pare até que toda essa saudade que estamos sentido seja suprida.

Um pequeno zumbido e algumas luzes fora da sala de jantar se apagaram. A energia elétrica tinha acabado no exato instante que a chuva se derramou lá fora.

Vitor puxou as coxas de Sofia para sua cintura e tomou sua boca em um beijo faminto. Se deliciou com a imensa sensação de estar completo, de fazer a coisa certa. Outro trovão estourou no céu e um relâmpago clareou a sala, fazendo daquele momento inesquecível. Vitor nunca poderia esquecer do brilho dela toda vez que um raio atravessava o céu e sua luz iluminava a dela.

Ele desencostou da parede e a carregou até o quarto. Foi cuidadoso ao colocá-la no meio de sua cama. No entanto, diferente da primeira vez em que estiveram juntos, não teve tempo para tanta delicadeza. Experimentaram um amor mais selvagem e bruto, mas cheio de intensidade e bons sentimentos.

Uniram-se em um só, completando suas almas.

Ofegaram por ar e respiraram juntos, tornando o oxigênio que o outro precisava.

Suas palavras eram formadas pelos toques de suas mãos, não era preciso dizer frases copiadas. Nada se comparava ao que seus olhos diziam. Os únicos sons ouvidos era a mistura dos seus gemidos com a forte chuva que caía lá fora.

Se afogaram quando o prazer foi demais para suportar. Perderam-se naquela tempestade de sensações que domava cada célula de seus corpos. E, então, apreciaram o deleite da paz que veio logo em seguida.



— Estraguei nosso jantar com minha pressa em tê-la. — Vitor sussurrou.

Estavam deitados de conchinha, ele deslizava seus dedos lentamente sobre o braço dela.

— Você não estragou nada — murmurou. — Somente me deixou ainda mais faminta.

— É sério, Sofia — resmungou.

Ela se virou em seus braços e o encarou nos olhos.

— Era para termos jantando a luz de velas e a parte dos beijos e amassos vinha depois — explicou um pouco decepcionado. — Desculpe, prometi uma linda noite e comecei tirando suas roupas.

— Está me vendo reclamar? — questionou e ergueu um sobrelance. — E daí se começamos pelo fim? Eu não me importo nenhum pouquinho.

— Ainda sim...

— Se continuar a resmungar sobre isto vou embora e vou ficar furiosa por ainda estar com fome — ameaçou.

Vitor se calou e a encarou em silêncio. Estava frustrado por ter atrapalhado a ordem em que planejou a noite, mas não significava que se arrependia de suas atitudes. Observou com atenção quando ela se aproximou mais de seu corpo e sorriu.

— Gostei de não seguir um roteiro — disse baixo. — Amo isto em você, Vitor, que seja tão espontâneo.

Ele não disse nada, sentia-se preso por cada movimento sensual que ela fazia. Cada vez que abria a boca para falar, Vitor só via o vermelho de seus lábios inchados. Quando a encarava nos olhos, era preso pelo brilho que havia lá. E se descesse o seu olhar um pouco encontraria os belos seios nus de Sofia.

— Você está ouvindo o que estou falando? — Ela perguntou um pouco irritada.

— Nadinha — afirmou rindo.

— Vitor! — exclamou.

Ele gargalhou, rolou sobre a cama a prendendo debaixo de seu corpo.

— Não tenho culpa se você é tão sedutora — disse ainda sorrindo.

— Bobo, sou só mais uma garoto normal — protestou rindo.

— Nada disto, *Soph* — negou com a cabeça. — Você não é só mais uma garota.

— E o que sou? — questionou.

— Minha namorada, a mais linda de todas — respondeu firme.

— Sorte sua ou eu iria castrá-lo por achar outra mulher mais bonita do que eu — brincou.

— Meus olhos só veem você agora, nunca duvide disto — garantiu.

Sofia via a verdade crua nos olhos castanhos de Vitor. Sorriu para ele e passou os dedos em seus cabelos bagunçados antes de beijá-lo. Aquela dança sensual de seus lábios trazia de volta as borboletas para seu estômago, mas estava começando se acostumar com tudo o que ele a fazia sentir.

— Nunca vou duvidar de você, se não me esconder a verdade de seus olhos — disse e escapou da prisão dos braços dele. — Mas agora eu estou faminta e não vou permitir que me enrole novamente.

Vitor a observou descer da cama e entrar em seu closet, ele tinha ficado tenso e ela não percebeu. Ainda não tinha contado a ela sobre sua história com Luciana. Aquele foi o momento em que percebeu o quanto estava falhando em não lhe dizer a verdade.

Entretanto, seus pensamentos não foram muito longe.

Sofia tinha retornado vestindo uma de suas inúmeras camisas brancas com somente três botões abotoados. O cabelo tinha sido domado em um coque enrolado acima de sua cabeça e um belo sorriso nos lábios.

— Não é o melhor vestido que já usei, mas pelo menos é confortável. — O provocou. — Pare de me olhar assim e sacie minha fome.

— Com todo o prazer — pulou da cama para tentar pegá-la.

Sofia foi mais esperta e conseguiu alcançar a porta de saída.

— Não estava falando da *sua* fome sexual e sim da minha fome de comida — protestou rindo.

— Garanto que não sou o único faminto aqui — afirmou rindo. — Mas vou deixar passar por agora, já que posso ouvir seu estômago roncando.

— Não pode ouvir nada, porque meu estômago não está roncando — assegurou.

— Então, podemos continuar na cama. — Vitor retrucou.

— Ouviu isto? — Sofia perguntou séria.

— Não, o quê? — questionou confuso.

— Meu estômago roncando — brincou. — Precisamos ir logo saciar esse pequeno monstro em minha barriga.

Riram alto.

Vitor selou seus lábios rapidamente antes de se afastar para pegar uma roupa para vestir. A temperatura tinha caído muito por causa da chuva, colocou uma calça de moletom e vestiu uma camiseta. Segurou a mão de Sofia e juntos caminharam para a cozinha onde o jantar estava esperando para ser esquentado. Trabalharam juntos e serviram seus pratos na sala iluminada pelas suaves velas e de vez em quando pelos relâmpagos.

— Nunca me senti tão confortável em um jantar. — Sofia brincou.

— Costumo deixar as pessoas confortáveis. — Ele brincou.

— É mesmo?

— Charme natural — deu de ombros.

— Não sei se te beijo ou saio correndo. — Sofia riu.

— Me beijar é sempre a melhor opção — piscou para ela.

— Correr na chuva não parece tão mal assim, você aparenta ter os mesmo problemas psicológicos da minha família. — O provocou.

— Não aconselharia correr lá fora, mas se estiver tão interessada na chuva podemos ir lá somente para fazer uma cena de filme — deu de ombros.

— Que cena de filme? Beijar na chuva?

— Estou sempre disposto para beijar você, mesmo que seja nesse temporal — riu.

— Bobo, se eu fosse lá fora seria para correr de você. — O provocou. — É tão louco quanto meu pai e minha avó.

Vitor fez uma cara de assustado.

— A loucura deles é contagiosa — afirmou.

— Mais do que imagina. — Sofia disse.

Eles gargalharam concordando.

— Como se sente em nosso primeiro jantar? — Vitor perguntou servindo uma taça de vinho para Sofia.

— Realizada.

Ele parou o que estava fazendo e a olhou.

— Tudo está tão perfeito que o que sinto é a realização do momento ao seu lado — explicou.

— Fico feliz, *Soph* — respondeu. — Porque tudo o que quero é te fazer se sentir bem ao meu lado.

— Parabéns, conseguiu — brincou. — Mas quero ver se vai estar feliz depois que meu pai te bater por me fazer passar a noite contigo.

— Mas você não. — Vitor se calou. — Vou enfrentar Carlos com o maior prazer, se quando amanhecer você ainda estiver do meu lado.

— Tenha certeza disto — afirmou. — No entanto, talvez precise de um colete a prova de balas amanhã.

— Fácil de conseguir — respondeu rindo.

— Vou ligar para eles assim que terminarmos o jantar — informou.

Vitor acenou concordando.

— E depois vou levá-la de volta para minha cama — assegurou.

— Um bom plano. — Sofia sorriu abertamente.

Sofia não se surpreendeu quando desligou a chamada sem ouvir nem

mesmo um grito de seu pai. Carlos era o típico pai ciumento, mas ele conhecia seus limites. Sabia que existia linhas que não poderia atravessar, a liberdade de seus filhos era uma delas. Todos os três eram livres para fazerem o que quisessem, desde que sejam responsáveis por seus atos.

Ela sorriu para Vitor e se deitou ao lado dele.

— Vou precisar de um exército? — brincou.

— Não é pra tanto. — Ela riu. — Mas não seria ruim ter um escolta.

— Essa poderia ser minha última noite? — perguntou sério.

— Muito provável que sim. — Sofia respondeu baixo, como se contasse um segredo.

Vitor inclinou sobre ela, prendendo-a na cama.

— Vamos aproveitar então, se eu morrer amanhã posso dizer que morri feliz — brincou.

— Não vai morrer amanhã — garantiu. — Vou te proteger, juro.

— Ainda sim quero curtir essa noite como se fosse a última.

— Não estou negando — riu. — Inesquecível, foi isto que me prometeu.

— Sempre cumpro com o que prometo.



Capítulo Quinze

— Se eu entrar para o café da manhã, seu pai vai me castrar? — Vitor brincou assim que estacionou na porta.

— Não — afirmou. — Mas é bem provável que ele tente te fazer engasgar com algo.

— Ou jogue café quente em mim — deu de ombros.

— Disposto a correr o risco? — Sofia perguntou rindo.

— Não tenha nada para fazer mesmo — riu. — Vamos brincar com a sorte.

Riram alto e saíram do carro. Sofia esperou que ele chegasse ao seu lado para abrir o portão.

— Vou trocar de roupa e te deixar com os selvagens — piscou para ele.

— Não pode me abandonar aos leões — protestou.

— Ah, eu posso e vou — afirmou. — Se não pode com eles...

— Junte-se a eles. — Vitor completou rindo. — Vou estar te esperando.

Sofia beijou os lábios de Vitor rapidamente e de mãos dadas entraram. Laura estava no sofá olhando o celular.

— Bom dia, pessoas — resmungou sem desviar a atenção.

— Bom dia, cunhada. — Vitor disse. — O que tem de tão interessante nesse seu celular?

— Bicho de matar curioso. — Laura respondeu.

Eles riram e Lucia apareceu na sala.

— Bom dia, dormiram bem? — perguntou e beijou o rosto de Sofia e depois o de Vitor.

— Bom dia, mãe, vou trocar de roupa...

— Protegemos seu namorado. — Laura a interrompeu e riu. — Talvez ele

precise de um colete a prova de balas, mas o ajudamos a se esconder.

Vitor riu e se sentou.

— Fico mais tranquilo sabendo que estou protegido — brincou.

Sofia riu e caminhou para seu quarto.

Um segundo depois Carlos apareceu na sala e parou ao ver Vitor em seu sofá.

— Logo cedo? — gemeu frustrado. — Seu aproveitador de filhas.

— Opa! — Laura protestou. — *Filha*, ele se aproveita somente de Sofia.

— Não comecem. — Lucia ordenou.

— Não o matei ainda, já é um progresso, querida — disse para a esposa. — Mas estou louco para tirar esse sorriso na cara dele.

— Não posso evitar. — Vitor se defendeu. — Estou feliz.

Laura gargalhou e Rodrigo entrou pela porta da sala.

— Cheguei a tempo? — perguntou. — Nenhum morto ou ferido?

— Ainda. — Laura disse.

— Você deveria estar do meu lado, Rodrigo! — exclamou Carlos. — Temos que proteger Sofia de safados como ele — apontou para Vitor.

— É o namorado dela, não vou me meter entre eles. — Rodrigo deu de ombros.

— Acredito que não deva usar a palavra *meter* neste momento. — Laura provocou.

Lucia riu baixinho quando seu filho e seu marido gemeram em desaprovação. Vitor e Laura gargalharam. Carlos pensou em bater no genro, mas Sofia voltou para sala naquele exato momento.

— Minha vida pessoal está interessante? — Ela perguntou e beijou o rosto de Carlos. — Bom dia, pai.

— Bom dia, filha, me permita socar o meu dentista? — perguntou mal-humorado.

— Não, seu dentista é o meu namorado — deu de ombros.

— Contem-me tudo! — Lurdes apareceu na sala. — E não me escondam nada!

— O circo está completo, chegou nosso animal exótico. — Carlos disse para a sogra.

— Vamos lá, palhaço, comece o seu show de besteiras. — O provocou. — Vou ter a certeza de te acertar com legumes e frutas podres.

— Jararaca! — A acusou.

— Traste! — retrucou.

Sofia riu e sentou ao lado de Vitor.

— Mais um dia normal em família. — Sofia disse a ele.

— Mais um dia normal. — Vitor concordou rindo.

— Pai está tentando bater no namorado da *Soph*. — Laura contou a avó. — Só porque ela passou a noite fora com ele.

— Não existe segredos nesta família. — Sofia disse a Vitor.

— Para que segredos? — Rodrigo brincou.

— Adoramos fazer de sua vida uma novela. — Lurdes disse e riu. — É por este motivo que quero que me conte o desempenho do seu namorado.

— Vó! — Sofia exclamou chocada e Laura gargalhou.

— Vou matar Vitor junto com essa cobra. — Carlos prometeu.

— Eu estou calado. — Vitor protestou rindo. — Mas se dona Lurdes quer saber...

— Eu quero. — Ela afirmou.

— Não se atreva! — Carlos disse em tom de ameaça para o genro.

— Pelo amor de Deus, me poupe. — Rodrigo pediu. — É demais para uma manhã de domingo.

Alguns riram.

— Falando em manhã, estou faminto. — Vitor disse olhando para Carlos.
— Vamos logo tomar esse café?

— Boa ideia. — Rodrigo disse e foi o primeiro a se levantar.

— Para estar faminto tem que ter feito muita atividade durante a noite. —
Lurdes brincou.

Sofia corou e se levantou quando, quase, todos riram.

— Vamos acabar com essa novela e comer — disse.

— Ela está com fome. — Lucia disse provocando mais risadas.

Carlos virou e caminhou furioso para cozinha, praguejou algumas maldições.



A verdade sobre o tempo é que ele passa mais rápido do que o normal quando você está feliz. Talvez seja o preço da tranquilidade, ou somente o fato de que as preocupações e tormentas ocupam mais de sua mente.

Até quando vai a felicidade? Ou até onde pode confiar em alguém? Como perdoar quando te escondem coisas importantes?

Sofia não tinha uma resposta para isto.

Ela sentiu o mundo desmoronar em câmera lenta no exato momento em que ouviu alguém chamar seu nome no supermercado. Tinha parado ali para comprar algumas cervejas, sabendo que era sexta-feira e Vitor estaria na sua casa à noite. Colocou algumas embalagens no carrinho, já que seu pai e seu irmão nunca negavam a uma bebida gelada, até que ouviu.

— Você é Sofia. — A afirmação na voz feminina a fez virar.

Uma mulher bonita, de longos cabelos negros a olhava de forma superior. Era aquele tipo de pessoa que nunca frequentaria um mercado e por onde passava chamava atenção.

— E quem é você? — Sofia perguntou confusa.

— Luciana, esposa de Vitor. — Se apresentou com arrogância.

— Oi? — Sofia disse e sentiu seu coração bater mais forte.

— Ex-esposa.

Sofia se virou e viu Guilherme, irmão mais velho de Vitor, atrás dela. Ele não tinha uma boa expressão e parecia perigoso com suas roupas de trabalho.

— Guilherme, que bom vê-lo. — Luciana disse e sorriu.

— Não posso dizer o mesmo, no entanto. — Ele respondeu grosseiramente.

— Não estou fazendo nada demais — deu de ombros.

— Veio até aqui somente para perturbar Sofia. — A acusou.

— Você quer dizer a amante do seu irmão? — O provocou.

Guilherme deu dois passos à frente e segurou o braço de Luciana.

— Sua única sorte é que não bato em mulheres, mas não pense que vou aceitar você tentando estragar a vida que meu irmão tanto lutou para reconstruir. — Guilherme disse baixo e ameaçador.

— Que lindo — zombou. — Vai dar uma de irmão mais velho e proteger o irmãozinho.

— Ser o mais velho é só um bônus, não vou permitir que continue com essa perseguição idiota — ameaçou.

— O que está acontecendo aqui? — Sofia perguntou nervosa.

Luciana riu em deboche.

— O que está acontecendo é que você está saindo com um homem casado, não sabia?

— Não é verdade. — Guilherme praguejou ao ver lágrimas se formando nos olhos de Sofia.

Sofia os observou somente por mais um segundo antes de correr para fora do mercado, deixando suas compras no carrinho. Ouviu Guilherme a chamar, mas não parou para ouvi-lo. Sua mente estava confusa e seu coração começando a se partir.

Sentia-se humilhada por Luciana a ter acusado de ser amante em um local público. A cada passo para mais perto de casa, se tornava mais difícil segurar as

lágrimas. Tentava não julgar Vitor, no entanto, como faria isto? Ouviu de Guilherme que era ex-esposa.

Por que nunca me contou? Se perguntou pesarosa.

Quatro meses de relacionamento e ele nunca tinha dito uma única palavra sobre o seu passado. Nem mesmo sua família havia comentado algo a respeito. Eles tinham passado todos os finais de semana juntos, trocado mensagens e ligações diárias, conversado abertamente sobre muitos assuntos.

Então, porquê?

Qual era o motivo para esconder?

Tantas perguntas encheram sua mente que mal podia ouvi-las. Insegurança e medo percorriam suas veias misturando a adrenalina de seu corpo. Tinha depositado tanta confiança nele que não queria acreditar que fosse verdade. Porém, Sofia não se considerava cega pelo amor que sentia por Vitor.

Era um fato de que ele é ou era casado.

No entanto, como se livrar de toda aquela decepção que a enchia?

Seu lindo castelo estava desmoronando e não sabia como segurá-lo, como mantê-lo firme. Acreditava ter construído um relacionamento real e sincero ao lado de Vitor, mas agora não tinha tanta certeza.

— Filha?

Sofia não encarou seu pai quando entrou na sala de sua casa. Não podia olhá-lo.

— Sofia?

Ela passou por ele e entrou no quarto, trancou a porta atrás de si e deixou a bolsa cair. Sentia-se em choque.

— Sofia? — Carlos bateu na porta. — Diga-me o que aconteceu. Você está bem? — perguntou preocupado.

Não estou bem, pai. Respondeu mentalmente. *Nada bem.*

— Filha, por favor, abra a porta e me conte o que aconteceu. — Carlos pediu baixo e não teve resposta.

— O que aconteceu, Carlos? — Lucia perguntou ao se aproximar do corredor.

— Aconteceu alguma coisa com Sofia, ela entrou e nem me deu um beijo. Depois se trancou no quarto e não me responde — explicou para a esposa.

Lucia franziu a testa e bateu na porta.

— Sofia, converse comigo, meu bem. — Lucia pediu e também não teve resposta.

— Que merda aconteceu? — Carlos murmurou preocupado.

— Não sei, querido, mas vamos ter que esperar que ela esteja disposta a nos contar — suspirou. — Talvez ela só precise de um momento sozinha.

— O Vitor, só pode ser ele a ter magoado nossa filha. — Carlos disse nervoso. — Vou quebrar o outro joelho dele se fez mal ao meu bebê.

— Se acalme, Carlos. — Ela pediu baixo. — Sofia não precisa de confusão agora, se quer ligar para o Vitor, faça isto, mas mantenha a calma.

Ele acenou com a cabeça e respirou fundo. Sabia que sua esposa tinha razão, não precisava trazer mais problemas para Sofia. Aceitou o fato de que ela precisava um pouco de espaço, se afastou do corredor e discou o número de Vitor. Ligou três vezes e não obteve nenhuma resposta.

Nervoso com a falta de informação, ligou para a secretária do consultório. Ainda eram seis da tarde e ele sabia que Vitor não saia antes das oito.

— Clínica Odontológica Soares.

— Fabi, sou eu, o Carlos.

— Como vai, Carlos? — perguntou gentilmente.

— Estou precisando falar com Vitor, é urgente. — Carlos disse e se sentiu um pouco mal por atrapalhar o trabalho do homem, mas era de Sofia que se tratava.

— Desculpe, Carlos, mas o doutor Vitor está preso em uma cirurgia de extração completa — informou.

— Ele vai demorar muito? — perguntou ansioso.

— Infelizmente eu não sei muito, Carlos — disse. — A cirurgia começou há muito tempo, é um caso muito complicado e ele não deve estar disponível tão cedo. Sem contar que hoje não está sendo um bom dia para ele.

Carlos entendeu que ela se referia a dor no joelho de Vitor.

— Tudo bem, peça que ele me ligue imediatamente assim que acabar — pediu.

— Vou fazer isto. — Ela prometeu.

Carlos agradeceu e desligou a chamada. Olhou para o céu e se sentiu cheio de preocupações. Entrou para dentro de casa, uma leve chuva começava a cair. Não tinha outra opção que não fosse esperar.



Capítulo Dezesseis

— Está liberado — disse ao seu paciente. — Nada de comidas sólidas e quentes, não quero correr o risco de que algo dê errado. Qualquer coisa me ligue.

O rapaz acenou com a cabeça sem poder falar, entregou a ele uma receita de medicamentos e se despediu. Vitor suspirou quando ficou sozinho, tinha demorado mais do que planejava e para piorar seu joelho o fazia querer chorar de dor. Esticou a perna devagar e sua assistente lhe entregou o telefone.

— Seu irmão, Guilherme — informou.

— Obrigado — colocou o telefone no ouvido. — Oi, Gui.

— Que demora em me atender, cacete! Estou tentando falar com você há mais de duas horas. — Guilherme disse nervoso.

— Não podia parar para atender o telefone, Guilherme, o que aconteceu?

— Luciana aconteceu — xingou do outro lado da linha.

— Não quero saber o que ela anda...

— Ela seguiu Sofia até o supermercado, por sorte eu a vi entrar e estranhei, já que ela não gosta de fazer compras.

Vitor se sentou completamente rígido.

— Que merda ela fez? — perguntou alto.

Sua assistente se assustou e saiu da sala para lhe dar privacidade.

— Disse para Sofia que era sua esposa — contou.

— Porra!

— Não contei ainda que ela humilhou Sofia em dizer que era amante de um cara casado.

— Vou matá-la! — xingou se levantando depressa.

Dor o fez ofegar, mas não parar.

— E você não fez nada? Cacete! — acusou irritado.

— Tentei, mas Luciana estava determinada a espalhar seu veneno — disse nervoso. — Nem vou comentar que você deveria ter dito a Sofia que é divorciado, mas eu disse a ela que Luciana era sua ex-esposa — disse em um tom de repreensão. — Vai atrás dela e se explique, porque ela não quis me ouvir, nem mesmo levou as coisas que tinha em seu carrinho. Somente correu para fora sem me deixar tentar acalmá-la.

— Eu vou estrangular essa mulher do inferno! — exclamou pensando em Luciana.

Desligou a chamada e entregou para a secretária. Ela estendeu o celular do escritório, tentou negar.

— Seu sogro, já é a terceira vez que liga te procurando — explicou. — Disse ser urgente.

Pegou o celular e caminhou de volta para o consultório.

— Carlos!

— Vou te perguntar uma única vez, o que fez com minha filha? — A voz dele era baixa, mas cheia de raiva.

— Não vou mentir para você, Carlos — pegou sua mochila no armário. — Eu só fiquei sabendo agora o que aconteceu e estou indo resolver o problema.

— Qual é o problema? — perguntou bravo.

— Não contei a Sofia que sou divorciado, não achei ser necessário e aquela maldita mulher a encontrou e disse qualquer besteira que veio em sua cabeça perturbada! — Vitor bradou furioso.

— Deveria ter contado a ela — repreendeu-o.

— Passado se chama passado por um único motivo, porque é passado. — Vitor disse irritado. — Mas entendo que errei em não contar.

— Venha fazer as pazes com minha filha e não se atreva a machuca-la novamente. Porque você a machucou! Ela chegou em casa e se trancou no quarto sem dizer uma única palavra.

— Chego aí em até duas horas — prometeu furioso.

— Venha agora! — ordenou.

— Primeiro, eu vou estrangular Luciana por machucar minha Sofia — rosnou.

— Vitor, não faça besteiras...

Ele desligou a chamada sem ouvir o que Carlos tinha a dizer. Caminhou o mais rápido que conseguiu para fora sem se despedir e nem passar instruções como sempre fazia. Destravou o carro e gemeu de dor quando se sentou.

Acelerou e só reduziu por causa da chuva, não queria causar nenhum acidente por causa de sua raiva. Não levou nem vinte minutos para chegar à frente do prédio em que Luciana morava. Estacionou e saiu na chuva. Sua raiva fazia a dor piorar, assim como a água gelada da chuva.

O porteiro o encarou com atenção.

— Diga a Luciana, do apartamento 505, que Vitor está aqui para falar com ela.

O homem acenou e Vitor aguardou.

Passou as mãos no cabelo molhado e sentiu vontade de gritar. Respirou fundo tentando acalmar sua ira, mas não obteve sucesso.

— Pode subir, senhor.

O portão se abriu e Vitor mancou até o elevador.

Chegar ao quinto andar pareceu uma eternidade, deixando-o cada vez mais nervoso. Quando as portas do elevador se abriram, ele a viu aguardando na porta do apartamento. O sorriso nervoso mostrava que estava preocupada com o que ele faria.

Vitor caminhou com dificuldade para fora e viu a preocupação no olhar dela.

— Vitor, o que...

Luciana se calou quando Vitor segurou seu braço com força e os arrastou para dentro do apartamento. Ele a soltou e fechou a porta.

— Queria conversar antes? Pois então, vamos conversar. — Ele rosnou.

— Você está bem? Está pálido e tremendo.

— Se estou bem? — zombou. — EU NÃO ESTOU BEM! — gritou.

Luciana deu um pulo de susto, nunca tinha visto Vitor gritar ou perder o controle.

— Vitor, se acalme — pediu.

— Eu não vou me acalmar, Luciana — bradou. — Não vou me acalmar! Passei cinco anos da minha vida com você e a única coisa que ganho são problemas. Cansei dessa merda toda! Não sou seu palhaço para brincar e jogar sempre que quiser!

— Do que está falando? — perguntou nervosa.

— Do que estou falando? — questionou irônico. — Estou falando de que quando me fodi em um acidente e você não fez questão de me apoiar para melhorar. De não ter aguentado minhas crises de dor. De ter engravidado de propósito, sendo que estávamos desgastados! — exclamou. — De ter fugido para o interior quando perdeu nosso bebê e foi se consolar nos braços de outro homem. De ter me deixado sozinho no luto de um filho que mesmo sem planejar, eu amei! De ter me feito vender tudo o que tinha para suprir a sua raiva por eu não perdoá-la! Nunca vou perdoá-la, você é patética!

— Eu também sofri com a perda do Gabriel! — gritou alterada.

— E eu estava aqui para você! — retrucou no mesmo tom alterado. — Sempre estive! E como se não bastasse tudo isto, ainda tenho que lidar com o fato de você estar seguindo minha namorada.

— Você é um homem casado! — bradou.

— Divorciado! — gritou. — E não te devo nada! Te dei metade de tudo aquilo que tinha, meu dinheiro, meus bens, minha vida! E não foi suficiente para o seu egoísmo! É a última vez que te mando se afastar, ou eu vou fazer da sua vida um inferno!

— Você não pode fazer nada contra mim.

— Não se sinta tão confiante, lembre-se de que nunca me disse onde morava e aqui estou eu — abriu os braços de forma irônica. — Não se atreva a tentar me prejudicar, muito menos tentar machucar Sofia com esse seu veneno.

— Você me trocou por uma menina que nem saiu da faculdade!

— Não te interessa minha vida pessoal, não é da sua conta nada do que eu faço — afirmou. — Sofia pode estar na faculdade e ser mais inteligente do que você, ela não vive encostada como você passou a vida inteira. Ela trabalha para pagar os próprios estudos e o que sobra guarda para comprar o carro próprio. Não se compare com algo que não pode competir.

— Vitor, não adianta tentar me humilhar!

— E você sabe o que é uma humilhação? — questionou furioso. — Humilhação é encontrar sua esposa na cama com outro. Humilhação é ter que dividir tudo o que conquistou sozinho com uma pessoa que não tem nem amor ou respeito próprio. Humilhação é ser chamada de amante em um local público, sendo que a única amante aqui é você!

— Não é porque ela te disse coisas, que eu fiz algo!

— Além de tudo, é mentirosa! — acusou.

— Eu ou sua namoradina adolescente? — O provocou.

— Quer mesmo que eu responda? — perguntou irônico.

Se encararam em silêncio, Luciana constrangida por suas atitudes e Vitor cheio de raiva. Eles viveram um tempo bom no casamento, não saberia dizer de quem foi o responsável pelo desandar da carruagem. Já que Vitor tinha sua parcela de culpa, esteve muito ocupado em realizar seus sonhos e deixou Luciana muitas vezes sozinha. Trabalhou mais horas do que poderia contar e se cansou de chegar em casa tarde para encontrá-la dormindo. Mas o que justificava a traição? O que explicaria o abandono para o luto? Qual seria o esclarecimento para todas aquelas atitudes egoístas de Luciana?

— Sinto muito por não ter te feito feliz quando prometi fazer. — Vitor disse mais calmo. — Mas não existe mais volta, não temos mais nada em comum.

Lágrimas desceram pelas bochechas dela.

A verdade era que um relacionamento ruim sempre deixava marcas e mágoas, que muitas vezes não existia uma forma fácil de cicatrizar.

— Assumo que tenho uma grande parcela de culpa para o fim do nosso casamento, mas eu não posso voltar no tempo e você não pode me obrigar a aceitá-la novamente — disse cheio de pesar. — Mas eu não consigo entender o

porquê faz tantas besteiras, desde então. Há alguma explicação para todo esse egoísmo e persistência?

— Vitor, eu...

— Não diga nada se não for para ser sincera, Luciana. — A interrompeu.

— Eu o amo e me arrependi de ter de traído — soluçou. — Eu estava me sentindo vazia depois que sai do hospital e não conseguia ver a dor em seus olhos. Você queria me consolar, cuidar de mim, mesmo depois de eu ter o deixado sozinho todas as noites que teve crises de dor. — Se aproximou de Vitor. — Eu não o ajudei nenhuma vez e sei o quanto sofreu para lidar com sua dor sozinho.

— Você ainda era minha esposa, como eu não cuidaria de você depois de sofrer uma perda tão grande? — questionou. — Era o nosso filho! — exclamou nervoso.

— Vitor, por favor, eu sinto muito — soluçou alto. — Nunca deveria ter te magoado tanto, mas acreditei que não merecia seu cuidado.

— Sentir muito não muda os fatos, Luciana. — Se afastou dela e caminhou para a porta.

Ela segurou seu braço.

— Eu te amo, Vitor, por favor — implorou. — Não me deixe novamente, me dê uma chance.

— Não estamos juntos para que eu a deixasse, isto já aconteceu há muito tempo — soltou seu braço devagar. — Supere isto, Luciana, não se deixe consumir por toda essa amargura que tem mostrado.

Abriu a porta e saiu.

— Aonde vai? — Ela perguntou.

— Não te devo satisfação — respondeu baixo e entrou no elevador.

As portas se fecharam e foi a última vez que viu Luciana.



Capítulo Dezessete

Carlos estava nervoso quando abriu a porta de sua casa para Vitor. Nunca tinha visto uma pessoa em péssimo estado, como ele naquele momento. Ainda estava todo de branco, molhado da chuva e, segundo a mente de Carlos, parecia um fantasma. Pálido e com olheiras, como da primeira vez que esteve na sua casa, mas muito pior.

— Boa noite, Carlos — disse baixo e cansado.

— Diga-me que não matou ninguém — resmungou preocupado.

Vitor sorriu tristemente para o sogro.

— Não será hoje que vai se livrar de mim — brincou.

— Até levaria bolo para você na prisão — disse tentando aliviar a situação.

Entendia que Vitor tinha errado em não falar no seu divórcio, mas se não tinha mais nada com a ex-mulher, não justificava ser punido. Abriu mais a porta para que ele entrasse. Vitor respirou fundo, como se tomasse coragem e deu um pequeno passo à frente.

— Você está bem? — Carlos perguntou, mesmo vendo que ele não estava.

— Vou ficar — murmurou.

Caminhou devagar para dentro, mancava fortemente e não tinha o auxílio de uma bengala.

— Vitor, está todo molhado. — Lucia correu até ele.

— Não se preocupe comigo, preciso falar com Sofia — pediu sem esconder o esforço que fazia para se manter de pé.

Carlos tirou uma chave do bolso e entregou a ele.

— É do quarto dela, entre lá e faça minha filha se sentir melhor — disse ao genro.

— Obrigado. — Vitor murmurou e caminhou para o corredor dos quartos.

Se apoiou na parede e deu um passo de cada vez, parou na porta do quarto dela e colocou a chave na fechadura. Abriu a porta devagar e entrou fechando-a atrás de si.

— Vamos deixá-los. — Lucia disse ao marido.

Carlos não a ouviu, caminhou para a porta de Sofia e encostou o ouvido na madeira. Ele não sairia dali até que ouvisse toda a história.



Vitor segurou o suspiro quando viu Sofia deitada na cama de costas para a porta. Ela soluçava baixinho partindo seu coração.

— Vá embora — sussurrou chorosa.

— *Soph.*

— Não quero falar com ninguém, muito mesmo você.

— Não vou embora — deu um passo à frente e ela o ouviu se aproximar.

— Não se aproxime de mim — ordenou engolindo o choro. — Como você pode fazer isto comigo? Aonde fica todo aquele papo sobre sinceridade? Você é casado, pelo amor de Deus!

— Divorciado — explicou. — Há mais de um ano.

— Não quero saber, deveria ter me contado antes. — Sofia disse nervosa.

— Eu sei, deveria ter contado, mas não achei importante. — Vitor suspirou. — Luciana é um ponto dolorido que eu não gosto de tocar, entendo que não justifica, mas não deixa de ser difícil falar.

Ele trocou o peso de uma perna para outra e sentiu mais dor, encostou na parede enquanto pensava na melhor forma de explicar.

— No início do meu casamento com ela, passamos bons momentos juntos — começou. — Entretanto, eu estava muito ocupado trabalhando e realizando meus sonhos. Isto degastou bastante nossa relação e eu não fujo da minha parcela de culpa — disse baixo. — Até que um dia eu sofri um acidente de carro e ela preferia dormir no quarto de hóspedes do que lidar com minhas crises de

dor. Não foi fácil nos primeiros meses, tinha que me acostumar com os episódios sem que precisasse me dopar ou viciar em medicamentos. — Seu tom mudou para raiva. — Nem mesmo compressas de água quente ela pegava para mim, só para não ter que lidar com o meu sofrimento. Passava as noites no sofá, por ser mais perto da cozinha e sempre que precisava de uma nova compressa ficava fácil de pegar.

Vitor tremeu com as lembranças.

— Até que um dia disse que era melhor nos separarmos, Luciana entrou em desespero e começou a mudar. No entanto, só me tratava bem quando eu não estava suando frio de dor — contou. — Passamos algumas noites juntos e ela resolveu que engravidar seria a solução para o nosso ridículo casamento desgastado. — Vitor viu Sofia ficar tensa. — Brigamos sobre isto, mas não tinha como voltar atrás — deu de ombros. — Já estava grávida e tínhamos que lidar com as consequências. Foi mais tranquilo os próximos seis meses e nosso pequeno estava quase pronto para nascer. — Dor encheu seu peito. — Mas Luciana teve uma complicação gestacional, sua placenta se soltou e ela o perdeu.

Lágrimas brilharam nos olhos de Vitor.

— Lidar com a perda nunca é fácil. — Sua voz estava rouca de emoção. — E não foi fácil para mim, muito menos para ela. Ficou depressiva e não quis me ver. Quando cansei de esperar e invadi o quarto em que ela deveria estar, descobri que Luciana tinha ido embora sem olhar para trás — suspirou. — Fiquei puto de raiva e tentei entender que ela precisava de um tempo. Foi tão difícil enterrar meu bebê sozinho que cheguei a cogitar nunca perdoar Luciana. — Lágrimas desceram por sua bochecha. — Mesmo assim, esperei por ela, até que cansei. Tinha se passado meses e Luciana não voltava para casa. Fui atrás dela e a encontrei na fazenda dos pais no interior, mas não estava sozinha — rosnou. — Tinha um homem na cama com ela, era demais para perdoar. Voltei para casa e dei início ao divórcio, ela tentou me convencer a tentar novamente — disse. — Eu não queria continuar com aquele mesmo erro e assinei os papéis. Ela, no entanto, dificultou as coisas para mim. Exigiu metade de tudo o que eu tinha, poupança, casa, móveis, carro e consultório. Fiquei furioso, mas mesmo assim vendi tudo para poder me livrar dela. Por sorte consegui vender meu consultório para Gustavo, ou eu perderia até mesmo meu trabalho para conseguir me separar. Reconstruí minha vida e ainda estou lutando por isto.

Vitor desencostou da parede e fez uma careta de dor.

— Eu sou um homem divorciado que hoje é comprometido com você, com mais ninguém — jurou. — Por mais que eu tenha errado em omitir os fatos, nunca menti para você. Não falamos do meu passado e muito menos do seu. Se quiser que eu vá embora e não volte mais, eu vou — afirmou. — Só quero que me entenda, não devo e nem tenho nada a esconder.

Ele esfregou o rosto.

— Eu te amo Sofia, mas não vou insistir se não quiser mais ficar comigo — suspirou. — Nem sei mais o que dizer, vou para casa e quando estiver pronta, me ligue.



Do lado de fora do quarto, Carlos desencostou da porta sentindo-se chateado por tudo o que ouviu. Acreditava na sinceridade de Vitor. Sentiu mais empatia pelo rapaz, ele ainda se mostrava muito forte depois de tudo o que passou.

Caminhou devagar para a sala e se sentou.

Seu coração estava apertado, mas sabia que sua filha faria a coisa certa. Ela não era injusta e logo faria as pazes com o namorado.

— Como eles estão? — Lucia perguntou ao se aproximar.

— Acho que vão ficar bem — disse para esposa.

— Por que esse olhar triste? — perguntou carinhosa.

— Às vezes a vida não é muito justa com as pessoas — respondeu cheio de pesar.

— A história dele é triste? — Se sentou ao lado de Carlos.

— Mais do que eu imaginava, espero que Sofia o perdoe por omitir os fatos.

— Ela vai, nossa menina tem um bom coração.

— Verdade — sorriu. — Prepare bolsas de água quente para o Vitor, acho que ele vai precisar.

— Vou fazer isto, ele parece pior do que na primeira vez que jantou conosco.

Carlos acenou concordando e Lucia foi para a cozinha.



Sofia virou na cama e seu rosto inchado do choro partiu o coração de Vitor.

— Sinto muito por tudo o que ela te fez passar hoje — disse com sinceridade.

Vitor se assustou quando ela se levantou rapidamente.

— Por que não me disse que estava passando mal? — questionou preocupada. — Por que não se sentou?

— Não me deixou aproximar — respondeu.

— Venha, se sente, pelo amor de Deus. Ficou todo esse tempo em pé — segurou seu braço. — Está todo molhado.

— Vou ficar bem — garantiu.

Se sentou devagar na cama e encarou o olhar preocupado de Sofia.

— Perdoe-me por não ter contado sobre Luciana — disse baixo.

— Deveria ter me contado — suspirou. — Me senti tão humilhada hoje.

— Sinto muito, *Soph* — disse com pesar. — Não posso prometer que ela não vai voltar, mas se acontecer, juro que vou fazer da vida dela um inferno.

— Você ainda fala com ela? — perguntou nervosa.

— Não, sempre a evito.

— Mas?

Vitor sorriu de leve.

— Mas nem sempre consigo me livrar da insistência dela — disse. — Espero que depois de hoje ela não volte.

Sofia estreitou os olhos para Vitor.

— Você a viu hoje? — perguntou.

— Sim, gritamos algumas verdades e eu juro que não a estrangulei — resmungou. — Apesar de que eu queria matá-la.

Se encararam em silêncio, cada um preso em seus próprios devaneios.

— Então, você me ama. — Ela disse baixinho.

Vitor sorriu.

— Pensei que já soubesse — respondeu.

— Você nunca disse antes — pontuou.

Ele segurou a mão dela e puxou Sofia para mais perto.

— Deixa-me corrigir isto — sorriu. — Eu te amo, Sofia, amo mais do que minha própria vida.

— Eu também te amo. — Sofia disse sinceramente.

— Sempre soube — sorriu presunçoso. — Por favor, Sofia, me perdoe.

Ela suspirou cansada.

— Juro que não fiz por mal — disse. — Sou honesto, nunca mentiria para você.

— Tudo bem, mas me prometa que nunca mais vai omitir coisas de mim — pediu.

— Eu prometo.

Sofia se abaixou um pouco e beijou os lábios de Vitor. Ele retribuiu sem pestanejar, abraçou a cintura dela e a inclinou na cama. Sofia riu, mas não se afastou.

— Será que seu pai me mataria se eu ficasse aqui por algumas horas te adorando? — questionou.

— Não sei, está disposto a correr o risco? — Sofia disse escovando os cabelos molhados de Vitor com os dedos.

— Por você? Sempre — afirmou rindo.

Vitor deitou sobre ela, ignorando a dor em seu joelho, e a beijou com intensidade. Queria ter a certeza de que estavam bem. Sofia o completava, fazia-o feliz. E beijá-la fazia com que aquele pequeno pânico que tinha começado a instalar em seu peito sumisse. Não queria perdê-la. Já não conseguia se imaginar longe dela, mas se fosse o que Sofia desejasse, se afastaria. Tudo por ela. Por querê-la bem. Por amá-la mais do que a si mesmo.

Se afastaram quando Vitor gemeu de dor, a posição em que estava não ajudava muito. Voltou a se sentar e fechou as mãos em punhos apertados.

— Vitor?

— Preciso de um minuto — murmurou.

— Está pior do que antes. — Se sentou ao lado dele.

— Trabalhei muito hoje e peguei chuva, sem contar que dirigi e não usei a maldita bengala para andar — rosnou cheio de dor.

— Não pode agir assim, Vitor. — O repreendeu. — Tem que se cuidar.

— Eu sei, mas eu estava com tanta raiva de Luciana que não pensei nas consequências — disse mal-humorado. — Só queria matá-la.

— Você não...

— Nunca machucaria uma mulher — garantiu emburrado.

Sofia se levantou.

— Fique aqui, vou pegar um par de roupas do Rodrigo para você — pediu preocupada.

— Pensei que queria tirar minhas roupas — brincou.

— Eu sempre quero, mas hoje cuidar de você é minha prioridade. — Sofia afirmou.

Vitor engoliu em seco e acenou concordando.

Sofia sorriu docemente para ele e agachou na frente dele.

— Nunca vai passar por sua crises sozinho, Vitor — prometeu. — Eu vou estar do seu lado para te ajudar.

— Obrigado — murmurou.

— Eu já volto — garantiu e o beijou rapidamente.

Saiu do quarto e foi para sala, encontrou seus pais conversando. Se calaram quando a viram.

— Sinto muito por preocupá-los — disse a eles. — Eu só queria ficar sozinha.

— Tudo bem, filha. — Lucia disse e sorriu.

— Estou novo para morrer de preocupação, mas eu te perdoo. — Carlos brincou.

Sofia riu.

— Obrigada, pai.

— Não por isto — disse sorrindo. — Onde está Vitor?

— O deixei no meu quarto, será que tem alguma roupa de Rodrigo aqui? Vitor está todo molhado e acho que as roupas geladas está fazendo-o ficar com mais dor — contou.

— Vou pegar para ele. — Lucia se prontificou. — Vou pegar uma toalha também, ele precisa tomar um banho e se aquecer depois de andar nesta chuva.

— Obrigada, mãe.

— Não por isto, querida — beijou o rosto de Sofia e se afastou.

Carlos bateu no sofá indicando que ela deveria sentar ao seu lado. Sofia se sentou e encostou a cabeça no ombro do pai.

— Vocês estão bem? — Ele perguntou.

— Acho que sim.

— Acha?

— Ah, pai, ele não me contou uma coisa importante — resmungou.

— E é mesmo tão importante assim? — questionou. — Pelo que sei, Vitor é um homem livre e ele somente omitiu o fato.

Sofia se afastou e o olhou em choque.

— Está defendendo ele? — perguntou.

— Não, só tentando ser justo — fez uma expressão de ofendido.

— Você está o defendendo! — exclamou. — Não sei se dou risadas ou fico preocupada.

— Sofia! — exclamou rindo. — Não estou, não!

— O que fez com meu pai ciumento? — brincou.

— Você é uma filha ingrata! Só estava tentando ajudar — protestou.

— Estou chocada! — riu.

— O que aconteceu? — Lucia perguntou.

— Pai defendendo Vitor — explicou rindo.

— Agora sim que o céu desaba em chuva. — Lucia o provocou rindo.

— Não estava o defendendo! — Carlos protestou.

— Sei. — Sofia o provocou.

— Só quero te ver bem. — Se defendeu.

Elas riram e Sofia pegou as roupas que sua mãe a entregou. Agradeceu e se afastou, mas parou e olhou para o pai.

— Vou conta-lo que tentou defendê-lo. — disse rindo.

— Não se atreva! — exclamou. — Ou vou colocá-la de castigo até seus trinta anos.

— Falta muito para que eu faça trinta — zombou.

— Mentirosa — riu. — Faltam seis anos e vai passar mais rápido do que imagina.

Sofia o olhou brava e foi para o quarto sem respondê-lo.

Encontrou Vitor sentado no mesmo lugar e se preocupou ao ver como sua expressão estava cansada. Parecia ter envelhecido uns dez anos somente naquele dia.

— Meu pai estava te defendendo pra mim — contou rindo.

— Não acredito! — arregalou os olhos. — O fim do mundo deve estar

próximo.

— Bem provável. — Sofia disse rindo.

— Agora vou pegar no pé dele por causa disto — prometeu.

Riram alto.

— Minha mãe mandou você tomar um banho, é melhor não desobedecê-la — disse e o entregou as roupas.

— Nunca ousaria — respondeu. — Obrigado.

— Não por isto, venha, vou te apoiar até o banheiro — ofereceu a mão.

— Não estou tão — calou quando levantou devagar. — mal assim.

Sofia arqueou a sobrancelha e Vitor suspirou.

— Talvez um pouco — resmungou.



Vitor se sentou no sofá meia hora depois com uma compressa de água quente sobre o joelho. Sua perna estava apoiada na mesa de centro, Lucia tinha insistido e ele não pode negar. Sofia tinha ido para o banho e a chuva tinha aumentado.

Encostou sua cabeça no sofá, fechou os olhos e suspirou, sentia o corpo mais relaxado e tranquilo, apesar da dor. Fez uma nota mental de marcar uma nova consulta. Existia a possibilidade de uma nova cirurgia que antes ele não gostava de considerar. Mas agora tudo o que queria fazer era se livrar daquela persistente dor. Seu médico tinha dito que não existia garantias, mas que não custava nada tentar, ou ele teria que viver com as crises pelo resto de sua vida.

Aos poucos o cansaço foi pesando e ele adormeceu no sofá sem perceber que o sogro o observava do corredor. Carlos tinha parado e encostado na parede quando o viu no sofá. Percebeu que Vitor estava tão distraído em seus próprios pensamentos que não percebeu sua presença.

Carlos sorriu de leve.

Soube que Vitor era o homem que faria sua filha feliz pelo resto da vida.

Ele tinha escolhido passar o resto da noite com Sofia, mostrar a ela que não tinha omitido os fatos por mal, do que a ir para casa descansar. A colocou em primeiro lugar. Era visível a exaustão do genro e o esforço em que fazia para não demonstrar a dor que sentia.

Ouviu a porta do banheiro se abrir e Sofia sair. Ela se aproximou e viu que Vitor tinha adormecido.

— Acorde-o e o leve para o quarto de Rodrigo — disse a ela.

Sofia sorriu para provocar o pai.

— Está caindo a maior chuva e o homem não está valendo nada, não sou tão cruel assim. — Se defendeu.

— Não disse nada — disse rindo.

— Então, para de me olhar assim — acusou.

— Tudo bem — respondeu. — Vou acordá-lo, mas vou levá-lo para o meu quarto.

— Nem pensar! — protestou.

Sofia revirou os olhos.

— Três coisas para te dizer — apontou um dedo para o pai. — Primeiro, eu não sou virgem. Aceita que dói menos. — Carlos gemeu em pavor. — Segundo, acha que Vitor tem condições de fazer alguma coisa essa noite? O homem parece ter sido atropelado por um caminhão.

Carlos olhou para Vitor adormecido em seu sofá e riu concordando.

— Vestido de dentista assim, todo de branco ainda parece um fantasma — brincou.

— Tadinho, pai.

— Você disse duas coisas, qual é a terceira que vai me convencer permitir esse absurdo na minha casa? — perguntou zombeteiro.

— Além de que agora é fã número um do Vitor? — O provocou.

— Engraçadinha — resmungou.

— Terceiro — disse rindo e depois ficou séria. — Quero ter certeza de que

ele fique bem, talvez precise de outra compressa ou um remédio. Não quero deixá-lo sozinho.

Carlos suspirou sabendo que sua filha estava certa. Tinha ouvido Vitor confessar que sua ex-esposa o deixava passar por sua crises sozinho e nunca o ajudava. Ninguém merecia isto, sofrer sozinho. Sem uma pessoa para ajudar.

— Tudo bem, filha — disse baixo. — Tenha certeza que ele fique bem.

— Eu vou — afirmou.

— Pegue a chave do carro dele para mim, vou guardá-lo na garagem.

Ele beijou os cabelos de Sofia e se afastou.

Sofia foi até seu quarto e arrumou sua cama para que Vitor não precisasse esperar para descansar. O acordou e o levou de volta para o quarto. Ele deitou e pediu um travesseiro a mais, para que pudesse elevar a perna. Sofia buscou outra compressa e um copo com água. Entregou a chave do carro para o pai e voltou para o quarto. Vestiu seu pijama e deitou ao lado dele.

— Queria estar mais disposto a irritar seu pai. — Vitor resmungou na escuridão do quarto.

— E o que pretendia? — perguntou já imaginando a resposta.

— Ter você nua debaixo de mim em sua cama e depois dar bom dia para o Carlos na cozinha — riu. — Ele saberia o que eu tinha feito e iria querer me matar.

— Você é terrível, Vitor.

— Não posso resistir — disse rindo. — Uma pena estar tão cansado.

— Descanse, Vitor, amanhã vai estar se sentindo melhor.

— E eu vou poder torturar seu pai — brincou.

— Gosto da forma que está querendo me usar. — Sofia disse e se aconchegou ao lado dele.

— Vai gostar ainda mais quando eu a tiver — prometeu.

— Estou contando com isto — riu.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Sinto muito por seu filho. — Sofia sussurrou.

— Eu também sinto muito. — Vitor murmurou com pesar.

— Como ele iria se chamar? — perguntou curiosa.

— Gabriel.

— Um pequeno anjinho.

Vitor não respondeu, mas sorriu. Era assim que pensava em seu filho, *um pequeno anjinho*.



Capítulo Dezoito

Vitor acordou sentindo o calor do corpo de Sofia contra o seu. Esfregou o rosto e respirou devagar apreciando o cheiro dos cabelos dela. Moveu a perna devagar e se sentiu aliviado de que o pior da dor tinha passado. Lembrou de que Sofia levantou duas vezes durante a noite para aquecer uma nova compressa. Seu coração se inchou com o cuidado que recebeu dela e prometeu sempre retribuir.

Se moveu devagar na cama e pegou o frasco de medicamento que deixou na mesa de cabeceira, na noite anterior. Jogou um comprimido na boca e tomou um pouco da água que Sofia tinha deixado ali.

Voltou a se aconchegar na cama, a temperatura tinha caído muito durante a noite tornando difícil sair debaixo do edredom quente, pode sentir o pijama elevado de Sofia. Segurou sua cintura e sua mão escorregou na pele macia dela até que alcançou um seio nu. Beijou seu ombro tentando acordá-la. Estava com saudades de tocar e tomar seu corpo. Da conexão que tinham. Mas era raro poder ter tanta privacidade durante a semana.

— Estou com sono, Vitor.

— *Soph.* — murmurou em seu ouvido.

Ela não resistiu por muito tempo.

Vitor insistiu até que Sofia o deixasse amá-la. Suas roupas saíram sem nem mesmo perceberem. Suas bocas se conectaram em um longo e doce beijo, quando se afastaram foi somente para sussurrar juras de amor.

Sobre aquele edredom quente, eles se amaram lentamente. Se uniram com uma ternura que só almas que se completam poderiam explicar, como notas suaves. O amor os preenchia com quentes esperanças e delicadas promessas.

Era mais um momento que se eternizaria em suas mentes.

Eternizados pelo tempo.

Pelo amor.

Pela vida.



Vitor tentou não sorrir quando encontrou Carlos na cozinha. Tinha deixado Sofia adormecida no quarto e se levantado.

— Se você sorrir, eu vou te chutar pra fora. — Carlos disse ainda de costas.

— Bom dia, sogro. — O provocou.

— Sogro o cacete! — resmungou bravo.

— Não precisa esconder que é meu fã — disse rindo e se sentou.

— Vou matar Sofia! — praguejou e colocou uma xícara na frente de Vitor.

— Vai nada — riu. — Quanto mau humor para uma manhã, não precisa ter vergonha de me amar.

— Idiota — resmungou e se serviu café.

Vitor pegou a garrafa de café e olhou maldoso para o sogro.

— Odeio você. — Carlos disse bravo.

— Não disse nada. — Vitor se defendeu e encheu sua xícara de café.

— Mas fez que eu sei! — exclamou irritado.

— Você não sabe de nada — riu.

Carlos estreitou os olhos para Vitor.

— Você fez, porque se fosse eu no seu lugar não teria ficado quieto mesmo que me arrancassem uma perna — falou mal-humorado.

— Está dizendo que somos parecidos? — O provocou.

— Vou socar você! — Carlos prometeu.

— Não vai socar ninguém, ainda mais meu genro. — Lucia disse entrando na cozinha. — Bom dia, Vitor, como se sente?

— Bom dia, Lucia, muito melhor que ontem.

— Está com uma cor melhor, vou preparar algumas coisas para você comer.

— Não precisa se preocupar, estou bem. — Vitor garantiu.

— Pare de bajular esse aproveitador de filhas. — Carlos resmungou.

Laura entrou com Rodrigo e riu.

— Filha, já te disse que ele se aproveita somente de Sofia — disse e beijou o rosto do pai. — Bom dia, pessoas.

— Você é uma péssima filha, não tem dó desse pobre pai. — Carlos disse.

— Pelo jeito o drama começou cedo nesta casa. — Rodrigo disse enquanto se servia café. — Bom dia, família.

— Seu pai é o rei dos dramáticos. — Lucia brincou.

— Deveria estar me defendendo. — Ele protestou.

— Só falta dona Lurdes e *Soph* para o show. — Laura brincou.

— Eu já estou aqui. — Lurdes se pronunciou entrando na cozinha.

— Falando no diabo. — Carlos resmungou.

Todos riram quando Lurdes acertou o genro com um soco no braço. Sofia apareceu dez minutos depois e como ela mesma gostava de dizer: O circo estava completo.

— Bom dia, família. — Sofia resmungou.

— Cara de quem fez sexo essa manhã. — Lurdes provocou.

Vitor quase engasgou com o café, Carlos cuspiu o seu e Rodrigo suspirou. Sofia deu de ombros, se serviu um copo com água e sentou ao lado de Vitor.

— Estou ótima, obrigada por perguntar, vó — disse tranquila.

— Vou te chutar junto com Vitor da minha casa. — Carlos ameaçou a sogra.

— Eu não disse nada! — Vitor protestou rindo.

— Olhar para você é motivo suficiente para te chutar — retrucou ciumento.

— E lá vamos nós para mais um capítulo sobre a vida de Sofia. — Laura

brincou.

— Pelo menos temos o que comer desta vez. — Rodrigo disse e deu uma mordida em seu pão.

— Seu pai me ama. — Vitor o provocou. — Descobri ontem que agora é meu fã.

— Nem se o inferno congelasse! — protestou o sogro.

— Mentiroso. — Sofia resmungou e olhou para Rodrigo. — Fã número um.

— Essa é novidade para mim. — Laura disse rindo.

— Então, esse ciúmes todo não é de Sofia. — Lurdes riu.

— E sim de Vitor! — Rodrigo completou causando gargalhadas.

— Não precisa ficar com ciúmes de mim, Carlos, nunca deixaria Sofia atrapalhar nosso relacionamento. — Vitor o provocou.

— Ele vai continuar sendo seu dentista. — Sofia jurou rindo.

— Sabem que eu ainda sou o chefe dessa casa? — Carlos perguntou mal-humorado.

— Meio pau mandado. — Lurdes brincou.

— Mas ainda é o chefe da casa. — Lucia respondeu e se sentou ao lado do marido.

— O que não significa que vamos esquecer que é fã de Vitor. — Laura disse rindo.

— Vocês não trabalham hoje não? — perguntou irritado.

Apesar dos risos, Carlos estava certo.

Sofia foi com a parte feminina de sua família para a floricultura e Vitor, depois de passar em casa, correu para o consultório.

— Agora me conte tudo o que aconteceu ontem à noite. — Rodrigo pediu ao pai.

Os dois não trabalhavam aos sábados, a não ser se aparecesse uma emergência. Carlos suspirou antes de narrar os acontecimentos da noite anterior.



Vitor: Oi, linda, passo aí mais tarde. Meus irmãos estão me arrastando para fazer trilha.

Sofia: Deveria ir mesmo fazer trilha hoje? Depois de como estava ontem?

Vitor: Somente duas horas.

Sofia: Você quem sabe.

Vitor: Te pego as 15h, tudo bem?

Sofia: Ok.

Vitor sabia que Sofia estava chateada, por suas respostas curtas. Ele realmente não deveria ir fazer trilha depois de sua crise, mas iria de qualquer forma. Não conseguia se manter preso a um joelho machucado.

Subiu em sua moto sentindo o mau humor aumentar, apesar da manhã incrível que teve. Encontrou seus irmãos no mesmo lugar de sempre e se aventuraram pelas trilhas. Ele foi mais prudente desta vez, não entrou em lugares difíceis como sempre fazia e como seus irmãos estavam fazendo. Principalmente, porque a chuva tinha deixado as trilhas mais perigosas e divertidas. Muita lama e grandes possibilidades de ficar atolado em algum lugar, algo que ele não poderia correr o risco, já que teria que usar as pernas para tentar sair.

Passou o tempo mais subindo e descendo morros do que enfrentando trilhas. Sua mente estava longe, levando seu bom humor junto. Ser um homem

limitado pela dor o fazia querer gritar de raiva.

Quando pararam no bar do senhor Mario duas horas mais tardes todos sabiam que Vitor não estava bem.

— Cervejas bem geladas a caminho. — Mario anunciou.

— Você é o melhor. — Dan gritou para o dono do bar.

— Eu sei, por isto os vejo uma vez por semana — respondeu e riu.

Vitor esfregou os cabelos da nuca e continuou olhando para o nada.

— Não conseguiu falar com Sofia? — Guilherme perguntou.

— Consegui — respondeu.

— Eu tentei pará-la, mas ela correu para fora do lugar — disse.

— Obrigado por tentar — murmurou.

— Luciana precisa de uma surra. — Pedro disse. — Ela passou de todos os limites.

— Ela não conhece a palavra limites. — Vinicius resmungou irritado.

— Conseguiu se entender com a Sofia? — Gustavo perguntou curioso.

— Sim.

— E por que todo esse mau humor, então? — Dan questionou.

Vitor não respondeu, Mario tinha retornado com suas cervejas. Pegou seu copo e bebeu metade do líquido gelado.

— Vou começar a me preparar para fazer a cirurgia no joelho — informou.

Todos o encararam em choque.

— Sabe que pode ser tarde demais e não funcionar. — Vinicius disse.

— E que pode piorar as suas crises. — Pedro falou e esfregou a barba.

— Vitor, você tem certeza? — Guilherme perguntou preocupado.

Ele encarou seus irmãos com determinação, estava cansado de precisar usar uma bengala em dias ruins. De passar noites em claro. De sentir tanta dor.

Queria voltar a ser o Vitor de antes, cheio de disposição para trilhas depois de uma chuva. Poder nadar no lago por horas sem se preocupar com o inchaço que daria em seu joelho. Jogar futebol sem seus irmãos o protegendo em jogadas duras. Subir em árvores sem medo. Dirigir por quantas horas quisesse.

Não ter episódios de dores terríveis.

Ser um homem melhor.

Ser um Vitor melhor para sua Sofia.



Estacionou na porta da casa de Sofia com uma hora de atraso, buzinou e logo ela apareceu no portão. Sua expressão fechada dizia o quanto estava brava com ele.

— Oi?

Sofia o olhou com impaciência e Vitor suspirou.

Colocou o carro em movimento e ficou calado esperando pelo momento em que ela desabafaria. Suspeitava o motivo do estresse e não tinha muito o que fazer. Seguiu por todo o caminho até sua casa em completo silêncio, o que estava começando a deixá-lo nervoso.

Esperou o portão abrir para estacionar o carro na garagem. Sofia saiu calada e ele pegou a sacola com o sorvete que comprou. Entraram pela porta dos fundos que dava na cozinha, guardou o pote de sorvete no freezer e observou Sofia se sentar na banquetta da ilha.

— Vamos ficar neste silêncio até quando? — questionou.

Encostou na bancada a encarado.

— Até minha raiva passar. — Sofia resmungou.

— Posso saber o motivo da raiva? — perguntou.

— Você me deixou esperando por mais de uma hora — disse brava. — E nem mesmo uma mensagem avisando que ia atrasar mandou.

— Foi por uma hora.

— Mais de uma hora! — exclamou.

— Me desculpe.

O fato dele ter falado de forma tão trivial a irritou mais.

— Simples assim? — perguntou Sofia.

— Me desculpei — disse confuso.

— E não foi sincero — retrucou irritada. — E além de tudo você foi fazer trilha, pelo amor de Deus.

— Sempre fiz e sempre vou fazer. — Vitor falou nervoso.

— Mas precisava ser depois de uma crise?

— Sofia...

— Tem que ser mais prudente, Vitor. — O repreendeu.

— Eu sou prudente.

— É mesmo? — Sofia não conseguiu evitar o sarcasmo.

— Acha mesmo que eu deixaria de fazer alguma coisa por causa do meu joelho ferrado? Eu não vou! Não vou porque não mereço isto! Desde sempre estive em cima de uma moto, jogo bola desde que aprendi a andar e não vou estragar minha vida por causa de um idiota que não sabe respeitar as leis de trânsito! — bradou.

Sofia arregalou os olhos, sua raiva tinha passado no susto que tomou ao vê-lo tão alterado. Forçou sua boca a se fechar pois sabia que seu queixo tinha caído em choque. Ficou em silêncio deixando que Vitor tivesse a oportunidade de desabafar.

— Estou cansado de ser um inválido — bufou de raiva.

— Você não é um inválido — disse baixo.

— Claro que sou, pelo amor de DEUS! — gritou sua última palavra.

Sofia mordeu as bochechas e respirou devagar.

— Não grite, por favor — pediu baixo. — Converse comigo, mas não grite.

Ele esfregou o rosto mostrando seu nervosismo e puxou de leve os cabelos.

— Perdoe-me por gritar — murmurou com sinceridade. — Só estou no limite.

— Converse comigo, Vitor — pediu e o olhou com simpatia.

Não tinha pena dele pelo problema com o joelho. Entendia que lidar com uma dor física constante nunca seria fácil. Por isto, não justificava ficar com dó ou pena, sempre deveria apoiá-lo.

— Sinto muito por perder o controle. — Vitor disse e se sentou ao lado dela.

Ele pegou as mãos de Sofia com delicadeza e suspirou ao ver a preocupação estampada em seus olhos.

— Nunca fui um homem de ser limitado — disse cheio de tristezas. — E hoje, quando fui para a trilha com meus irmãos não fiz nada além de passar por locais seguros — sorriu amargo. — Locais seguros, Sofia. Antes eu era o primeiro a entrar em uma possa de lama, incentivando aos outros a fazerem o mesmo — suspirou. — Mas hoje eu tenho que optar pelos caminhos mais planos e sem buracos, não subir em barrancos ou acelerar demais em uma longa descida. Isto me chateia, me deixa triste.

Quando Vitor se calou, Sofia apertou sua mão o incentivando a continuar.

— Trilha não é a única coisa que gosto de fazer e sabe disto.

— Eu sei — garantiu.

— E é por isto que eu decidi tentar uma alternativa antiga — informou.

— Que alternativa? — perguntou confusa.

— De fazer uma última cirurgia — contou surpreendendo-a. — E é minha única chance.

— Como assim? — arregalou os olhos.

— Ainda não posso falar muito agora, preciso marcar uma consulta primeiro e saber como vai funcionar depois do tempo que passou — explicou. — Mas existe a possibilidade de diminuir a quase zero a dor ou...

— Piorar muito. — Sofia concluiu.

— Sim.

— Você tem certeza? — perguntou Sofia sem esconder a preocupação.

— Tenho.

Sofia sentiu um pouco de medo se espalhar por seu corpo. Tinha medo de que piorasse tudo e Vitor sofresse ainda mais. No entanto, a determinação no olhar dele a fez tomar uma decisão. Apertou a mão de Vitor e não desviou o olhar.

—Então, eu vou estar ao seu lado em todos os momentos — prometeu.

— Sofia, não quero te sobrecarregar...

— Quietos, Vitor — ordenou séria. — Eu sou sua namorada e não é sobrecarga nenhuma ficar ao seu lado. Vamos passar por isto juntos, eu prometo.

Ele a encarou emocionado e engoliu em seco, aquele foi o momento em que acreditou em sua felicidade. Luciana nunca o apoiou em nada e muito menos o ajudou quando precisou. Agora, olhar para Sofia e ver sua determinação em ajudá-lo, o abalou.

— Me perdoe por ter gritado com você — pediu agora com sinceridade.

— Tudo bem. — Sofia sorriu para ele e toda a raiva de antes foi esquecida.

Vitor a beijou delicadamente, reafirmando o encontro de suas almas. Depositou naquele beijo todo amor que sentia. Sofia tinha acabado de ensiná-lo o que esperar de um relacionamento. Não importava como e nem onde, um casal sempre deveria enfrentar as coisas boas e ruins juntos.

Não existia dificuldade que não fossem capaz de superar, desde que permanecessem unidos.

Unidos por um amor real.

Encarar tudo de mãos dadas e não desistir nas horas mais difíceis. A cumplicidade era o grande segredo para uma vida feliz. Ser o porto seguro um do outro. Ter a confiança de que nunca ficará só.

Vitor sabia que mesmo que tudo desse errado em sua cirurgia, ele poderia olhar para o lado e a encontraria. Porque Sofia o amava com a mesma intensidade.

Se amavam com a alma.

Nunca poderiam se separar sem alastrar um vazio em seus espíritos.

Ela seguraria sua mão e prometeria que tudo ficaria bem.

Ele teria a certeza de não soltá-la e prometer que mesmo que tudo desabasse em dor para ele, a faria feliz.



Capítulo Dezenove

Na semana seguinte, Vitor teve sua primeira consulta. O médico mostrou novamente os pontos positivos e negativos da cirurgia, mas desta vez, havia mais chances de dar errado do que antes. Sofia tinha conseguido um dia de folga e o acompanhou, segurou sua mão dando-o a confiança e apoio que precisava.

Quando saíram de lá, foram direto para casa de Vitor e passaram o dia enrolados em meio aos lençóis de sua cama. Apesar de todas as preocupações, dedicaram-se a aproveitar o máximo daquele dia.

— Não quero ir. — Sofia murmurou olhando para sua casa.

Vitor tinha acabado de estacionar na porta.

— Não vá, fique comigo essa noite — disse sorrindo. — Ou a semana inteira.

— Case comigo primeiro — brincou.

— Este fim de semana está bom para você? — questionou Vitor.

— Não, essa semana é minha formatura.

— Droga. — Vitor fez uma expressão de desapontamento. — Vamos ter que marcar para outro dia, então.

— Outro dia — afirmou.

— Tudo pronto para o grande dia? — Ele perguntou.

— Grande dia? Ainda estamos falando de casamento?

— Estou falando da formatura — riu. — Mas acredito que não tenha nada pronto para o casamento.

— Não me subestime — brincou. — Estou ansiosa para que essa semana acabe logo e...

— Chegue a próxima já formada?

— Sim — gemeu. — Meu estômago parece que vai congelar com aquele

friozinho que se instalou nele.

Vitor riu e segurou o rosto de Sofia.

— Fique tranquila, amor — disse carinhosamente. — Vai dar tudo certo — jurou. — E depois que receber seu diploma, eu vou estar te esperando pronto para abraçá-la.

— Você é tão lindo.

— Eu sei, não consigo resistir ao meu próprio charme.

Riram juntos.

— Vá logo, antes que seu pai resolva vim te buscar.

— Ele ainda não chegou — disse checando as horas no relógio.

— Se é assim — deixou sua frase no ar e beijou Sofia.

Se a intenção era ajudá-la, não teve muito êxito já que borboletas invadiram o estômago de Sofia. Seus lábios dançaram com perfeição seguindo as notas suaves do momento, deliciaram-se com a maciez do toque.

Um respirou pelo outro quando faltou ar, mas não se afastaram. O beijo se aprofundou deixando-os presos por aquele contato tão íntimo, no entanto, Vitor e Sofia se sentiam livres. Livres para amar e serem amados.

A liberdade era o que alimentava o amor entre eles, caso contrário, seria como amarrar um barco ao cais ou cortar as asas de um pássaro.

O amor deve ser livre.

Livre para voar e navegar.

Livre para explorar.

Livre para sentir e amar.

Vitor se afastou lentamente e sorriu quando encontrou o sorriso de Sofia.

— Eu amo você. — Ela sussurrou ainda sorrindo.

— Eu te amo mais. — Vitor respondeu. — Agora vá antes que seu pai apareça do além e tente arrancar minha pele do corpo.

— Que horror, Vitor! — exclamou rindo.

— Ele teria coragem, você sabe — riu. — O homem é louco, apesar de ser meu fã.

Vitor arregalou os olhos em brincadeira.

— Vai que a pele que ele irá tirar será a sua? Já que agora ele confirmou seu amor por mim. — Vitor brincou.

— Vou embora. — Sofia disse rindo. — Você já foi contagiado pela loucura da família.

— Não tem cura? — questionou em um tom dramático.

— Não — riu. — Sinto muito informar, mas está condenado.

Riram alto.

— Não vai me abandonar? — Vitor perguntou.

— Não, seria como lidar com mais um louco familiar— deu de ombros.

— Fico mais aliviado.

Sofia riu e o beijou rapidamente.

— Te vejo na sua colação de grau. — Vitor prometeu.

— Estarei te esperando — respondeu e desceu do carro.

Vitor esperou que ela abrisse o portão para entrar antes de sair, olhou no retrovisor e avistou o carro de Carlos.

— Seu pai tem um ótimo *time* — disse do carro para Sofia.

Ela olhou para trás e encontrou o carro do pai. Sofia riu concordando e Vitor acelerou para longe.

Assim que Carlos estacionou o carro na garagem foi de encontro a Sofia, que o aguardava na varanda.

— Oi, filhota folgada — brincou e beijou os cabelos dela.

— Oi, pai — riu. — Por pouco não encontra com Vitor aqui.

— Eu o vi saindo, outro folgado — resmungou. — O que fez durante seu dia de folga?

— Quer mesmo saber? — brincou.

Carlos fez uma careta e gemeu de ciúmes.

— Não — balançou a cabeça.

— Estou brincando — riu. — Fui com Vitor ao médico e passamos o dia juntos.

— E o que o médico disse? — perguntou curioso.

— Tudo o que já sabíamos, os riscos são grandes, mas Vitor decidiu que quer se arriscar — deu de ombros tentando não mostrar sua preocupação.

— Vai dar certo — afirmou Carlos. — É corajoso da parte dele tentar, mesmo que tenha demorado a se decidir. Tenho certeza que vai dar certo.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou um pouco aflita.

— Não sei, chame de intuição masculina — respondeu.

Carlos não quis dizer que Vitor merecia que tudo desse certo. Depois de tudo o que enfrentou, acreditava que agora era o momento de paz para o genro. Piscou para Sofia e entrou deixando-a com suas preocupações.



Depois de muito suor derramado, provas e trabalhos concluídos, amizades feitas e conhecimentos construídos, era o momento de pegar a recompensa pelo esforço. Apesar do imenso calor debaixo da beca preta, o sorriso nunca saiu dos lábios de Sofia.

Sentia-se completamente satisfeita e realizada ao ver que tinha concluído a corrida, que teve a largada há quatro anos. Todo empenho durante sua árdua jornada de estudar e trabalhar, tinha valido a pena.

Levantou devagar quando seu nome foi chamado ao palco, olhou para trás e encontrou sua família a olhando com orgulho. Sorriu e acenou para eles, ajeitou o capelo nas mãos e caminhou até onde uma equipe de professores a aguardava junto com o diretor do curso. Aceitou as felicitações e agradeceu, o capelo foi posto sobre sua cabeça e recebeu o tubo postal. Posou para algumas fotos e caminhou para o outro lado do palco. Na ponta da escada encontrou Vitor com

um lindo sorriso e um buque de flores.

— Oi, amor. — Ele disse e piscou para ela. — Você está tão linda.

Estendeu uma mão e a ajudou descer os três degraus.

— Parabéns! — ofereceu a flores.

— Obrigada — fungou emocionada e abraçou o buque.

Vitor riu, segurou o rosto de Sofia e a beijou.

Aquela era a primeira de muitas conquistas que teriam juntos. O que não significava que Carlos iria permitir beijos e agarrações quando estivesse por perto. Puxou os ombros de Vitor e o afastou de sua filha.

— Pelo amor de Deus! — exclamou fazendo-os rir. — Pare de agarrar minha filha.

— Seu ciúmes de mim é lindo, Carlos. — Vitor o provocou.

— Continue sonhando com isto que vai acabar decepcionado. — Carlos respondeu e abraçou Sofia.

— Se comportem. — Sofia ordenou rindo.

— Eu sempre me comporto. — Seu pai se defendeu.

— Claro, como uma criança de cinco anos que teve seu doce preferido roubado. — Vitor o provocou.

— Por que mesmo eu deixo ele te namorar? — Carlos perguntou a filha.

— Porque você descobriu me amar como seu dentista e me quis por perto para o resto da sua vida. — Vitor respondeu.

— Saem os dois e deixem-me abraçar minha neta. — Lurdes se pronunciou.

— E podem parar com isto. — Lucia ordenou aos homens que riram concordando que elas mandavam.

Depois de alguns abraços e fotos, Sofia voltou para seu lugar para esperar o término da cerimônia. Uma hora depois estavam todos no salão de festa prontos para uma longa noite regada a bebidas e música. E quando digo todos, era realmente todos. Os irmãos e pais de Vitor fizeram questão de marcar presença em todos os momentos. A mesa com o nome de Sofia, era a mais cheia de todo o

local. Não existia outro formando com uma família tão grande como a dela e aquilo enchia seu coração de orgulho.

Diversão era eufemismo para aquela noite cheia de boas risadas.

— Beba um pouco. — Gustavo disse a Lurdes.

— Está tentando me embebedar! — O acusou e cheirou o copo. — Que cheiro terrível.

— É vodca com um suco de alguma coisa que não me lembro o nome — disse dando de ombros.

— Você está tentando dar vodca para minha avó? — Sofia perguntou.

— Eu? — Gustavo perguntou. — Claro que não, quem disse esse absurdo?

— Você é tão cara de pau. — Vitor disse rindo. — Não tome isto, Lurdes. Beba cerveja e vai ver o que está perdendo.

— Aonde já se viu, uma festa deste tamanho e não servirem licor? — Lurdes disse inconformada. — Que falta de elegância, na minha época nunca faltaria uma taça do melhor licor para os convidados.

— Como diria a Rose de Titanic, isto foi há muito tempo. — Carlos a provocou.

— Traste! — exclamou brava.

— Venha dança comigo, Lurdes. — Vinicius pediu já a puxando para fora de sua cadeira.

— Não sou tão moderna assim — protestou. — Sem contar que vou ficar cega com todas essas luzes piscando.

— Vamos logo, mulher — brincou. — Estou indo te levar para uma balada.

— Nunca fui em uma — disse rindo.

— É sua chance. — Vinicius respondeu.

Ele a levou para mais perto da boate e dançou com a avó de Sofia. Logo Daniel foi atrás deles e tomou Lurdes das mãos de Vinicius. Todos os rapazes dançaram com ela, até mesmo Carlos. Apesar de todas implicâncias, ele amava sua sogra como se fosse sua mãe.

Vitor pegou a mão de Sofia e a guiou para pista. A girou de leve e segurou sua cintura, balançaram ao som das batidas do DJ e se divertiram. Dançaram para lembrar da vida, aquecendo seus corações e almas que estavam conectados pelos mais puros sentimentos.

Nunca deixaram de sorrir um para o outro.

Vitor e Sofia escolheram a simplicidade para amar, encontraram o equilíbrio para o relacionamento. Se encararam nos olhos e deixaram que aquela calmaria os invadissem.

— Linda! — disse a ela.

Sofia piscou para Vitor e se aproximou mais no ritmo das batidas. Abraçou o pescoço dele e o beijou. Tudo ao redor pareceu girar em volta do casal tornando o momento inesquecível. Se beijaram com intensidade celebrando a primeira de muitas conquistas que passariam juntos.

O amor entre eles se expandia como o ar, aumentando a cumplicidade.

Seus corações pulsavam em sintonia, entrelaçando suas almas que dançavam rumo ao infinito.



Capítulo Vinte

Um vento suave passou por onde Vitor estava sentado à beira do lago com seus irmãos e amigos, bagunçando seus cabelos. Ele observava o brilho do sol sobre água com a mente longe. Sentia seus ombros leve, livre de qualquer preocupação que o assombrava meses atrás, apesar do leve desconforto no joelho.

Completava seis meses de que operou o joelho novamente e, por sorte ou alguma benção divina, diminuiu sua dor em oitenta por cento. Agora tinha uma qualidade de vida muito melhor do que antes e não existia mais crises de dor. Continuava a fazer fisioterapia três vezes por semana e não tinha mais tantas restrições. Aos poucos estava voltando a rotina e vivendo como antes, talvez não tão igual já que hoje se considerava um homem feliz.

A risada dela chamou sua atenção. Vitor ergueu o olhar e encontrou sua namorada no deque do lago acompanhada das mulheres. O vento bagunçou o cabelo de Sofia e ela colocou os fios atrás da orelha.

Vitor se segurou para não sorrir.

Linda. Pensou apaixonado.

Estavam juntos há mais de um ano e ele apreciava cada instante que passaram juntos. Até mesmo aquelas brigas boas, onde na maioria das vezes era o único culpado por irritá-la. Não a trocaria por nada neste mundo. Entendeu o significado de felicidade ao lado de Sofia, aprendeu a amar verdadeiramente junto a ela e jamais seria capaz de magoá-la.

Amava abraçá-la por toda a noite. Velar seu sono enquanto seu coração afirmava veementemente que encontrou a mulher certa. Sofia era a pessoa pela qual queria passar o resto de sua vida. Construir uma família com os bons sentimentos que os envolvia.

Sofia era o seu sol em dias chuvosos.

Seu fôlego quando faltava o ar.

Ela olhou em sua direção e acenou. Vitor ergueu a lata vazia de sua mão e

sorriu para ela. Assustou-se quando uma mão forte bateu em seu ombro.

— Pare de babar. — Carlos praguejou.

Ele e Rodrigo tinham se juntado ao grupo de homens a beira do lago, algo que era quase uma tradição para os meninos desde criança. Sempre se sentavam no mesmo lugar, anos atrás com doces e refrigerantes. Hoje em dia, sempre acompanhados por cervejas e boas conversas.

— Estou ficando diabético com esse namoro. — Vinicius brincou.

— Eu já estou. — Daniel confirmou rindo. — É amor demais para esfregar na nossa cara.

— Pelo menos não estão se agarrando. — Pedro resmungou.

— Só por cima do meu corpo morto. — Carlos disse bravo.

— Já te disse hoje que seu ciúmes de mim é lindo? — Vitor o provocou.

— Vou matá-lo junto com o dragão Lurdes — ameaçou.

— Vai nada, você me ama. — Vitor brincou. — E qualquer coisa, Guilherme me protege.

— Não me ponha no meio desta história. — Seu irmão protestou.

— Você é o irmão mais velho, tem sempre que me proteger. — Vitor afirmou.

— Vocês já cresceram — deu de ombros. — E não tem mais salvação para esse seu relacionamento com o Carlos.

— Eles se amam demais. — Gustavo disse provocando gargalhadas.

— Não temos relacionamento nenhum. — Carlos protestou. — Me respeite que eu ainda sou seu sogro e cliente.

— Me ama demais. — Vitor disse para Rodrigo.

— Outra? — Rodrigo perguntou rindo.

— Sim. — Vitor respondeu amassando sua lata.

Pegou a que Rodrigo jogou, torceu o lacre e tomou um longo gole.

— Esse vai mais um na lista dos inúmeros assuntos que não vou me meter.

— Rodrigo garantiu rindo.

— Deveria ficar do meu lado. — Carlos protestou.

— Estou do lado da pipoca. — Rodrigo afirmou.

Todos riram concordando.

— Quem era a mulher de sexta à noite? — Pedro perguntou para Vinicius.

— Alguém — respondeu rindo. — Que balançou minha cama a noite toda.

— Aonde você arruma tanta mulher? — Rodrigo perguntou e riu.

— Na academia. — Vinicius riu. — Já disse pra começar a malhar comigo, vou te arrumar uns contados.

— Ele só quer seu dinheiro. — Daniel disse.

— Mas funciona. — Pedro falou rindo.

— Nosso *Stifler*. — Vitor brincou.

— Cada gata com roupa colada. — Gustavo disse. — Pena que não tenho tanto tempo para ir na academia mais.

— Você e Vitor tem trabalhado demais. — Guilherme disse.

— É por isto que ganhamos bem. — Gustavo provocou o amigo.

— Ele fala como se não trabalhasse mais do que qualquer um de nós. — Vitor disse se referindo a Guilherme.

— Não tenho muito o que fazer e detesto ficar atoa. — Guilherme deu de ombros.

— Estou precisando de alguém que me ajude trocar o telhado da garagem, pode fazer isto depois de seus turnos. — Carlos provocou Guilherme.

— Minha área de churrasqueira precisa ser pintada. — Vitor disse. — E eu sou seu irmão, tenho preferências.

— Viu só por que prefiro ficar no batalhão? — questionou Guilherme. — Vocês são um bando de folgados.

— Eu nem pedi nada. — Vinicius se defendeu. — Mas se me der tempo, posso pensar em algo.

— Idiota. — Guilherme jogou o lacre de sua lata no irmão.

Riram e começaram a fazer uma lista de coisas que Guilherme poderia fazer para eles.

— Ei, meninos, vamos almoçar. — Elis os chamou.

— Já estamos indo, mãe. — Pedro garantiu.

Se levantaram juntos e organizaram a bagunça. Gustavo levou o cooler com as cervejas. Vitor subiu o gramado sem precisar de ajuda e sorriu orgulhoso para o irmão mais velho. Sofia se juntou a ele e juntos foram almoçar com aquela família barulhenta de que tanto amavam.



De mãos dadas caminharam na direção da trilha em silêncio. A maioria das pessoas já tinham ido embora, mas Vitor queria um tempo com Sofia no local onde se amaram pela primeira vez.

Sentaram no gramado e ficaram olhando o pôr do sol.

No entanto, a atenção de Vitor tinha se voltado para Sofia. Observava como ela ficava linda iluminada pelos últimos raios de sol.

— Pare de me olhar assim. — Sofia disse sem desviar o olhar do horizonte.

— Assim como?

— Com essa cara de bobo — brincou e abraçou os joelhos.

— Não posso fazer muito a respeito, nasci com essa cara de bobo.

Sofia riu alto.

Ela desviou o olhar e encontrou Vitor a encarando com olhos brilhantes.

— Amo você, seu bobo — disse sorrindo.

— Eu te amo mais. — Vitor garantiu. — Acho que deveria te agradecer.

— Pelo que? — perguntou confusa com a mudança de assunto.

— Por me dar esperança.

Ela ficou calada esperando que Vitor continuasse.

— Eu não tinha muita esperança antes daquele dia na floricultura — explicou. — Acreditava que não poderia ser feliz com uma mulher, que não estava destinado a isto — deu de ombros. — Acho que até aceitei a ideia de ficar sozinho, mas conhecer você mudou isto. Você tem um brilho incrível, um olhar leve e sorridente. E eu amo isto em você, amo seu olhar sorridente.

— Você está tão romântico hoje. — Sofia disse sentindo o coração bater mais forte.

Vitor sempre foi muito sincero sobre seus sentimentos, mas ele nunca falava muito mais do que achava necessário.

— Continue — pediu em um sussurro.

Queria ouvi-lo falar mais.

— Você me encheu de esperança — garantiu.

Ele soltou os braços de Sofia dos joelhos e sem avisar a deitou sobre o gramado. Ela gargalhou surpresa e Vitor se inclinou sobre seu corpo.

— Quer ouvir mais? — questionou sorrindo.

— Quero.

— Detesto não poder dormir com você todos os dias, apesar que seu pé parece uma pedra de gelo de manhã.

— Vitor — bateu no braço dele.

— É verdade — afirmou rindo. — Mas eu amo ter você a noite inteira pra mim, mesmo que seja somente nos finais de semana. Não posso mais viver sem seu cheiro, seu calor, sua voz. Não posso mais ficar sem você.

— Não vai — garantiu Sofia.

Vitor suspirou e sorriu.

— Chega de falar — exigiu e afastou uma mecha do cabelo de Sofia.

Sofia abriu a boca para protestar e Vitor a cobriu com seus lábios. Engoliu seu protesto e sua risada, até que foi retribuído.

O beijo iniciou cheio de diversão e se tornou repleto de promessas. Em

frente aquele lindo pôr do sol se beijaram prometendo se amarem de janeiro a janeiro. A sempre caminharem de mãos dadas, mesmo que seja pelo mais longo e difícil caminho. Enxugar as lágrimas derramadas, com a promessa de que mesmo que nada fique bem sempre estariam um ao lado do outro.

Mesmo que não cumpra muitas dessas promessas, eles prometiam nunca deixar de amar.

Porque o amor era livre para voar e navegar, e não deveria ficar preso em promessas.

Esse era o amor real.



No caminho de volta para a cidade o celular de Vitor tocou, ele encostou o carro e atendeu a chamada.

— Diga, Gui.

— Vitor?

— Sim, quem fala? — questionou e piscou para Sofia que o olhava com atenção.

— Sou um oficial do corpo de Bombeiros, houve um acidente com o senhor Guilherme Soares...

O coração de Vitor parou na última batida enquanto ouvia o bombeiro na chamada.

Continua...



Epílogo

Dois anos depois.

Sofia não conseguia parar quieta, andava de um lado para o outro cheia de aflição. Suas mãos suavam frio de nervosismo e seu coração batia tão forte que Sofia chegou a acreditar que poderia enfartar.

— Precisa ficar quieta, Sofia. — Laura pediu pacientemente.

— Não consigo — murmurou.

Sua irmã continuou por mais meia hora falando e falando que ela deveria se acalmar, mas Sofia mal ouviu. Sua cabeça estava cheia de inseguranças e medos. Só parou de caminhar pelo quarto do salão em que estava quando seus pés começaram a doer.

Se sentou apressadamente sem se importar em amassar o vestido e arrancou os sapatos dos pés. Os jogou no chão de qualquer jeito e nem pensou no trabalho que teve para encontrar aquele par perfeito para o dia mais importante de sua vida.

— *Soph*, o que está fazendo? — Laura perguntou brava.

Ela não respondeu e voltou a caminhar. Não conseguia se concentrar nas coisas que sua irmã dizia. Até que percebeu que começava a ofegar em pânico. Tentou se acalmar e não conseguiu.

— Ela está tendo alguma coisa — ouviu Laura dizer. — Vem rápido.

Dez minutos depois a porta se abriu e seus pais entraram cheios de preocupações.

— O que foi, filha? — Lucia perguntou.

— Precisa de um médico? — Carlos perguntou. — Você está pálida.

— Desistiu de casar? — Laura perguntou e seus pais arregalaram os olhos.

Isto mesmo!

Era o dia do seu casamento e ela estava em pânico.

Vitor tinha feito o pedido alguns meses atrás na praça do Mirante onde se beijaram pela primeira vez. Foi lindo e inesquecível, sua lista de momentos que nunca poderia esquecer continuava crescendo. Vitor nunca deixava de surpreendê-la ou de demonstrar seu amor.

Mas agora a cabeça de Sofia só conseguia pensar em como ela poderia ser uma péssima esposa. Ou em como Vitor poderia detestar a forma que ela cozinhasse ou cuidaria da casa.

E se ela não o fizesse feliz durante o casamento?

E se ...

Sua cabeça doía com tantas dúvidas que entrar em pânico se tornou o menor de seus problemas.

— Não diga isto, Laura. — Sua mãe a repreendeu.

— Ainda dá tempo, filha. — Carlos disse e recebeu um tapa da esposa.

— Não comece com isto agora — ordenou.

— Só estava tentando ajudar — protestou.

— Ajudou muito com suas implicâncias durante a preparação do casamento. — Lucia o xingou.

— E agora ela está em pânico e não quer contar o que está passando na mente dela. — Laura repreendeu o pai.

Sofia o olhou e se lembrou de todas as farpas trocadas entre ele e sua avó sobre o casamento. Sobre como ele não queria que ela fosse morar em outro lugar. Ou como sentiria sua falta. Como Vitor deveria só namorá-la a distância. E qualquer outra besteira que vinha em sua mente.

Sofia sabia que era tudo brincadeira, mas agora só ajudou para piorar as coisas.

— Filha. — Carlos a chamou com carinho. — Eu quero que seja feliz, saiba que tudo era brincadeira, menos a parte que vou sentir muita saudade — sorriu emocionado. — Aquele homem te ama e vai fazer o impossível para que seja

feliz. Respire fundo e vá se encontrar com ele naquele altar lindo.

Os olhos dela encheram de lágrimas e seus lábios tremeram.

— Sofia, se acalme, querida. — Lurdes pediu preocupada.

— Nos diga o que precisa e vamos trazer para você. — Carlos prometeu.

— O que precisa para se sentir melhor? — Laura perguntou ansiosa.

— Vitor — sussurrou.

— Vitor? — perguntaram juntos.

— Sim.

— Mas vai atrasar muito o casamento. — Laura protestou.

— Eu quero o Vitor — choramingou.

— Cacete. — Carlos resmungou.

— Você pode falar com ele quando chegarmos na casa do lago. — Lucia disse tentando acalmar Sofia.

— Preciso dele agora, por favor — choramingou.

— Vou trazer o Vitor. — Carlos garantiu.

Lucia e Laura olharam assustadas para ele.

Carlos beijou a testa de Sofia e saiu do quarto.

Vinte minutos depois um toque suave na porta informou que ele tinha chegado. Sua mãe e irmã saíram depois que Sofia prometeu que não deixaria Vitor a ver antes da cerimônia.

— Amor? — A voz dele tremeu de leve.

Sofia encostou na porta com o corpo tremendo com uma emoção que nunca tinha experimentado antes. Do outro lado, Vitor se encostou da mesma forma. Seu coração estava ameaçando parar se Sofia dissesse que não queria mais casar com ele.

— Vitor — choramingou alto.

— O que foi, *Soph*? O que aconteceu?

Ela mordeu os lábios trêmulos e ficou em silêncio. Tentava achar um jeito de encontrar sua voz.

— Não quer mais se casar comigo? — Ele perguntou aflito.

— Não! – exclamou. — Não, quero dizer, sim... eu quero.

— Você quer? — Vitor perguntou ansioso.

— Quero! — afirmou alto.

Vitor suspirou aliviado.

— Então, me conte qual o problema, amor — pediu preocupado.

— Estou com medo.

— Medo? — questionou confuso.

— Sim.

— Medo de que, *Soph*?

Ela ficou em silêncio novamente quando seus lábios voltaram a tremer com o choro contido.

— De não ser uma boa esposa... De não te fazer feliz... De não dar certo... Pode parecer bobo...

— Não é bobo. — Vitor afirmou. — Está encostada na porta?

— Estou — respondeu com a voz embargada.

— Vou abrir um pouco a porta e quero que me dê sua mão, já que fui ameaçado se caso me atrevesse a vê-la antes do casamento.

Sofia riu ainda com os lábios trêmulos e desencostou da porta. Vitor abriu um pouco e sua mão apareceu no campo de visão de Sofia.

— Segure minha mão, amor — pediu calmamente.

Agora que Sofia disse qual era o problema, Vitor se sentia tranquilo. Não poderia dizer a mesma coisa se ela falasse que não queria mais se casar. No entanto, ele só precisava passar a segurança que ela tanto necessitava naquele momento.

A mão gelada de Sofia encostou na de Vitor e seus dedos entrelaçaram.

— Estou feliz que tenha medo, Sofia — disse.

— Está?

— Sim, o medo nos faz mais humanos — afirmou. — Ficaria preocupado se não estivesse nem com um friozinho na barriga.

— E se eu não o fizer feliz? — perguntou aflita.

— Você já me faz feliz, *Soph* — garantiu. — Sei que tem um monte de perguntas e medos, mas eu estou aqui com você. Vamos passar por qualquer coisa, desde que estejamos juntos — afirmou. — Eu também estou com medo — confessou.

— Está?

— Estou — sorriu de leve. — Tenho esse medo desde que a beijei pela primeira vez.

— Que medo?

— De que eu não consiga te fazer feliz — apertou a mão dela devagar.

— Você me faz feliz. — Sofia afirmou fungando.

— Talvez não seja a mesma coisa que está sentindo, *Soph*, mas eu também tenho essa insegurança. Porque eu te amo mais que tudo nesta vida e o mais importante para mim é te ver sorrir.

— Amor...

— Não tem como se preparar para o amanhã, ou o mês que vem. Muito menos para os próximos anos — disse firme. — Mas eu estou pronto para o agora, Sofia. Pronto para me casar com você no deque da casa do lago. Pronto para prometer todo meu amor a você mais uma vez. Pronto para dizer que é a noiva mais linda de todas. Pronto para te dar meu sobrenome. Pronto para te beijar pela primeira vez como minha esposa. Pronto para te amar para sempre, porque meu amor por você é tão grande que não tem um prazo de validade. Talvez para sempre e mais trinta dias, só por garantia — brincou emocionado. — E você, Sofia, está pronta?

— Estou pronta — afirmou sentindo o coração se acalmar.

— Estarei te esperando no altar — prometeu.

— Vou caminhar direto para ti. — Sofia prometeu. — Amo você, Vitor.

— Eu te amo mais.

Seus corações se acalmaram na mesma batida. Entre aquela porta, cada um de um lado, com seus dedos entrelaçados mais uma vez Vitor e Sofia mostraram o quanto era real o amor. E ele não vinha somente com certezas, pelo contrário.

O amor trazia muitos medos e incertezas que só poderiam ser superados vivendo um dia de cada vez...

... E de mãos dadas porque todo o caminho seria protegido pelo Amor Real.



Capítulo Bônus

Por Vitor.

— Vamos ter um bebê! — anunciei de uma vez.

Sofia beliscou minha cintura e me olhou brava. Toda nossa família estava reunida na nossa área de churrasqueira. E já tinha duas semanas que procurávamos uma forma de contar sobre a gravidez.

Carlos foi o primeiro a engasgar com a cerveja, me fazendo rir. Rodrigo cuspiu todo o líquido da boca e meu pai deixou o copo cair. Já estávamos bebendo a algumas horas e pareceu ser o melhor momento depois de alguns copos. Estavam aparentemente relaxados, devido ao álcool e eu não poderia perder a oportunidade.

— Disse para ser delicado. — Ela resmungou brava.

— Não existe esse tipo de coisa nesta família, querida — digo e ela revira os olhos.

— Eu vou te matar, Vitor. — Carlos ofegou. — Assim que me coração se acalmar.

— Vai nada — digo rindo.

— Rápido e certo, assim que eu gosto! — Lurdes exclamou batendo as palmas.

Gargalhei.

Somente quatro meses de casamento e eu já tinha a engravidado. Conversamos que não queríamos esperar e começamos a tentar em nossa lua de mel.

— Parabéns! — Minha mãe foi a primeira a me abraçar.

Eu e Sofia não escapamos dos inúmeros abraços, beijos e tapas nas costas.

Eles estavam realmente felizes pelo novo membro da família que ainda se formava no ventre da minha esposa.

— Preciso de um médico. — Carlos anunciou do mesmo lugar.

— O que você tem pai? — Laura perguntou rindo.

— Um treco! — exclamou. — Não ria de mim, filha ingrata!

— Você é uma figura pai! — Rodrigo disse e riu.

— Esse maldito já engravidou minha filhinha — gemeu cheio de frustração.
— Sou muito novo pra ser avô.

— Novo? — Lurdes perguntou. — Já está esclerosando. De novo não tem nada!

— Cale a boca, seu Dragão-de-Komodo. — Ele praguejou.

— Verme! — Ela o xingou e nós rimos.

Sofia se aproximou dele segurando para não rir.

— Pai, está pálido — disse rindo.

— Claro que estou pálido! — exclamou causando outra onda de risadas. — Esse idiota nem esperou eu me acostumar com a ideia de ter uma filha casada! — fez uma careta. — Agora vou ser avô! Pelo amor de Deus!

— É igualzinho um velho babão. — Lurdes o provocou. — Só sabe reclamar.

— Carlos, beba um pouco de água. — Lucia ofereceu um copo a ele.

Quando pegou vimos sua mão tremendo, fui o primeiro a gargalhar.

— Fica firme, homem! — Guilherme o provocou.

— Mole demais. — Meu pai riu.

— Ele tá mais branco que os uniformes do Vitor. — Vinicius brincou.

— Vou guardar isto pelo resto da vida! — Pedro disse mostrando que filmava tudo.

— Eu também. — Daniel ergueu o celular e tirou uma foto de meu sogro.

— Quem diria que aquele homem que ameaçou Vitor no consultório iria perder a cor só por saber que vai ser avô. — Gustavo zombou. — Levanta daí, homem, e dá uns socos no Vitor por engravidar sua filha.

— Como sempre, você é de grande ajuda — ironizei.

— Disponha — riu.

— Vocês não estão ajudando muito. — Laura disse rindo.

— Pai, beba um pouco da água. — Sofia insistiu. — Não está feliz por mim? — perguntou.

Segurei o riso.

Tínhamos conversado antes que a chantagem emocional era a melhor saída para lidar com Carlos.

— É claro que estou feliz — afirmou ainda pálido.

— Não é o que parece. — Ela disse firme a ele.

— Só fui pego de surpresa — disse e tomou a água.

Vi os olhos de Sofia encherem de lágrimas e me preocupei, a gravidez já estava mexendo com o emocional dela. Chorava até mesmo se visse uma borboleta voando.

— Não chore, filha, por favor. — Ele implorou agora preocupado com Sofia.

— Achei que iria ficar feliz — fungou.

— Claro que estou feliz — garantiu e abraçou Sofia. — Agora você vai conhecer o amor puro, principalmente, quando tiver essa pequena menininha em seus braços.

— Como sabe que é menina? — Sofia perguntou fungando.

Me aproximei dela e abracei sua cintura quando Carlos a soltou.

— Intuição de pai, no caso, de avô que é pai duas vezes — respondeu.

Puxou Sofia para outro abraço e me olhou feio quando beijou os cabelos de minha esposa. Dei uma risada e todos ao meu redor também viram a ameaça clara no olhar de Carlos. Não me importei, aquela era minha nova família. Uma

grande loucura depois dos novos membros, mas uma família.

A vida tinha me dado uma nova chance.

Um amor novo.

Uma mulher linda.

Uma esperança que crescia preguiçosamente no ventre daquela linda mulher, minha esposa, meu amor.

Meu Amor Real.



Agradecimentos

Agradeço sempre a Deus em primeiro lugar, sem ele acredito que não concluiria mais esse trabalho tão lindo e sonhado trabalho.

Também, gostaria muito de agradecer a pessoas especiais, que tanto me ajudaram durante toda a criação do primeiro livro da série, Destinados a Amar.

André Felipe, suas piadas bobas enfim ganharam uma grande utilidade. Se não fosse seu bom humor recheando meus dias e estressando outros, esse livro não teria ficado tão encantador. Amo você, nunca se esqueça disto.

Raquel Martins, sua amizade fez toda a diferença para meu crescimento. Sou muito grata por sua paciência em ler meus capítulos e me dizer o que preciso mudar. Importante ressaltar que não surtou com minha ansiedade em ter sua opinião.

Katiane Kalks, prima responsável pela divulgação do meu trabalho com a literatura para parte da família. Sou muito grata por todo incentivo que me deu, mesmo com sua dificuldade de guardar segredos, e também pelos muitos conselhos. Sem seu apoio, acredito, que não teria sido tão fácil.

Table of Contents

[ERIKA MARTINS](#)

[Copyright © 2018 ÉRIKA MARTINS](#)

[2018](#)

[Sumário](#)

[Querido leitor,](#)

[Para o meu Amor Real ...](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Dois anos depois.](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Por Vitor.](#)

[Agradecimentos](#)